



Ministério da Educação
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Coordenadoria de Ensino e Integração Acadêmica

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CULTURA,
LINGUAGENS E TECNOLOGIAS APLICADAS**

Comissão Técnica:

Prof. Dr. Cláudio Orlando Costa do Nascimento (Presidente da Comissão),
Prof. Dr. Danilo Silva Barata,
Profa. Dra. Rita de Cássia Dias Pereira Alves,
Prof. Dr. Juvino Alves dos Santos Filho.

Revisão: Prof. Dr. Armando Alexandre Costa de Castro e
Profa. Dra. Tatiana Rodrigues Lima.

APRESENTAÇÃO

**Formulário
Nº 01**

Apresentação do projeto político pedagógico do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (BICULT), integra o Centro Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas - Santo Amaro da Purificação (CECULT), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Breve Histórico sobre a UFRB e CECULT

A primeira manifestação que se tem registro sobre a vontade da sociedade do Recôncavo da Bahia para a criação de uma universidade nesta Região é atribuída à Câmara de Santo Amaro, em reunião realizada no dia 14 de junho de 1822. Durante o século XX, a Escola de Agronomia, unidade da Universidade Federal da Bahia (UFBA), localizada em Cruz das Almas, constituiu o núcleo aglutinador de propostas para a criação de uma Universidade Federal na Região. Assim, no século passado, em diferentes momentos e em documentos de diversos formatos, foram encaminhadas à Presidência da República, ao Ministério da Educação e ao Congresso Nacional solicitações da sociedade do Recôncavo para o estabelecimento de uma instituição de ensino superior federal na Região.

A história da criação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) teve seu início no ano de 2002, por meio de mobilização da sociedade civil da Região, conjugada com a iniciativa do Reitor da UFBA, professor Naomar Monteiro de Almeida Filho, que no dia 7 de outubro propôs a criação da UFRB, em reunião com a bancada de deputados federais e senadores baianos. No ano de 2003, o Conselho Universitário da UFBA em reunião extraordinária discutiu a proposição de desmembramento da Escola de Agronomia da UFBA para criar uma universidade federal no Estado da Bahia. O egrégio Conselho Universitário da UFBA deliberou, naquela ocasião, por formar uma comissão com o objetivo de realizar uma proposta de criação do que viria a ser a UFRB.

No segundo semestre do ano de 2003 realizaram-se audiências públicas nos municípios de Amargosa, Cachoeira, Castro Alves, Cruz das Almas, Maragogipe, Mutuípe, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Félix, Terra Nova e Valença, todos os municípios constitutivos do Recôncavo Sul da Bahia, com o objetivo de mobilizar a comunidade e criar um ideário capaz de reunir forças de todos os matizes políticos em torno da criação de uma universidade, localizada no interior do Estado da Bahia. Transposta, com sucesso, esta etapa, foi entregue ao Presidente da República,

Luis Inácio Lula da Silva a proposta de criação da UFRB em outubro de 2003.

No mês de março de 2005, a Escola de Agronomia da UFBA ampliou suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, com a criação de três novos cursos de graduação: Engenharia Florestal, Engenharia da Pesca e Zootecnia. Essa iniciativa fortaleceu o propósito de criação de uma nova universidade. Naquele mesmo mês, a Presidência da República enviou o Projeto de Lei de Criação da UFRB para o Congresso Nacional. Em 06 de julho de 2005 o Projeto foi aprovado pela Câmara de Deputados Federais e, em 12 de julho do mesmo ano, também foi aprovado pelo Senado Federal.

A UFRB, com sede no município de Cruz das Almas, foi criada pela Lei 11.151, de 29 de julho de 2005, por desmembramento da Escola de Agronomia da UFBA, com o objetivo de ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária. No ato de sua criação, passaram a integrar a UFRB os cursos de todos os níveis integrantes da Escola de Agronomia da UFBA. Os alunos regularmente matriculados nos cursos foram transferidos e passaram automaticamente a integrar o corpo discente da UFRB. Também foram redistribuídos para a UFRB os cargos ocupados e vagos do Quadro de Pessoal da UFBA, disponibilizados para funcionamento da Escola de Agronomia.

A UFRB possui, atualmente, 7 Centros de Ensino: Centro de Formação de Professores (Amargosa), Centro de Artes, Humanidades e Letras (Cachoeira), Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas e Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (Cruz das Almas) e Centro de Ciências da Saúde (Santo Antônio de Jesus), Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (Feira de Santana) e Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (Santo Amaro da Purificação).

O Brasil, em especial, a Bahia atravessa um período relevante de expansão da educação superior. O campus de Santo Amaro consta no projeto inicial de implantação da UFRB (criada pela Lei no. 11.151, conforme Diário Oficial de 29 de Julho de 2005). Essa conquista se deve, fundamentalmente, às estratégias, ações e compromissos acadêmicos, associados às lutas sociais por educação. A criação do CECULT simboliza a atual política de crescimento do país, que tem colocado como questão central a educação superior, o ensino, a pesquisa, a extensão, a ampliação de oportunidades e inclusão social, com vistas a intensificar a formação cidadã e profissional no interior da Bahia.

O CECULT representa uma experiência pioneira, inspirada nos estudos interdisciplinares nos campos da cultura, das tecnologias, das linguagens artísticas, da engenharia do espetáculo e da economia criativa. Formações, produtos e serviços oriundos dessa proposta impactarão a dinâmica social e econômica da região e do estado da Bahia. Notadamente, por constituir um novo campo de desenvolvimento

associado à vocação, aos padrões de criatividade e inovação dos setores da terra mais diretamente ligados à cultura.

O projeto do BICULT conforma uma matriz teórica, uma arquitetura curricular e um referencial metodológico que se articulam num modelo de formação universitária integrado, modular em ciclo. Através dessa concepção de estrutura curricular denominada 'regime de ciclos', adotada em atenção às políticas emancipatórias e críticas no campo do currículo, dos estudos epistemológicos e formativos, o projeto propõe a adoção de modelos pedagógicos ativos e abertos, de novas tecnologias de ensino-aprendizagem, que integram o pensamento pedagógico contemporâneo. Referimo-nos às concepções curriculares, de ensino, de aprendizagem, de avaliação. Interessa-nos enfocar as contribuições do pensamento pedagógico amplo, plural, complexo e inventivo para a criação do BICULT-CECULT.

Fundamentação do Projeto CECULT



A sociedade contemporânea revela uma nova etapa de humanização e civilidade na qual a diversidade dos saberes, conhecimentos e das tecnologias assumem um papel fundamental nos cenários educacionais, ressaltando-se as vozes que representam os atores sociais, questionando assim, a estrutura homogênea e hierárquica do conhecimento, do currículo e da educação.

Desse modo, a política de formação visa a autonomia, na busca da construção da cidadania e da profissionalidade dos estudantes, capacitando-o a continuar aprendendo durante e por intermédio de sua prática social e profissional. Em termos operacionais, o curso nesses moldes integra-se organicamente a um programa inovador de formação acadêmica, em fase de implantação e aperfeiçoamento na instituição proponente, assim como em, aproximadamente, vinte universidades federais brasileiras.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE ENSINO E INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
- PROJETO PEDAGÓGICO -

Processo nº _____ Fls. _____
Rubrica: _____

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

**Formulário
Nº 02**

CURSO: Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (BICULT)

MODALIDADE: Presencial

VAGAS OFERECIDAS: 80 vagas.

TURNO DE FUNCIONAMENTO: Vespertino (40) Noturno (40)

DISTRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA POR COMPONENTES CURRICULARES:

Disciplinas Obrigatórias: 1.428h

Disciplinas Optativas: 867h

Estágio: Não se aplica (opcional) – Resolução n.1, de 16 de janeiro de 2009, - Art. 7 –
CNE

Atividades Complementares: 120h

Carga Horária Total do Curso: 2.415h

TEMPO DE INTEGRALIZAÇÃO:

Tempo Mínimo: 3 anos

Tempo Médio: 4 anos

Tempo Máximo: 6 anos

FORMA DE INGRESSO: SISU / Portador de Diploma (reserva de 10%)

REGIME DE MATRÍCULA: Anual

PORTARIA DE RECONHECIMENTO: (data de publicação no D.O.U.)

1º Ciclo – Sistema de Seleção Unificada - SISU

2º Ciclo – Regulamentado por meio da Resolução CONAC 002/2011 (com sugestão de alterações nesse projeto)

PORTARIA DE RECONHECIMENTO: (data de publicação no D.O.U.)

JUSTIFICATIVA

Formulário
Nº 03

A UFRB NO/DO RECÔNCAVO DA BAHIA

O Recôncavo da Bahia tem uma importância única na história da constituição do Brasil como Nação, cultura e povo, tanto do ponto de vista econômico e político, quanto artístico e linguístico. Compreende a região que circunda a Baía de Todos os Santos, descoberta pelos portugueses em meados do século XVI. “Recôncavo”, na terminologia geográfica, significa terra circunvizinha a uma enseada, baía ou porto.

Com a instalação da capital da colônia na Cidade do Salvador, em 1549, é notável o desenvolvimento do Recôncavo entre os séculos XVI-XVIII. Durante o período colonial, a região tornou-se uma das mais importantes produtoras de açúcar na América portuguesa, tendo alcançado seu apogeu por ocasião da invasão de Pernambuco pelos holandeses (WISSENBACH, 2005). Além da intensa produtividade econômica decorrente da lavoura canavieira, duas outras culturas eram relevantes na região do Recôncavo – o fumo, usado como moeda de troca por escravos, nas costas africanas, e a mandioca, fundamental para o abastecimento tanto da população urbana quanto da mão-de-obra escrava. No fim desse período, o Recôncavo Baiano era a região mais densamente ocupada do Brasil Colônia, agregando maior contingente populacional que a própria capital. Além disso, representava importante centro de produção agrícola para consumo interno e externo e, por meio da navegação nos fundos da baía e nos estuários, cumpria o papel de elo entre capital e interior do Estado.

Ao longo do período colonial, a população do Recôncavo foi-se constituindo como produto da miscigenação de índios, portugueses e, majoritariamente, negros descendentes de escravos expatriados de distintas regiões africanas. Com a consolidação da cidade de Cachoeira como porto escravagista preferencial da Colônia, esses últimos já eram mais de 70% da população desde o início do século XIX.

É importante destacar que a agricultura baseada no escravagismo e a exploração mercantil da cana de açúcar que marcaram a história do Recôncavo, resultaram na constituição de uma sociedade desigual e marcada por elevados índices de pobreza e opressão. Nesse contexto, importante parcela da sociedade civil se organizou tendo como aspiração maior a melhoria das condições de trabalho e qualidade de vida para a região. Ainda no século XIX, homens e mulheres do Recôncavo protagonizaram a Revolta Federalista de São Félix (1832) e a Sabinada (1837), movimentos populares cuja bandeira de luta seria a construção de uma Bahia sem escravidão e com cidadania.

O território do Recôncavo produziu um legado cultural de enorme importância. Já durante o século XIX, nessa região, ocorreram os primeiros registros do samba-de-roda,

expressão musical, coreográfica, poética e festiva de raízes culturais negro-africanas. Essa herança mesclou-se, de maneira singular, a traços culturais trazidos pelos portugueses, como certos instrumentos musicais (viola e pandeiro, principalmente), a própria língua portuguesa e a elementos de suas formas poéticas. Essa herança musical integra-se a outras manifestações culturais transmitidas por indígenas que aqui já habitavam e por africanos escravizados e seus descendentes, que incluem o culto aos orixás e aos caboclos, a capoeira e o maculelê, além da chamada “comida de azeite”.

Com a mudança nos percursos de ligação capital-interior, em função do surgimento de rodovias, e a crise da agroindústria açucareira, o Recôncavo experimentou profunda estagnação econômica, no final do século XIX e até meados do século XX. Sua economia só voltou a ter novo impulso, ainda que restrito geograficamente à parte nordeste da região, com a descoberta de petróleo, na década de 1950, e a subsequente instalação de equipamentos industriais de refino de combustíveis e derivados. Apesar disso, os investimentos industriais, principalmente no setor petroquímico, concentraram-se no entorno de Salvador, acentuando ainda mais o subdesenvolvimento econômico e social do restante da região.

A delimitação do Recôncavo Baiano, em termos geopolíticos, não é de fato precisa. Tomando-se como referência a Baía de Todos os Santos, seu território penetraria no continente por aproximadamente 80 quilômetros. Sua área total é calculada em 1.196 km². O governo estadual considera oficialmente o chamado “Território de Identidade” do Recôncavo composto por 20 municípios: Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara e Varzedo.

Uma súmula do contexto do Recôncavo da Bahia na atualidade: a vitalidade econômica e cultural de épocas passadas não se manteve, conformando, nesse território carregado de diversidade, um cenário de pobreza, sofrimento, lutas e instabilidade econômica. Numa conjuntura recente de retomada do desenvolvimento econômico e social do Brasil e do Estado da Bahia, a região passa a receber influxos dinamizadores de sua economia, sociedade e cultura. Nesse contexto, foi criada a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Entre os anos de 2002 e 2005, foi implantada na região a segunda universidade federal do Estado da Bahia, como parte do processo de reconhecimento do Recôncavo como território de identidade. A formação histórica da região, resumida no item anterior, revela fatos que, desde o período colonial, permitiram a construção e consolidação de uma cultura acadêmica e exerceram papel fundamental na formação profissional e no desenvolvimento científico na região, contribuindo sobretudo para o desenvolvimento da agropecuária no Estado. Nesse aspecto, destacam-se a criação do Imperial Instituto

Agrícola da Bahia (1859) e da Escola de Agricultura da Bahia (1877), raízes históricas da Escola de Agronomia da UFBA, principal embrião da instituição que veio a se chamar UFRB.

A UFRB surge com o desafio de contribuir para superar o déficit histórico de vagas do ensino superior público no Estado. A Bahia chega ao século XXI dispondo do menor número de matrículas no ensino federal superior do Nordeste e o segundo pior do Brasil. A razão de 1,49 matrículas para cada mil habitantes, apresentada pela Bahia, corresponde apenas à metade daquela apresentada pelo vizinho Estado de Pernambuco. Apesar das dimensões territoriais, econômicas e populacionais e da multipolarização dos seus espaços geográficos, que por si já justificariam a existência de outras universidades, tal situação se manteve por décadas, evidenciando grave desvio do pacto federativo em relação ao Estado, e, certamente mais grave, conformada por um incômodo silêncio de gerações de baianos e suas lideranças.

O ano de 2002 foi decisivo para o processo de constituição da UFRB, com a mobilização da sociedade civil da Região, resultante de articulação política e institucional da Escola de Agronomia da UFBA em Cruz das Almas. De fato, ocorreu um vigoroso movimento social e político que contou com a força propulsora da própria Universidade Federal da Bahia (UFBA). A administração central e os conselhos superiores dessa instituição desencadearam processos externos e internos com a finalidade estratégica de criar cenários e fatos favoráveis à criação de uma nova instituição universitária.

Em 7 de outubro de 2002, em reunião com a bancada de deputados federais e senadores baianos, a Reitoria da UFBA apresentou a proposta de criação da UFRB. No início de 2003, o Conselho Universitário da UFBA, em reunião extraordinária na Escola de Agronomia, pela primeira vez discutiu a proposição de seu desmembramento para implantar uma segunda universidade federal no Estado da Bahia. O egrégio Conselho deliberou, naquela ocasião, formar uma comissão especial com o objetivo de elaborar um projeto de criação do que viria a ser a UFRB. Em paralelo, com a finalidade de fortalecer a proposta no contexto territorial, nesse mesmo ano, realizaram-se audiências públicas nos municípios de Amargosa, Cachoeira, Castro Alves, Cruz das Almas, Maragogipe, Mutuipe, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Félix, Terra Nova e Valença.

Transposta esta etapa, em outubro de 2003 foi entregue ao Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, a proposta de criação da UFRB. Após tramitar no Ministério da Educação, recebendo aportes técnicos e institucionais, a Presidência da República enviou ao Congresso Nacional o Projeto de Lei de Criação da nova universidade. Em 6 de julho de 2005, o Projeto foi aprovado pela Câmara de Deputados Federais e, em 12 de julho do mesmo ano, foi também aprovado pelo Senado Federal.

A UFRB, com sede no município de Cruz das Almas, foi criada pela Lei 11.151, de 29 de julho de 2005, por desmembramento da Escola de Agronomia da UFBA, com o objetivo de

ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária. No ato de sua criação, os cursos de todos os níveis integrantes da Escola de Agronomia da UFBA passaram a integrar a UFRB. Os alunos regularmente matriculados foram transferidos e passaram automaticamente a integrar o corpo discente da UFRB. Também foram redistribuídos para a UFRB os cargos ocupados e vagos do Quadro de Pessoal da UFBA, disponibilizados para funcionamento da Escola de Agronomia.

No estatuto da UFRB, Capítulo II – das finalidades, a instituição assume o compromisso de gerar e disseminar conhecimentos nos campos das ciências, da cultura e das tecnologias; propiciar formação cidadã continuada nas diferentes áreas de conhecimento; contribuir para o processo de desenvolvimento do Recôncavo da Bahia, do Estado e do País, por meio de pesquisas e da formação de quadros científicos e técnicos em nível de suas necessidades; promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica. Associam-se a tais propósitos o papel de educar para o desenvolvimento sustentável; promover princípios éticos na consecução de seus objetivos; manter amplo e diversificado intercâmbio de conhecimentos com a sociedade; e contribuir para a melhoria do ensino em todos os níveis e modalidades, por meio de programas de formação inicial e continuada.

REUNI E AS INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NO BI

Concebida a partir de um modelo multicampi, a UFRB foi estruturada com cinco Centros, localizados em quatro municípios do Recôncavo Sul da Bahia: Centro de Ensino de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas (CCAAB) e o Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC) situam-se em Cruz das Almas; Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL) situa-se em Cachoeira; Centro de Formação de Professores (CFP) situa-se na cidade de Amargosa e o Centro de Ciências da Saúde (CCS) instalado em Santo Antônio de Jesus.

Em 2007, como forma de ampliar sua oferta e consolidar uma nova arquitetura acadêmica, a UFRB aderiu ao REUNI. Essa adesão representou uma oportunidade para consolidação da Instituição, permitindo não só ampliação quantitativa e organizacional, mas assegurando-lhe maior solidez acadêmica. Por se tratar de uma Universidade recém-criada, a UFRB participou do REUNI em dimensão diferenciada das demais Instituições Federais de Ensino Superior (IFES): não se tratava de um processo de reestruturação, mas de estruturação fundada em critérios mais racionais, maximizando a utilização da capacidade técnica e científica já instalada, fruto da fase de implantação. Nesse aspecto, o REUNI significou de fato uma expansão programada, visando garantir melhor qualidade do ensino e qualificação pedagógica dos docentes, investindo em infraestrutura e pessoal, melhorando as condições financeiras e estruturais capazes de viabilizar o ideário e a

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE ENSINO E INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
- PROJETO PEDAGÓGICO -

Processo nº Fls.

Rubrica:

missão institucional.

No contexto de reestruturação pedagógica dos cursos de graduação, atendendo a metas do REUNI, em 2009, e buscando inovações curriculares e formativas crítico-emancipatórias na educação superior foram concebidos os cursos de Bacharelado Interdisciplinar. Esse projeto foi estruturado com vistas a uma formação de natureza interdisciplinar, com enfoque nas culturas humanística, artística e científica, articuladas a saberes concernentes aos referenciais locais. Os BIs inauguram uma forma inovadora de acesso à universidade, por meio de ciclos de formação, sendo um primeiro ciclo de formação geral e básica, garantindo acesso e preparação para a formação específica em cursos profissionalizantes.

PRINCÍPIOS NORTEADORES

Formulário
Nº 04

O BACHARELADO INTERDISCIPLINAR DO CECULT ¹

Os Bacharelados Interdisciplinares foram concebidos muito recentemente no Brasil, como alternativa para enfrentar três grandes desafios do ensino superior brasileiro:

- a) exigência ao jovem de fazer uma escolha profissional precocemente, visto que a faixa etária dos pretendentes a ingressar no ensino superior na atualidade é de 17 a 20 anos de idade;
- b) a rigidez no mapa curricular dos projetos pedagógicos dos cursos, não permitindo que o estudante construa seu itinerário de formação;
- c) a compreensão do conhecimento humano como fragmentado e disciplinar, dificultando que as questões sejam tratadas de forma integrada.

Em razão da complexidade dos desafios e estimuladas pelo Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, algumas Universidades Federais iniciaram um movimento de construção de arranjos curriculares que auxiliassem na minimização dos problemas acima descritos.

As propostas apresentadas ao Ministério da Educação centraram-se nos seguintes pressupostos:

- a) a organização dos cursos em ciclos, sendo que o primeiro não conduziria a uma profissionalização, mas asseguraria ao estudante a obtenção de um diploma de nível superior em três anos, dando-lhe todas as prerrogativas permitidas por um título de tal natureza (acesso a programas de pós-graduação; inserção no mundo do trabalho em que a exigência seja exclusivamente ter um diploma de nível superior; continuar os estudos em um segundo ciclo, em geral cursado em dois anos, assegurando um segundo diploma de caráter profissional.);
- b) a interdisciplinaridade como fundamento epistemológico do fazer pedagógico e dos currículos pautadas na compreensão de que ela “pode auxiliar na dissociação do conhecimento produzido, e orientar a produção de uma nova ordem de conhecimento, constituindo condição necessária para melhoria da qualidade do Ensino Superior, mediante a superação da fragmentação, uma vez que orienta a formação global do homem”². Além disto, a indissociabilidade entre ensino,

¹ Referenciais Curriculares para todos os Bacharelados Interdisciplinares. Conselho Nacional de Educação (CNE)

² FAVARÃO, N. R. L.; ARAÚJO, C. S. A. Importância da Interdisciplinaridade no Ensino Superior. EDUCERE. Umuarama, v.4, n.2, p.103-115, jul./dez., 2004.

pesquisa e extensão fica mais facilitada introduzindo mudanças significativas na vida acadêmica. Desde a década de oitenta uma revolução epistemológica vem sendo engendrada entre os pensadores, exigindo da universidade uma revisão do conceito moderno de verdade científica fruto do critério da verificação; a superação da dicotomia sujeito-objeto, fruto da herança cartesiana na elaboração do conhecimento; uma compreensão do sujeito cognoscente como sujeito epistêmico; a valorização de outros tipos de conhecimento para além da supremacia do conhecimento científico tido como o único capaz de oferecer a verdade do real.³

- c) a criticidade como fundamento do humano. A sociedade contemporânea, embora centrada em grande parte em conceitos da modernidade, tem novas exigências em relação à formação dos jovens capacitando-os a vivenciar a graça da criticidade, sem, contudo ter a humildade de não se deixar contaminar pelo furor crítico. Maturana⁴, nos alerta que vivendo as bênçãos da autocrítica poderemos chegar à humildade, condição para nos deixar prontos para participar da graça da criticidade, tanto quanto prontos para eximir-nos da criticidade ingênua e exacerbada.
- d) os novos conhecimentos tecnológicos exigem cidadãos com competências e habilidades polivalentes e multifuncionais, maior nível de motivação e disponibilidade para continuar aprendendo. Esses não são os propósitos das formações tradicionais, porque os projetos pedagógicos rígidos não acompanham a celeridade das mudanças do conhecimento. Forma-se um jovem ao longo de seis anos tomando por base conhecimentos que ficam rapidamente obsoletos. Ao concluir o curso o mundo já se transformou, e o formando não desenvolveu a habilidade de adaptação a novos desafios e exigências.

Tais constatações são significativas e relevantes para que a UFRB, que já vivencia a oferta de cursos no formato de BIs em dois Centros de Ensino com êxito, implantou o CECULT em um formato diferenciado e fora do padrão tradicional. Faz-se necessário conceber cursos organizados com uma arquitetura curricular que permita ao discente construir seu itinerário formativo, escolher a profissional após obter o primeiro diploma se assim o desejar, estimular a prática docente em outros padrões, além de compreender que após a formação inicial, a contemporaneidade exige que o processo de aprendizagem e atualização se dê ao longo de toda a vida.

As políticas, as teorias, as práticas culturais, constituídas pela diversidade, pela

³ FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002; MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez editora, 2003; SOUZA, Boaventura. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

⁴ MATURANA, H. **Emociones y lenguaje em educación y política**. Santiago: Hachette, 1992

multiculturalidade, compõem um campo irradiador de saberes, conhecimentos, epistemologias, etnométodos; de circulação de informação, diálogo de identidades e ambiente de interação e tensão na sociedade contemporânea.

Os ideais neoliberais presentes em determinados segmentos sociais apresentam a cultura de forma hierarquizada, produzindo uma distinção marginalizante entre conhecimento popular e erudito, visão também ainda persistente na academia. A criação do CECULT-UFRB em Santo Amaro, vem ao encontro da promoção de um espaço acadêmico onde seja acolhido todo o fazer e saber cultural das sociedades. Nessa proposta, as práticas sociais do entretenimento e arte devem ser não apenas objeto de estudo e formação profissional, mas também o próprio conhecimento que opera o manuseio e o olhar sobre essas formas de atuação, e a produção dos cenários locais.

Em assim sendo, a inovação curricular centrada nos pressupostos da interdisciplinaridade, flexibilidade, interação teoria e prática, respeito à diversidade, permitindo a formação identitária dos discentes, os cursos de graduação do CECULT, possibilitam uma abordagem transversalizada, com a utilização de metodologias, instrumentos de aprendizagem ativa, promovendo experiências pedagógicas que gerarão formulação de objetivos para a aprendizagem, a definição dos tempos pedagógicos (de ensino e de aprendizagem), e a definição de fontes de informação.

O BICULT oferecerá o diploma de ensino superior que possibilite a inserção no mercado de trabalho, em áreas que não exigem formação específica e concursos públicos que demandam formação universitária. Após o bacharelado, há a possibilidade de dar sequência aos estudos em cursos de progressão linear, com carga horária compatibilizada com os itinerários formativos anteriores, o que permite a redução de duração dos cursos.

A definição do itinerário formativo de cada estudante, terá o apoio da orientação de um professor que atuará como tutor (conjunto mínimo de 12 e máximo de 15 discentes) para a definição individual da matrícula semestral, escolha dos componentes de ensino, pesquisa e extensão ao longo do curso.

Por fim, esses enfoques que referenciam e justificam o projeto político-pedagógico do Curso BICULT, em bases inovadoras, estão implicados radicalmente: com as lutas e as demandas sociais por educação da Região; com a política de expansão e democratização do acesso, da permanência e da diversidade na educação superior; com a defesa pela qualidade da educação, com ênfase nos aspectos humanos e sociais e com os avanços epistemológicos no campo do currículo e da educação.

BASE LEGAL

**Formulário
Nº 05**

A proposta do Curso BICULT se insere em um contexto de mudança do ensino superior que teve como marco a Conferência Mundial sobre o Ensino Superior realizada, em Paris em outubro de 1998. Tal evento foi produto de uma década de mobilização em torno da educação superior fomentada, no contexto internacional, pela Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas (UNESCO). No documento final dessa conferência há o reconhecimento da demanda por diversificação na educação superior, bem como, da sua importância para o desenvolvimento sociocultural e econômico. Agregam-se a isso, desafios para as instituições de ensino superior, dentre estes, o de prover um espaço aberto de oportunidades, de construção da aprendizagem permanente e de liberdade de expressão da comunidade, em especial estudantes universitários, de forma que possam opinar em problemas éticos, culturais e sociais.

Passados dez anos, em 2009, a UNESCO realizou outra Conferência Mundial sobre Ensino Superior, cujo tema central foi: As Novas Dinâmicas do Ensino Superior e Pesquisas para a Mudança e o Desenvolvimento Social. O documento final, desse evento, destacou como responsabilidade social da educação superior a necessidade da abordagem interdisciplinar sobre várias questões, que envolvem dimensões culturais, científicas, econômicas e sociais. Ainda, sugeriu que as instituições no desenvolvimento de ações de ensino, pesquisa e extensão aumentem o foco interdisciplinar e promovam o pensamento crítico e a cidadania ativa, bem como, reafirmou o compromisso do ensino superior em contribuir para a educação de cidadãos éticos, comprometidos com a construção da paz, com a defesa dos direitos humanos e com os valores de democracia.

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Lei N. 9.394 de 20/12/1996) é o referencial maior para o ensino. Os seus reflexos incidem nas várias dimensões da vida acadêmica, em especial na educação superior, no que tange a construção de um caminho de formação acadêmica mais contextualizada, mais cidadã, e menos técnica. Nesse sentido, é importante destacar o Artigo 43 da LDB, o qual estabelece os elementos que apontam para uma formação geral, apoiada: no desenvolvimento cultural, de um espírito científico e pensamento reflexivo; no incentivo à curiosidade científica, por meio de pesquisas e vivências extensionistas. Entende-se que, dessa forma, será possível promover a difusão do método científico, da cultura, e, conseqüentemente, instigar um maior entendimento do próprio ser humano e do meio em que vive. Além disso, reforça a necessidade do desenvolvimento de competências tais como comunicação e educação continuada.

Baseado ainda na LDB (9394-96), o BICULT tem como finalidade a produção intelectual

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE ENSINO E INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
- PROJETO PEDAGÓGICO -

Processo nº _____ Fls. _____

Rubrica: _____

institucionalizada, considerando o estudo formal, sistemático das questões, temas e problemas relevantes para a formação do educando, para o desenvolvimento da cidadania, para qualificação e inserção no mundo produtivo, para o aprendizado e invenção de tecnologias aplicadas à produção cultural.

OBJETIVOS

**Formulário
Nº 06**

Conforme as políticas e práticas curriculares e formativas, em regime de ciclos, previstas para o Curso BICULT, temos como intenção a promoção de dialogias que corroborem com o processo de construção, no que tange às inovações acadêmicas, e o propósito de formar cidadãos críticos, profissionais reflexivos e capazes de atuar no cenário contemporâneo da cultura, das artes, da educação, das tecnologias e da economia da cultura.

Os objetivos do BICULT são:

1. Formar o cidadão/profissional para atuar nas áreas da cultura, das linguagens artísticas e das tecnologias, com competências política, ética, científica, tecnológica, gestora e educacional.
2. Assegurar, no BICULT, a formação geral em cultura humanística, artística e científica, articulada a saberes concernentes às áreas de formação na universidade.
3. Possibilitar o prosseguimento da formação específica a partir dos itinerários formativos nos campos da cultura, das linguagens artísticas e das tecnologias da cultura, ou em outras áreas e cursos de interesse do estudante, com vistas à formação ética e profissional, na idealização, elaboração e realização de projetos concernentes ao campo de trabalho e à formação da cidadania.

**IMPLEMENTAÇÃO DAS POLÍTICAS INSTITUCIONAIS
CONSTANTES NO PDI, NO ÂMBITO DO CURSO**

**Formulário
Nº 07**

O Plano de Desenvolvimento Institucional PDI-UFRB (2010-2014) consolida a concepção de um Centro promotor de educação formal de nível superior, destinado a realizar formação acadêmica no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, cujo projeto pedagógico abrange os processos e experiências formativas que ocorrem nos espaços de educação formais e não formais, a exemplo das experiências de participação e trabalho nos movimentos sociais, nas manifestações culturais, nas organizações da sociedade civil.

O PDI-UFRB, ao definir a política de ensino para graduação propõe ofertar um ensino de qualidade, em prol do desenvolvimento econômico e social. No lastro dessa proposição de política institucional foram definidos como princípios para a sua política de ensino a interdisciplinaridade e a flexibilidade curricular. Para tanto, propõem que os seus cursos de graduação se organizem para formar profissionais capazes de produzir uma articulação entre o desenvolvimento de conhecimentos gerais, básicos e específicos de uma determinada profissão. A instituição defende que essa política de ensino de graduação permitirá ao graduado a elaboração de uma concepção de mundo e de atividades de trabalho perpassados pela diversidade, devido à dinâmica dos contextos que se organizam e reorganizam, a todo o momento, e exigem novas ações profissionais que incorporem o geral e o específico.

O PDI-UFRB define que organização curricular deve ser pautada na oferta de três modalidades de componentes curriculares:

- **Componentes de formação geral** com finalidade de capacitar o graduando a identificar e a analisar diferentes aspectos constitutivos da realidade, como também identificar, compreender e analisar diferentes saberes, processos de comunicação e especificidades culturais.
- **Componentes de formação básica** com vistas a habilitar o estudante a se apropriar dos conhecimentos nucleares da área de conhecimento, na qual o seu curso está inserido, e utilizá-los em novas construções de atividades profissionais.
- **Componentes de formação específica** aqueles que buscam habilitar o estudante a se apropriar do conhecimento teórico, prático e tecnológico relativo a um determinado campo de atuação profissional e empregá-lo de modo inovador.

São princípios e ações norteadores do PDI-UFRB e do Curso BICULT:

- formação em ciclos afinada com as políticas e orientações internacionais, nacionais e locais/institucionais;
- implantação do primeiro ciclo de formação, no qual serão contemplados componentes curriculares de formação geral e básicos.
- implantação do segundo ciclo de formação, com ênfase para os componentes de formação específica das profissões da cultura, das artes e das tecnologias.
- formação de cidadãos críticos e comprometidos com a realidade sócio-econômica e cultural.
- formação qualificada, que aglutina saberes das culturas humanística, artística e científica, com saberes básicos do campo de enfoque do Centro, por meio de metodologias ativas, problematizadoras, interacionistas e abordagens interdisciplinares.
- ampliação de atividades de pesquisa e de produção científica.
- incorporação de atividades de pesquisa/extensão como estratégias integradas ao ensino.
- socialização dos resultados dos trabalhos de pesquisa/extensão/ensino realizados nos contextos/espços de formação.
- incorporação da educação à distância – no primeiro ciclo, em componente curricular obrigatório, parte da carga horária será ofertada na modalidade EAD, por meio da plataforma moodle (<http://www.moodle.ufrb.edu.br>), contribuindo para o desenvolvimento do domínio técnico das Tis, para a disseminação da utilização das tecnologias nas atividades de ensino e aprendizagem e avaliação, entre docentes e discentes.
- fortalecer e ampliar a articulação das atividades interdisciplinares de ensino, pesquisa e extensão, através de módulos de aprendizagem prática que se constituirão em espaços de ensino e de desenvolvimento de atividades de pesquisa e de extensão.
- promover o planejamento como prática de interdisciplinaridade, definindo a integração de conteúdos teóricos, as práticas de pesquisa e de extensão em contextos comunitários, no formato modular implementado. Para tanto, o BICULT prevê uma carga horária semanal de encargo docente para o planejamento pedagógico (2 horas semanais).
- ampliar a integração da universidade com os municípios do Recôncavo e do Estado da Bahia, para a promoção do desenvolvimento socioeconômico e cultural. Ao longo do Curso, os professores e estudantes serão inseridos em contextos comunitários e governamentais para desenvolvimento de práticas de pesquisa e de extensão, norteados pelas políticas e práticas de currículo e formação, com ênfase nos referenciais culturais, artísticos e sociais.

- promover inserção regional, a partir do reconhecimento do território do Recôncavo da Bahia, como um cenário privilegiado de ensino e aprendizagem, visando a produção de conhecimento técnico, humanístico, científico, artístico. Assume-se como parte do processo de construção e síntese do conhecimento, os saberes dos discentes sobre os conteúdos a serem estudados, incluindo suas percepções sobre a realidade regional, territorial e local. Cooperando assim, para a formação de atores reflexivos e críticos, para a promoção de transformações no panorama sócio-econômicos e culturais.

- estimular o exercício de princípios filosóficos e teórico-metodológicos que norteiam as práticas acadêmicas, e a construção de identidade institucional, através das atividades de pesquisa, extensão e ensino do curso, possibilitam uma compreensão ampliada do papel da UFRB no seu território de inserção, e da atuação do discente como ator institucional, corresponsável pelo estabelecimento de vínculo com a comunidade, almejando o alcance da missão e dos compromissos sociais da UFRB com a Região do Recôncavo baiano.

- construir a identidade profissional, oportunizando para aos discentes uma formação geral em cultura humanística, artística e científica, articulada a saberes do campo da cultura. Dessa forma, os componentes curriculares são estruturados de tal modo a proporcionar aos discentes a construção de identidades implicadas, com vista à produção de saberes e o planejamento de intervenções políticas e sociais para a promoção da diversidade. A partir dessa proposição será promovida a inserção dos estudantes em atividades, práticas, vivências e experiências, que contribuam na formação de um profissional competente tecnicamente, capaz de atender às demandas sociais de forma ética e humanizada, consciente dos desafios da realidade política, econômica e social do Brasil contemporâneo.

- implementar políticas e práticas curriculares que correspondam à organização constituída por: 1) componentes curriculares optativos; 2) atividades de Educação à Distância (EAD); 3) processo ensino-aprendizagem mediado pela integração da pesquisa e extensão; 4) itinerário formativo que atenda a seus interesses e necessidades.

- definir a interdisciplinaridade como princípio epistemológico e formativo, reconhecendo a complexidade dos objetos de estudo no campo da cultura, para operar a metodologia relacionada à estrutura curricular do curso que se organiza sob o formato de módulos que articulam e integram diferentes campos de saber, rompendo com a lógica disciplinar, ainda hegemônica na prática pedagógica.

- valorizar o trabalho em equipes com responsabilidade e respeito à diversidade de idéias, valores e culturas.

- realizar estratégias pedagógicas flexíveis e articuladas, que congreguem o conhecimento do senso comum ao conhecimento científico, cultural e artístico. A partir da interdisciplinaridade almeja-se uma formação mais integral e integrada à realidade local,

regional e mundial, assentada em múltiplas formas de compreensão, interpretação e explicação das realidades humanas.

- transcender a sala de aula na prática pedagógica - o curso proporciona aos discentes atividades práticas a partir do primeiro semestre, referenciadas na metodológica científica e nos princípios da extensão universitária, assumindo como contexto de inserção em comunidades, instituições governamentais e não-governamentais.

- assumir a atualização como princípio - os programas de aprendizagem dos componentes curriculares obrigatórios contemplam a abordagem de temas da atualidade, buscando assim, articular conhecimentos teóricos para a reflexão crítica de questões contemporâneas, bem como a incorporação de inovações pedagógicas, científicas, artísticas, culturais e tecnológicas.

- valorizar experiências no processo de produção do conhecimento, a diversidade das experiências prévias dos discentes e os saberes do senso comum, sendo estes assumidos como ponto de partida dos processos de ensino e aprendizagem. Os programas de aprendizagem dos componentes curriculares do curso (teóricos e práticos) buscam proporcionar aos discentes vivências e práticas para a consolidação de conteúdos teóricos, visando uma aprendizagem colaborativa e significativa.

- valorizar o espírito crítico-constructivo - Os componentes curriculares do curso proporcionarão aos discentes a produção de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades, de forma que estes sejam capazes de participar de forma ativa nos diversos espaços sociais.

- estimular a autonomia para aprender na condução de seu processo de aprendizagem. Para tanto, são adotadas metodologias de ensino ativas e participativas, com orientação para a atividade de pesquisa bibliográfica, de campo e documental, entrevistas para a construção do conhecimento.

- ofertar componentes curriculares de formação geral, básica e específica.

PERFIL DO EGRESSO

Formulário
Nº 08

O Curso BICULT tem como propósito a formação de cidadãos críticos, profissionais reflexivos e capazes de atuar nas áreas da cultura, das artes, da educação, das tecnologias e da economia do espetáculo.

Busca assegurar uma formação de valores éticos e profissionais, vinculados à idealização, elaboração e realização de projetos concernentes ao campo de trabalho, à formação da cidadania e à qualidade de vida social.

O estudante egresso terá uma formação interdisciplinar e estará apto também para atuar no âmbito da política, da produção e da gestão, mediante compreensão das áreas e campos da cultura, das linguagens artísticas e das tecnologias.

O perfil almejado é do acadêmico que tenha se desenvolvido, no decorrer de sua formação, de forma integrada e equilibrada, nas dimensões: cognitiva, técnica, humana, interpessoal, psicológica, ética e social, de modo a ser um acadêmico **competente** do ponto de vista técnico, **proativo** na busca permanente de aprimoramento pessoal e aprendizado científico, **humano** na forma de cuidar, **responsável** do ponto de vista moral, **consciente** da dimensão ética, **solidário** nas relações interpessoais, **engajado** socialmente e **participativo** como cidadão.

Demonstrando as seguintes competências, a saber:

- Capacidade de reconhecer especificidades regionais ou locais;
- Capacidade de identificar e resolver problemas;
- Capacidade de enfrentar desafios e responder a novas demandas da sociedade contemporânea;
- Capacidade de comunicação e argumentação em suas múltiplas formas;
- Capacidade de atuar em áreas de conhecimento fronteiriças e interfaces de disciplinas e campos de saber;
- Atitude investigativa, de prospecção, de busca e produção do conhecimento;
- Capacidade de trabalho em equipe e em redes, contextualizando e relacionando com a situação global;
- Atitude ética nas esferas profissional, acadêmica e das relações interpessoais;
- Comprometimento com a sustentabilidade nas relações entre ciência, tecnologia,

economia, sociedade e ambiente;

- Postura flexível e aberta em relação ao mundo do trabalho;
- Capacidade de tomar decisões em cenários de imprecisões e incertezas;
- Sensibilidade às desigualdades sociais e reconhecimento da diversidade dos saberes e das diferenças étnico-culturais;
- Capacidade de utilizar novas tecnologias que formam a base das atividades profissionais;
- Capacidade de empreendedorismo nos setores público, privado e terceiro setor.
- Capacidade de desenvolver competências profissionais e criativas.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Formulário
Nº 09

A articulação de competências e valores (gerais e específicos) permite seu agrupamento de acordo com níveis de abrangência e ciclos da formação. Essa distribuição pode ser visualizada de modo esquemático no quadro abaixo.

A abordagem pedagógica adotada neste projeto não está estruturada a partir do modelo de currículo por competência, contudo, na seleção das competências que serão desenvolvidas com a integralização da matriz curricular BICULT-CECULT buscou-se uma articulação com a matriz teórico-conceitual crítico-emancipatória, na qual há uma demanda por resignificar a noção de competência, conferindo sentido que atenda aos interesses da formação profissional, dos processos de trabalho e da formação em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas. Nesse referencial teórico, o conceito de competências torna-se multidimensional envolvendo facetas que vão do nível individual aos planos sócio-cultural, situacional e processual.

Quadro: Valores e Competências Gerais e Específicas, conforme etapa de formação.

FORMAÇÃO GERAL	FORMAÇÃO ESPECÍFICA
<ul style="list-style-type: none">• Compreender/conhecer a realidade• Atuar politicamente em prol da transformação/qualificação da realidade• Realizar práticas interdisciplinares• Desenvolver consciência ética e moral• Trabalhar em equipe• Desenvolver habilidades de comunicação• Agir com autonomia e auto-organização	<ul style="list-style-type: none">• <i>Promover educação e cidadania</i>• <i>Comprometer-se com a educação permanente, teórica e prática.</i>• <i>Demonstrar competência nos conhecimentos e práticas do seu campo e profissão</i>• <i>Conduzir-se de acordo com preceitos éticos e morais</i>• <i>Interagir com escuta e empatia</i>

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR - Matriz Curricular

**Formulário
 Nº 10**

SEMESTRE I	SEMESTRE II	SEMESTRE III	SEMESTRE IV	SEMESTRE V	SEMESTRE VI
Espaços de interconhecimento: Linguagem e Expressão Artística I 51h	Espaços de interconhecimento: Linguagem e Expressão Artística II 51h	Espaços de interconhecimento Artes do Corpo 51h	Espaços de interconhecimento: Laboratório de ArteMídia I 51h	Espaços de interconhecimento: Laboratório de ArteMídia II 51h	Espaços de interconhecimento: Projeto de integração 85h
Experiências e Teorias da cultura – Enfoque I: Teorias da Cultura, Estado e Política Cultural 85h	Experiências e Teorias da cultura – Enfoque II: Sócio-Antropologia 68h	Experiências e Teorias da cultura – Enfoque III: Cultura, Arte e Educação 68 h	Experiências e Teorias da cultura – Enfoque IV: Cultura Brasileira e Baiana 68h	Experiências e Teorias da cultura – Enfoque V: Economia da Cultura e Empreendedorismo 51h	Itinerário formativo 51h
Universidade, Sociedade e Ambiente 68h (17hEAD)	Conhecimento, Ciência e Realidade 102h (17h EAD)	Narrativa, Documentação biográfica e Cultura 51h	Itinerário formativo 68h	Itinerário formativo 68h	Itinerário formativo 51h
Laboratório de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos 68h (34hEAD)	Culturas e Linguagens da Cena 51h	Optativa I 68h	Itinerário formativo 68h	Itinerário formativo 68h	Itinerário formativo 51h
Comunicação, Linguagens e Tecnologia 68h	Cultura Digital 68h	Tecnologias da Cena 68h	Itinerário formativo 68h	Itinerário formativo 68h	Itinerário formativo 51h
				Optativa II 68h	Optativa III 68h
Diversidades, Cultura e Relações étnico-raciais 68h (17hEAD)	Lab. Língua Inglesa I 34h (17h EAD)	Lab. Língua Inglesa II 34h (17h EAD)	Lab, Língua Inglesa III 34h (17h EAD)	Lab, Língua Inglesa IV 34h (17h EAD)	Itinerário formativo 51h
C.H. 408	C.H. 374	C.H. 340	C.H. 357	C.H. 408	C.H. 408

Carga horária total: 2.415 h

CH Complementar: 120 h

CH Optativa: 204 h

CH Formação Geral UNIAF: 442 h

CH Formação Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas: 986 h

CH Itinerário: 663 h

O BICULT SE ESTRUTURA ATRAVÉS DE EIXOS FORMATIVOS, A SABER:

Eixo 1- Espaços de interconhecimento: 340h*

Eixo 2- Experiências e Teorias da Cultura: 340h*

Enfoque I: Teorias da Cultura, Estado e Política Cultural

Enfoque II: Sócio-Antropologia

Enfoque III: Cultura, Arte e Educação

Enfoque IV: Cultura Brasileira e Baiana

Enfoque V: Economia da Cultura e Empreendedorismo

Eixo 3: Formação Geral e Afiliação: 697 h

Composto pelos componentes UNIAF, o componente CECULT - Narrativa, Documentação Biográfica e Cultura e três optativas de 68h.

Eixo 4: Itinerários Formativos: 663 h

Composto pelos onze componentes do itinerário.

Os eixos são distribuídos em módulos semestrais que integram a oferta dos diferentes componentes curriculares do BICULT.

*Observação: Os componentes Comunicação, Linguagens e Tecnologia (68h), Cultura Digital (68h), Culturas e Linguagens da Cena (51h) e Tecnologias da Cena (68h) integram a formação básica, associadas aos eixos 1 e 2, totalizando 255 horas.

FORMAÇÃO GERAL

- A formação geral visa criar condições para que o graduando possa compreender, analisar e lidar com a realidade.
- A formação geral tem como objetivos:
 - a. Formar o cidadão política e criticamente.
 - b. Favorecer o acesso ao conhecimento acadêmico e a afiliação do estudante.
 - c. Instrumentalizar o graduando para lidar com as diversas formas de conhecimento.

PROJETO INTEGRADOR

O Eixo 1 – Espaços de Interconhecimento se define por ser o eixo que articula e organiza o Projeto Integrador do BICULT, através de um programa de aprendizagem a ser desenvolvido com a contribuição de todas as Áreas de Conhecimento constituídas no BICULT, e que visa a elaboração/produção de projeto final de curso, para os/as acadêmicos, previsto para o Semestre VI, no componente Espaços de Interconhecimento – Projeto de Integração, com carga horária de 85h.

O Projeto integrador tem como finalidade promover a interdisciplinaridade prevista como princípio fundador do BICULT, conectando as contribuições epistemológicas, políticas e práticas nos campos das linguagens e das tecnologias aplicadas à Cultura, contribuindo assim, para a concretização das metas relativas ao perfil do egresso do BICULT.

Os componentes curriculares do Eixo 1, obrigatoriamente, deverão ser oferecidos por no mínimo três docentes de diferentes Áreas de Conhecimento do CECULT.

Para a realização da atividade interdisciplinar do Eixo 1, caberá aos docentes dos componentes Espaços de Interconhecimento conduzir, semestralmente, a articulação dos conteúdos e propostas de atividades integradoras com os demais componentes. Tais propostas podem estar conectadas com as manifestações festivas, artísticas, culturais e efemérides da região do Recôncavo e/ou em conexão com outros territórios e serão documentadas na forma de um anteprojeto semestral integralizador, definido pelo conjunto de áreas de conhecimento, ao início das atividades letivas.

Caberá aos docentes dos componentes do Eixo 1 redigir o relatório final semestral das atividades realizadas, a fim de garantir a continuidade da integração ao longo dos semestres seguintes e de produzir o registro necessário para o planejamento, no semestre VI, do trabalho final do componente Espaços de Interconhecimentos: projeto integrador.

EMENTÁRIO DE COMPONENTES CURRICULARES

Formulário Nº 10

MATRIZ CURRICULAR DO 1º CICLO DO BICULT

Componentes Curriculares	Carga Horária
Formação Geral	442
Formação na grande área	986
Itinerância Formativa	663
Atividades Complementares	120
Optativas	204
Total	2415

Concluída a formação acima, o aluno poderá solicitar a titulação de **Bacharel Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias**

Componentes Curriculares da Formação Geral	Carga Horária
Laboratório de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos	68h
Língua Inglesa	34h (X 4 semestres) = 136h
Espaços de Interconhecimento	51h (X 5 semestres) + 1X 85h= 340h
Diversidades, Cultura e Relações étnico-raciais	68h
Conhecimento, Ciência e Realidade	102h
CH TOTAL	714h

Componentes Curriculares da Formação Básica	Carga Horária
Experiências e Teorias da cultura – Enfoque I: Teorias da Cultura, Estado e Política Cultural	85h
Experiências e Teorias da cultura – Enfoque II: Sócio-Antropologia	68h
Experiências e Teorias da cultura – Enfoque III: Cultura, Arte e Educação	68h
Experiências e Teorias da cultura – Enfoque IV: Cultura Brasileira e Baiana	68h
Experiências e Teorias da cultura – Enfoque V: Economia da Cultura e Empreendedorismo	51h

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE ENSINO E INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
- PROJETO PEDAGÓGICO -

Processo nº Fls.

Rubrica:

Comunicação, Linguagens e Tecnologia	68h
Culturas e Linguagens da Cena	51h
Cultura Digital	68h
Tecnologias da Cena	68h
Linguagens e Expressões Artísticas I	51h
Narrativa, documentação biográfica e cultura	51h
Linguagens e Expressões Artísticas II	51h
Artes do corpo	51h
Laboratório de arte mídia I	51h
Laboratório de arte mídia II	51h
Projeto de integração	85h
CH TOTAL	986h

Itinerários Formativos	Carga Horária
Música Popular – Licenciatura	68h (X 6 componentes) + 51h (X5 componentes)
Produção Musical	68h (X 6 componentes) + 51h (X5 componentes)
Design Digital	68h (X 6 componentes) + 51h (X5 componentes)
Tecnologias do Espetáculo	68h (X 6 componentes) + 51h (X5 componentes)
Política e Gestão Cultural	68h (X 6 componentes) + 51h (X5 componentes)
CH TOTAL	663h

Componentes Curriculares Optativos	Carga Horária
Disciplinas Optativas	68h (X 3 semestre)
CH TOTAL	204h

ITINERÁRIOS FORMATIVOS

MÚSICA POPULAR

Componentes Curriculares do Itinerário Formativo	Carga Horária
História e Apreciação da Música	68h
História e Apreciação da Música Popular	68h
História e Apreciação da Música Brasileira	68h
Psicologia da Música	51h
Metodologia do Ensino e Aprendizagem em Música	68h
Pesquisa em Música	68h
Músicas de Tradição Oral no Brasil	51h
Canto Coral	51h
Ritmos e Instrumentos Musicais Brasileiros	68h
História e Memória da Música na Bahia	51h
Crítica Musical	51h

PRODUÇÃO MUSICAL

Componentes Curriculares do Itinerário Formativo	Carga Horária
História e Apreciação da Música	68h
História e Apreciação da Música Popular	68h
História e Apreciação da Música Brasileira	68h
Estúdio I Captação e Gravação Sonora	68h
Estúdio II Captação e Gravação Sonora	68h
Comunicação, Música e Tecnologia	51h
Legislação e Direitos Autorais	51h
Gestão e Empreendedorismo Cultural	51h
Produção Musical I	68h
Produção Musical II	51h
Espaços e Acústica	51h

TECNOLOGIAS DO ESPETÁCULO

Componentes Curriculares do Itinerário Formativo	Carga Horária
Gestão Técnica de Espetáculos	51h
História e Teoria das Artes do Espetáculo	68h
Luz e Iluminação	68h
Espaços e Acústica	51h
Sonorização	68h
Cenografia	68h
Gestão e Empreendedorismo Cultural	51h
Tecnologias Audiovisuais	68h
Desenho Técnico	68h
Fundamentos de Eletricidade e Eletrônica	51h
Figurino	51h

DESIGN DIGITAL

Componentes Curriculares do Itinerário Formativo	Carga Horária
História do Design	51h
História do Design Brasileiro	51h
Percepção Visual	68h
Desenho	68h
Desenho Geométrico	51h
Arte e Comunicação Visual	51h
Design de Interface	68h
Fotografia	68h
Interatividade	68h
Tecnologias Audiovisuais	68h
Ateliê	51h

POLÍTICA E GESTÃO CULTURAL

Componentes Curriculares do Itinerário Formativo	Carga Horária
Políticas Culturais	68h
Estado e Sociedade	68h
Introdução à Gestão Pública	68h
Mercado Cultural, Público e Consumo	68h
Teorias das Políticas Públicas	68h
Teorias do Desenvolvimento	51h
Administração e Gestão Pública	68h
Participação e Sociedade Civil	51h
Cultura e Desenvolvimento	51h
Relações Internacionais e Cooperação Cultural	51h
Orçamento e Financiamento da Cultura	51h

ELENCO DOS COMPONENTES CURRICULARES
Componentes Curriculares Obrigatórios por Centro

Formulário
Nº 11A

Quadro de Componentes Curriculares Obrigatórios – Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas - CECULT

Código	Nome	Função	Módulo	Semestre	Carga Horária*				Total/ semana	Pré-Requisitos
					T	P	E	Total		
CECULT 001	Diversidades, Cultura e Relações Étnico-raciais	OB	50	I	51	17		68	4h	
CECULT 002	Universidade, Sociedade e Ambiente	OB	50	I	51	17		68	4h	
CECULT 008	Laboratório de Leitura e Produção de Textos	OB	50	I	34	34		68	4h	
CECULT 009	Experiências e Teorias da Cultura – Enfoque I: Teorias da Cultura, Estado e Política Cultural	OB	50	I	68	17		85	5h	
CECULT 010	Espaços de Interconhecimento: Linguagem e Expressão Artística I	OB	50	I	17	34		51	3h	
CECULT 029	Comunicação, Linguagens e Tecnologia	OB	50	I	51	17		68	4h	

Código	Nome	Função	Módulo	Semestre	Carga Horária				Total/ semana	Pré-Requisitos
					T	P	E	Total		
	Espaços de Interconhecimento: Linguagem e Expressão Artística II	OB	50	II	17	34		51	3h	
	Experiências e Teorias da Cultura – Enfoque II: Sócio-Antropologia	OB	50	II	51	17		68	4h	
	Conhecimento, Ciência e Realidade	OB	50	II	85	17		102	6h	
	Culturas e Linguagens da Cena	OB	50	II	51			51	3h	
	Cultura Digital	OB	50	II	34	34		68	4h	
	Laboratório de Língua Inglesa I	OB	50	II	17	17		34	2h	
	Espaços de Interconhecimento: Artes do Corpo	OB	50	III	17	34		51	3h	
	Experiências e Teorias da Cultura – Enfoque III: Cultura, Arte e Educação	OB	50	II	68			68	4h	
	Narrativa, Documentação Biográfica e Cultura	OB	50	III	51			51	3h	
	Optativa I	OP	50	III	*	*	*	68	4h	
	Tecnologias da Cena	OB	50	III	34	34		68	4h	
	Laboratório de Língua Inglesa II	OB	50	III	17	17		34	2h	
	Espaços de Interconhecimento: Laboratório de ArteMídia I	OB	50	IV	17	34		51	3h	

Experiências e Teorias da Cultura – Enfoque IV: Cultura Brasileira e Baiana	OB	50	IV	51	17		68	4h	
Itinerário Formativo	OB	50	IV	*	*	*	68	4h	
Itinerário Formativo	OB	50	IV	*	*	*	68	4h	
Itinerário Formativo	OB	50	IV	*	*	*	68	4h	
Laboratório de Língua Inglesa III	OB	50	IV	17	17		34	2h	
Espaços de Interconhecimento: Laboratório de ArteMídia II	OB	50	V	17	34		51	3h	
Experiências e Teorias da Cultura – Enfoque V: Economia da Cultura e Empreendedorismo	OB	50	V	51			51	3h	
Itinerário Formativo	OB	50	V	*	*	*	68	4h	
Itinerário Formativo	OB	50	V	*	*	*	68	4h	
Itinerário Formativo	OB	50	V	*	*	*	68	4h	
Optativa II	OP	50	V	*	*	*	68	4h	
Laboratório de Língua Inglesa IV	OB	50	V	17	17		34	2h	
Espaços de Interconhecimento: Projeto de Integração	OB	50	VI	34	51		85	5h	
Itinerário Formativo	OB	50	VI	*	*	*	51	3h	
Itinerário Formativo	OB	50	VI	*	*	*	51	3h	
Itinerário Formativo	OB	50	VI	*	*	*	51	3h	

	Itinerário Formativo	OB	50	VI	*	*	*	51	3h	
	Itinerário Formativo	OB	50	VI	*	*	*	51	3h	
	Optativa III	OP	50	V	*	*	*	68	4h	

* A carga horária total por semana constitui-se da soma das atividades teóricas, práticas, experimentais e de educação a distância. Discrimina-se apenas a carga horária total dos componentes dos itinerários formativos e das optativas, uma vez que o discente escolherá, supervisionado por seu tutor, o componente a ser cursado a partir de um leque de ofertas variado, envolvendo atividades teóricas, práticas, experimentais e de educação a distância conforme as especificidades do componente escolhido.

ELENCO DOS COMPONENTES CURRICULARES
Componentes Curriculares Optativos por Centro**Formulário**
Nº 11B**Quadro de Componentes Curriculares Optativos – Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias**
Aplicadas – CECULT**OPTATIVAS****DJ – 68h**

Ementa: Música e tecnologias. Origens do djing. O DJ e sua cultura. O remix e a mixagem como técnicas criativas. Mercado e dj. O vjing e o djing – o audiovisual. Estilos musicais e djing. Técnicas de Mixagens.

SEMINÁRIOS ESPECIAIS EM CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS I – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho teórico ou prático no campo da cultura, das linguagens e/ou das tecnologias a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

SEMINÁRIOS ESPECIAIS EM CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS II – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho teórico ou prático no campo da cultura, das linguagens e/ou das tecnologias a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

SEMINÁRIOS ESPECIAIS EM CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS III – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho teórico ou prático no campo da cultura, das linguagens e/ou das tecnologias a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

SEMINÁRIOS ESPECIAIS EM CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS IV – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho teórico ou prático no campo da cultura, das linguagens e/ou das tecnologias a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

SEMINÁRIOS ESPECIAIS EM CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS V – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho teórico ou prático no campo da cultura, das linguagens e/ou das tecnologias a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

SEMINÁRIOS ESPECIAIS EM CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS VI – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho teórico ou prático no campo da cultura, das linguagens e/ou das tecnologias a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

SEMINÁRIOS ESPECIAIS EM CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS VII – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho teórico ou prático no campo da cultura, das linguagens e/ou das tecnologias a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

SEMINÁRIOS ESPECIAIS EM CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS VIII – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho teórico ou prático no campo da cultura, das linguagens e/ou das tecnologias a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

SEMINÁRIOS ESPECIAIS EM CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS IX – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho teórico ou prático no campo da cultura, das linguagens e/ou das tecnologias a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

SEMINÁRIOS ESPECIAIS EM CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS X – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho teórico ou prático no campo da cultura, das linguagens e/ou das tecnologias a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

ÉTICA E DEONTOLOGIA – 68h

Ementa: Conhecimento, Ciência, Política, Moral, Lógica, Objetividade dos Valores. Conceituação de Ética. A Ética e Liberdade. Componentes Éticos da profissão. A Ética da vida sócio econômica. Análise ética nas organizações modernas. Ética e propaganda. Código de ética, direitos e deveres. A Ética e o direito na perspectiva tradicional e na civilização tecnológica. Direitos fundamentais na sociedade atual, análise da legislação brasileira. O Conselho Nacional de Direitos Autorais e o seu funcionamento e perspectivas.

TÓPICOS DA ARTE PRÉ-HISTÓRICA – 68h

Ementa: Debater os aportes teóricos metodológicos utilizados na pesquisa com representações rupestres. Aprofundar os estudos em arte pré-histórica, especialmente em arte rupestre em território brasileiro. Reconhecer os principais problemas de conservação em sítios rupestres. Apresentar propostas de musealização em sítios rupestres.

TÓPICOS DA ARTE INDÍGENA – 68h

Ementa: Significados de arte para os povos indígenas. Noção de Cultura Material. Referentes sociais e cosmológicos dos grafismos, cestarias, cerâmicas e artes plumárias.

LIBRAS – LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – 68h

Ementa: Marco legal das políticas de proteção, integração e garantias de direitos aos portadores de deficiência auditiva. Política nacional aos portadores de deficiência. Conceito de deficiência. Histórias de surdos. Noções de língua portuguesa; noções lingüísticas de libras; técnicas de tradução de libras/português; tipos de frases em libras.

HISTORIOGRAFIA DA RELIGIÃO NA BAHIA – 68h

Ementa: Análise de estudos historiográficos relacionados ao catolicismo e suas relações com os cultos afro-brasileiros e com as igrejas protestantes na Bahia, do período colonial à segunda metade do século XX.

ESTUDOS DA CULTURA BAIANA – 68h

Ementa: Conceitos básicos sobre a realidade cultural baiana.

TÓPICOS DO CINEMA BRASILEIRO MODERNO E CONTEMPORÂNEO – 68h

Ementa: O cinema moderno brasileiro: a questão nacional e o cinema de autor. O Cinema Novo no contexto do Terceiro Cinema na América Latina. O Cinema Marginal e o experimental. A Embrafilme e o filme nacional-popular. O cinema independente da Boca do Lixo e o filme popular de gênero. As relações entre cinema, televisão, publicidade e indústria cultural no Brasil. A crise institucional dos anos 80 e 90. Aspectos estéticos, políticos, econômicos e culturais do cinema brasileiro contemporâneo.

MÚSICA E AUDIOVISUAL – 68h

Ementa: A disciplina examina o modo como a música opera como meio de produção de sentidos, sensações e sentimentos no contexto das obras expressivas audiovisuais. Partindo de reflexões sobre a natureza da música, investiga estratégias musicais de obras clássicas, modernas e contemporâneas.

PRÁTICAS DE AUDIOVISUAL – 68h

Ementa: Introdução aos processos de desenvolvimento de produtos audiovisuais: formatos, roteiro, fotografia, edição e finalização. Exercício prático de realização de um pequeno projeto audiovisual.

TÓPICOS EM CINEMA E EDUCAÇÃO – 68h

Ementa: Panorama histórico sobre a relação do cinema com a educação. Os cineastas e a educação. Análise sobre as experiências desenvolvidas na Europa, na América Latina e no Brasil. Pedagogia audiovisual e Educação audiovisual. A importância do cinema e do audiovisual na educação contemporânea.

ESTUDOS DA GLOBALIZAÇÃO – 68h

Ementa: Globalização e mundialização. Dimensões da globalização. Globalização e risco. Globalização e desigualdades. As consequências humanas da globalização e da mundialização. Desglobalização da globalização. Globalização e mídia. Globalização e jornalismo.

EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS – 68h

Ementa: Conceito e contexto da Educação e espaços alternativos de aprendizagem. A educação não formal no quadro da legislação brasileira. Os caminhos da educação popular. Espaços alternativos e outras modalidades de educação. A educação formal e informal como espaço político de luta pela hegemonia. Relação entre educação e desigualdade social. Os processos de ensino aprendizagem nas modalidades da educação informal.

TÓPICOS EM EFEITOS ESPECIAIS – 68h

Ementa: A história dos efeitos especiais no cinema. Os efeitos visuais antes do cinema. O impacto do emprego dos efeitos especiais sobre as narrativas audiovisuais. Técnicas analógicas e digitais de manipulação e composição da imagem para cinema e vídeo. A era dos efeitos digitais: continuidade e ruptura. Produção de efeitos especiais.

TEMAS EM ARTEMÍDIA I – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho artístico ou abordagem variada no campo das artes e das mídias a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

TEMAS EM ARTEMÍDIA II – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho artístico ou abordagem variada no campo das artes e das mídias a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

TEMAS EM ARTEMÍDIA III – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho artístico ou abordagem variada no campo das artes e das mídias a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

TEMAS EM ARTEMÍDIA IV – 68h

Ementa: Discussão sobre as relações entre música e mídia. As reflexões sobre a música no campo da comunicação: principais correntes e abordagens. Estudos de casos envolvendo música e mídia.

GÊNERO, IDENTIDADE E SOCIEDADE – 68h

Ementa: Do sexo ao gênero, uma construção social. Movimentos feministas como minorias ativas e mudanças sociais. Diferentes abordagens teórico-metodológicas. Gênero e reconstrução de identidades sociais. Comunicação, mídia e arte e suas relações com imaginação, imaginário e estereótipos. Gênero e cidadania. Gênero como categoria para pensar a sociedade.

TEMAS EM ARTE E PATRIMÔNIO I – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho artístico/patrimonial ou abordagem variada no campo das artes e do patrimônio a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

TEMAS EM ARTE E PATRIMÔNIO II – 68h

Ementa: Conteúdo de cunho artístico/patrimonial ou abordagem variada no campo das artes e do patrimônio a depender do tema proposto pelo professor ministrante.

TÓPICOS ESPECIAIS EM POLÍTICAS CULTURAIS – 68h

Ementa: As políticas culturais e o campo das políticas públicas: conceitos e tipologias. Análises históricas das políticas culturais no Brasil (e na Bahia): organização, estruturas, projetos e ações. Políticas e atores culturais contemporâneos. Políticas culturais, sociedade, estado e mercado. Políticas culturais e financiamento da cultura. Políticas culturais e patrimônio material e imaterial. As políticas culturais e os enlaces entre cultura e comunicação, cultura e educação, cultura e turismo.

TÓPICOS ESPECIAIS EM ECONOMIA DA CULTURA – 68h

Ementa: Campo da economia da cultura: artes, patrimônio cultural, indústrias culturais e indústrias criativas. Impacto das novas tecnologias nas artes e na cultura. Globalização, diversidade cultural e

economia da cultura. Economia da cultura e propriedade intelectual. Economia da cultura e desenvolvimento. Políticas culturais e economia da cultura. Financiamento da cultura.

TÓPICOS DA CULTURA – 68h

Ementa: Gênese sócio-histórica da palavra cultura. A antropologia e a invenção do conceito científico de cultura. Conceitos e abordagens de cultura no quadro das ciências sociais. Hierarquias sociais e hierarquias culturais: cultura letrada, culturas populares, cultura de massa. Cultura e contemporaneidade: cultura e identidade; diversidade cultural; culturas híbridas; cultura, comunicação e informação.

POLÍTICAS PATRIMONIAIS NO BRASIL – 68h

Ementa: O século XIX e as memórias institucionalizadas: os museus, academias e institutos; a institucionalização do patrimônio: Inspetoria de Monumentos Nacionais (1934): entre modernos e passadistas; O ante-projeto e a criação do SPHAN (1937): intelectuais e projetos para a nação; metodologias e práticas patrimoniais; desenvolvimento e fases do IPHAN; a regionalização das políticas de patrimônio do Brasil.

PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA – 68h

Ementa: Introdução aos conceitos de Patrimônio - compreendendo sua dimensão cultural e natural – e de Memória aplicados à Museologia e à compreensão do museu e de seus objetos/coleções.

TÓPICOS DA ARQUEOLOGIA – 68h

Ementa: Apresentação dos conceitos básicos para a análise e interpretação do documento arqueológico. Classificação e identificação da cultura material mais freqüente nos sítios. Instrumentalização dos estudantes para a abordagem e tratamento de tais coleções. Introdução aos aspectos técnicos metodológicos das práticas de campo e de laboratório, próprias da arqueologia. Discussão sobre a importância dos documentos arqueológicos na explicação dos processos sócio-históricos.

TÓPICOS DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA – 68h

Ementa: Abordagem de diferentes aspectos da ocupação humana no território brasileiro. Caracterização das primeiras instalações de caçadores coletores pleistocênicos até as frentes expansionistas pós-coloniais do século XIX. Análise das relações existentes entre os ambientes naturais e os dispositivos adaptativos criados pelos grupos humanos ao longo do tempo. Capacitação à prática de campo.

TÉCNICAS DE RESTAURO DE OBRAS DE ARTE – 68h

Ementa: Noções gerais das técnicas e produtos empregados para a restauração de bens culturais constituídos em diversos materiais.

TÓPICOS DA EXPOLOGIA – 68h

Ementa: Museus e comunicação, teorias da exposição. Estudo dos elementos constituintes das exposições: espaço, forma, objeto, luz, cor, recursos gráficos e plásticos. Animação, design de exposições; estudos de caso.

MEMÓRIA, ORALIDADE E HISTÓRIA – 68h

Ementa: Estudo das relações História e Memória. Abordagens e Usos da História Oral. História Oral e construção de identidades. A pesquisa em história oral: teoria, metodologia e prática.

ESTUDOS DA CULTURA POPULAR – 68h

Ementa: Estudo de um conjunto de temas relativos às sociedades e suas expressões culturais no Brasil. Estudos sobre o Samba. Estudos sobre a Capoeira. Estudos sobre o Maculelê. Estudos sobre festas religiosas. Estudos sobre o futebol. Estudos sobre o carnaval.

CULTURA E HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA – 68h

Ementa: O estudo da formação do mundo Atlântico e das conexões entre a África e o Brasil. A abordagem da ancestralidade africana na identidade brasileira a partir de estudos e reflexões acerca da história, da cultura e do pensamento africanos divulgado pela diáspora.

TEMAS EM HISTÓRIA DA ARTE – 68h

Ementa: Estudo de manifestações artísticas tendo em vista aspectos relativos à forma e ao sentido.

ESTUDOS DA ARQUITETURA DE MUSEUS – 68h

Ementa: Elaboração e análise de projetos arquitetônicos de museus. Aborda aspectos conceituais e estruturais das diversas tipologias.

TÓPICOS EM ANTROPOLOGIA AFRO-AMERICANA – 68h

Ementa: Africanistas vs. americanistas: 'campos' tradicionais da antropologia. Apresentação do 'campo' afro-americano: constantes e divergências. A diáspora africana nas Américas. Conceito de Atlântico Negro. Religião, língua e música: produção de identidades e etnicidade. Movimentos de reafrikanização. Problemática do afrocentrismo. Questão das reparações e das ações afirmativas: abordagem comparativa.

TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA VISUAL – 68h

Ementa: Apresentação dos aportes da antropologia visual dentro dos métodos e técnicas da antropologia social. Abordagem transdisciplinar dos vários conhecimentos e instrumentos técnicos requeridos aos antropólogos nesse campo. Consolidação de uma reflexão teórica diferenciada dentro da antropologia. Análise e discussão de textos e artigos. Discussão das diferentes tradições de antropologia visual, tanto no Brasil como no exterior. O emprego dos recursos visuais e audiovisuais (audio, fotografia, filmes e vídeos) postos ao serviço da antropologia.

TÓPICOS EM MÚSICA I: INTRODUÇÃO À ETNOMUSICOLOGIA – 68h

Ementa: Origens, usos e funções da música na história das sociedades humanas. A música, uma linguagem universal? Conceitos básicos de etnomusicologia. Etnografia das práticas musicais. Trabalho de campo e de laboratório. A música nas sociedades tradicionais. O conceito de 'música tradicional'. Música, rito e religião. Antropologia da música *versus* Etnomusicologia. Etnicidade, identidade e música. *World Music*. Músicas urbanas. Músicas em diáspora. A etnomusicologia no Brasil. Etnomusicologia aplicada e pesquisa participativa.

TÓPICOS EM MÚSICA II: FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL EM MÚSICA – 68h

Ementa: Introdução aos estudos de Música. Conhecimento e reflexão sobre os processos de formação profissional nos campos da música. Os campos de atuação do profissional de música. Ética e legislação.

TÓPICOS EM MÚSICA III: CONJUNTO INSTRUMENTAL – 68h

Ementa: Estudo e execução de peças para conjuntos mistos ou de formação tradicional com ênfase na Música Brasileira. Práticas interpretativas a partir das especificidades de cada grupo. Estímulo à produção de composições e arranjos de alunos, professores e compositores diversos.

TÓPICOS EM MÚSICA IV: IMPROVISAZÃO LIVRE – 68h

Ementa: Estudo da fundamentação histórica, teórica e prática sobre os percursos da improvisação. Elaboração de práticas improvisatórias não circunscritas aos códigos, estilos e sistemas musicais pré-estabelecidos.

TÓPICOS EM SOCIOLOGIA DA CULTURA – 68h

Ementa: A cultura como objeto de estudo sociológico. Principais teóricos da sociologia da cultura. O mercado dos bens simbólicos. Cultura e identidade. Globalização e cultura.

ELENCO DOS COMPONENTES CURRICULARES - Integralização por Semestres

Formulário
 Nº 11C

DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA	Horas/ Semana	NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
1º SEMESTRE				
Espaços de Interconhecimento: Linguagem e Expressão Artística I	51h	3h	Obrigatória	
Experiências e Teorias da Cultura – Enfoque I: Teorias da Cultura, Estado e Política Cultural	85h	5h	Obrigatória	
Universidade, Sociedade e Ambiente	68h	4h	Obrigatória	
Laboratório de Leitura e Produção de Textos	68h	4h	Obrigatória	
Comunicação, Linguagens e Tecnologia	68h	4h	Obrigatória	
Diversidades, Cultura e Relações Étnico-raciais	68h	4h	Obrigatória	
Total	408h	24h		
2º SEMESTRE				
Espaços de Interconhecimento: Linguagem e Expressão Artística II	51h	3h	Obrigatória	
Experiências e Teorias da Cultura – Enfoque II: Sócio-Antropologia	68h	4h	Obrigatória	
Conhecimento, Ciência e Realidade	102h	6h	Obrigatória	
Cultura e Linguagens da Cena	51h	3h	Obrigatória	
Cultura Digital	68h	4h	Obrigatória	
Laboratório de Língua Inglesa I	34h	2h	Obrigatória	
Total	374h	22h		

DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA	Horas/ semana	NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
3º SEMESTRE				
Espaços de Interconhecimento: Artes do Corpo	51h	3h	Obrigatória	
Experiências e Teorias da Cultura – Enfoque III: Cultura, Arte e Educação	68h	4h	Obrigatória	
Narrativa, Documentação Biográfica e Cultura	51h	3h	Obrigatória	
Optativa I	68h	4h	Optativa	
Tecnologias da Cena	68h	4h	Obrigatória	
Laboratório de Língua Inglesa II	34h	2h	Obrigatória	
Total	340h	20h		
4º SEMESTRE				
Espaços de Interconhecimento: Laboratório de ArteMídia I	51h	3h	Obrigatória	
Experiências e Teorias da Cultura – Enfoque IV: Cultura Brasileira e Baiana	68h	4h	Obrigatória	
Itinerário Formativo	68h	3h	Obrigatória	
Itinerário Formativo	68h	4h	Obrigatória	
Itinerário Formativo	68h	4h	Obrigatória	
Laboratório de Língua Inglesa III	34h	2h	Obrigatória	
Total	357h	20h		

DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA	Horas/ semana	NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
5º SEMESTRE				

Espaços de Interconhecimento: Laboratório de ArteMídia II	51h	3h	Obrigatória	
Experiências e Teorias da Cultura – Enfoque V: Economia da Cultura e Empreendedorismo	51h	3h	Obrigatória	
Itinerário Formativo	68h	4h	Obrigatória	
Itinerário Formativo	68h	4h	Obrigatória	
Itinerário Formativo	68h	4h	Obrigatória	
Optativa II	68h	4h	Optativa	
Laboratório de Língua Inglesa IV	34h	2h	Obrigatória	
Total	408h	24h		
6º SEMESTRE				
Espaços de Interconhecimento: Projeto de Integração	85h	5h	Obrigatória	
Itinerário Formativo	51h	3h	Obrigatória	
Itinerário Formativo	51h	3h	Obrigatória	
Itinerário Formativo	51h	3h	Obrigatória	
Itinerário Formativo	51h	3h	Obrigatória	
Itinerário Formativo	51h	3h	Obrigatória	
Optativa III	68h	4h	Optativa	
Total	408	24h		

CARGA HORÁRIA TOTAL: 2.295 horas

NORMAS DE FUNCIONAMENTO DO CURSO**Formulário
Nº 12**

O BICULT, através do funcionamento dos órgãos colegiados deliberativos, constituídos dos segmentos em consonância com as políticas institucionais terá como princípio a gestão democrática.

O BICULT, assegurará a autonomia didático-científica da Universidade, fomentando a produção científica, a extensão universitária e o intercâmbio sócio-cultural.

O BICULT organizará o Colegiado do Curso, com as representações das terminalidades presentes nos itinerários formativos e a Formação Geral.

Deste modo, constitui-se com: um representante da Formação Geral, um representante dos Espaços de Interconhecimento, um representante de Linguagens e tecnologias, e um representante de cada uma das áreas de concentração previstas na BICULT, a saber: Política e Gestão Cultural, Design Digital, Produção Musical, Música Popular e Comunicação.

No BICULT serão constituídas Áreas de Conhecimento que agregarão os docentes, considerando os campos de conhecimento evocados pelas terminalidades previstas no BICULT (Ciclo II).

O BICULT está organizado em dois ciclos de integralização. O Ciclo I compreende a formação definida nos três primeiros anos de curso com a conclusão do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas.

O Ciclo II compreende a formação sequenciada e opcional nas terminalidades previstas no projeto, a saber: Produção Musical, Música Popular, Tecnologias do Espetáculo, Design Digital e Política e Gestão Cultural, com conclusão de bacharelados em cada uma das áreas elencadas, respeitando os seus respectivos Projetos Pedagógicos de Curso.

Cada umas das terminalidades e o BICULT (Ciclo I) contarão com colegiados de curso específicos e coordenações independentes, de acordo com a regulamentação da UFRB.

O BICULT se embasa no documento 'Referenciais orientadores para os bacharelados interdisciplinares e similares (2010)'.
•

- DECRETO Nº 4.281, de 25 de JUNHO de 2002 - regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências.
- Étnico-Raciais: Lei 10.639/2003, Lei 11.645/08 - Parecer CNE/CP 3/2004, Resolução CNE/CP nº 1 de 17 de junho de 2004.
- Resolução CONAC/UFRB 003/2008.
- Resolução CONAC 14/2009 que dispõe sobre a inserção da LIBRAS nos Cursos da UFRB.

- Parecer CNE/CES nº 67, de 11/03/2003 – Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs dos cursos de graduação; Resolução CNE/CES Nº 3, de 18 de junho de 2007, Dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora-aula, e dá outras providências.
- Resolução CONAC – 03/2007 que dispõe sobre as diretrizes para elaboração dos Projetos Políticos Pedagógicos dos Cursos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Disponível em: <http://www.ufrb.edu.br/conac/index.php/resolucoes/2007/37-resolucao-no-032007>
- Plano de Desenvolvimento Institucional da UFRB (2010-2014), dentre os compromissos institucionais assumidos, também define a organização curricular dos cursos pautada em três modalidades de componentes curriculares (geral, básico e específico);
- Portaria Inep nº 244 de 10 de maio de 2013.

METODOLOGIA**Formulário
Nº 13****METODOLOGIA: SOBRE O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO**

As atividades metodológicas de planejamento pedagógico são as asseguradoras do cumprimento dos princípios de interdisciplinaridade esposados no projeto BICULT.

O planejamento pedagógico deve ser articulado com um programa de formação continuada de professores, possibilitando assim, a retroalimentação entre a avaliação do projeto, em suas práticas, o que orienta o planejamento, e a atualização e adequação dos docentes aos contextos concretos de sua atuação, através da formação continuada.

O planejamento deve se debruçar sobre os aspectos estruturantes do BICULT, deve adotar os seguintes procedimentos e mediações para o desenvolvimento e a qualificação do PPC:

- da abordagem interdisciplinar e intercultural do currículo.
- eixos estruturantes do currículo BICULT.
- dos fluxos para a integralização curricular.
- das atividades de tutoria.
- do programa de aprendizagem de cada componente curricular.
- das metodologias de ensino e aprendizagem.
- do processo de avaliação da aprendizagem.

O planejamento pedagógico integra a carga horária semanal de dedicação docente.

A reunião semanal de planejamento, terá duração de 2 (duas) horas, e será convocada e coordenada pela Coordenação do Colegiado de Curso.

ATENDIMENTO AO DISCENTE**Formulário
Nº 14****PROGRAMA DE TUTORIA**

O Programa de Tutoria do BICULT é uma ação pedagógica que visa contribuir com a vida acadêmica dos discentes, sua afiliação, permanência e construção do êxito acadêmico. É uma prática processual, contínua, desenvolvida pelos docentes do BICULT, desde o ingresso dos discentes, acompanhando-os em seus percursos formativos, até a conclusão do curso de graduação.

As ações do Programa de Tutoria integram:

- **Ações de acolhimento:**

Relativas ao início da vida acadêmica, apresentação da instituição, do curso, das rotinas e procedimentos institucionais. O acolhimento envolve ainda a valorização das experiências de vida e formação dos estudantes, suas vivências escolares e comunitárias, seus saberes e protagonismo.

Nesta etapa haverá também a orientação sobre o percurso formativo no BICULT, bem como, procedimentos regulares, com encontros periódicos para o monitoramento e acompanhamento da vida acadêmica de cada discente.

No primeiro semestre o estudante deve cumprir 10% da carga horária de atividades complementares com atividades de afiliação à vida universitária.

- **Ações de permanência:**

Relativas à continuidade da formação, seus fluxos institucionais, ao acompanhamento da aprendizagem, das estratégias de estudo, avanços na formação e ampliação da autonomia do estudante.

Essa etapa visa buscar os meios para assegurar a afiliação do estudante, sua permanência efetiva, e fornecimento de informações que possibilitem maior adequação dos estudantes à vida universitária. Serão abordados temas vinculados à iniciação científica, à inserção em atividades de extensão, à programas institucionais de ações afirmativas, permanência qualificada e assistência estudantil.

A tutoria focará no acompanhamento da construção do sucesso acadêmico: itinerários individuais, escores de avaliação, definição de matrículas semestrais, acompanhamento

da auto-formação, das atividades complementares de formação individual, construção dos itinerários formativos, e o apoio para a construção da condição de estudante universitário, sua integração à vida acadêmica, etc.

A afiliação à vida universitária integra a participação em atividades acadêmicas (científicas, culturais, esportivas, de lazer, comunitárias) realizadas no âmbito do CECULT e dos demais Centros da UFRB, bem como, em outras instituições de ensino superior.

- **Ações de pós-permanência**

relativas às ações de conclusão do curso (identificação dos projetos individuais de continuidade da formação), da inserção nas terminalidades, da inserção no mercado de trabalho.

A Coordenação do programa de tutoria integra as ações da Coordenação do Colegiado do BICULT, e integrará todos os docentes do CECULT, como tutores. Cada docente terá um conjunto do máximo 15 discentes, para seu acompanhamento e supervisão.

O/a estudante poderá solicitar a mudança do grupo de tutoria, apenas ao final do primeiro semestre, por solicitação justificada à Coordenação do Programa de Tutoria. A definição dos grupos de tutoria far-se-á através de sorteio.

O docente tutor deverá reunir-se com seu grupo, regularmente, a cada início e fim de semestre, e disporá de carga horária semanal de atendimento, podendo computar em seu plano de trabalho o total mensal de 4 horas de tutoria.

A dinâmica das reuniões e das atividades de tutoria ficarão a critério do docente-tutor e sob a orientação da Coordenação do Programa de Tutoria/CECULT, sendo imprescindíveis os encontros coletivos no 1º, 3º e 6º semestres do Curso.

EMENTÁRIO DE COMPONENTES CURRICULARES**Formulário
Nº 15****COMPONENTES CURRICULARES DO BICULT**

FORMAÇÃO BÁSICA

1º CICLO

I SEMESTRE

Nome e código do componente curricular: ESPAÇOS DE INTERCONHECIMENTO: LINGUAGEM E EXPRESSÃO ARTÍSTICA I		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: As artes e outras formas de conhecimento e expressão: conceituações e distinções. Arte como forma de expressão e comunicação. Arte e sociedade. A recepção da obra de arte.			
Bibliografia Básica: ECO, Umberto. História da beleza . 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. JANSON, H. W. ; JANSON, A.F. História geral da arte . São Paulo: Martins Fontes, 2007. RODRIGUES, Adriano D. Comunicação e cultura a experiência cultural na era da informação . Lisboa: Editorial Presença, LDA, 1994.			
Bibliografia Complementar: ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna . São Paulo: Cia. das Letras, 1990. ARNHEIN, R. Arte e percepção visual . São Paulo: Pioneira, 1998. BARTHES, Roland. O rumor da língua . Lisboa: Edições 70, 1984. BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica . Trad. Gabriel Valladdão Silva. 1. Ed. Porto Alegre: L&PM, 2013. BOSI, A. Reflexões sobre arte . São Paulo: Ática, 2000.			
Bibliografia Adicional: BOURDIEU, Pierre. & DARBEL, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público . São Paulo: EDUSP, 2003. CALABRESE, Omar. A linguagem da arte . Rio de Janeiro: Globo, 1987. CARR-GOMM, Sarah. A linguagem secreta da arte . Lisboa: Estampa, 2003. DOMINGUES, Diana. A arte no século XXI: a humanização das tecnologias . São Paulo: UNESP, 1997. ECO, Umberto. Obra aberta . São Paulo: Perspectiva, 2010. ECO, Umberto. Obra aberta . forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 1971. FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Coleção Passagens. Lisboa: Veja, 2000. HAUSER, Arnold. História social da arte e da literatura . São Paulo: Martins Fontes, 2000. HUIZINGA, Johan. Homo ludens . São Paulo: Perspectiva, 1990. KIEFER, Bruno. Elementos da linguagem musical . 5. ed. Porto Alegre: Movimento, 1987. Lima. L. C. (org.) A literatura e o leitor: textos de estética da recepção . Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979. MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito . São Paulo: Cosac Naify, 2004. PANOFSKY, Erwin. Significado nas artes visuais . 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.			

-
- RANCIÉRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- RANCIÉRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.
- RATTON, Miguel, **Criação de música e sons no computador**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1995.
- ROUBINE, Jean-Jacques. **Linguagem da encenação teatral**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SENAC. **Fotógrafo: o olhar, a técnica e o trabalho**. São Paulo: SENAC, 2003.
- SUZIGAN, Geraldo. **Pensamento e linguagem musical**. São Paulo: G4 Edições, 2003.
- VIEIRA, Jorge. de A. **Teoria do conhecimento e arte – formas de conhecimento: arte e ciência uma visão a partir da complexidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

Nome e código do componente curricular: EXPERIÊNCIAS E TEORIAS DA CULTURA – ENFOQUE I: TEORIAS DA CULTURA, ESTADO E POLÍTICA CULTURAL		Centro: CECULT	Carga horária: 85h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Gênese sócio-histórica da palavra cultura. O campo da cultura e as intervenções do Estado. Definições de políticas culturais. Políticas e atores culturais contemporâneos. O financiamento da cultura: entre o Estado e o mercado. Os destinatários das políticas culturais. Instrumentos de políticas culturais. Planejamento estratégico das políticas culturais nos âmbitos internacional, nacional, estadual e municipal: tipologias e experiências.</p>			
<p>Bibliografia Básica: COELHO, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural, cultura e imaginário. São Paulo: FAPESP; Iluminuras, 2012. RUBIM, Antonio Albino Canelas e BARBALHO, Alexandre. Políticas culturais no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007 (Coleção CULT). WARNIER, Jean-Pierre. A Mundialização da cultura. Bauru - SP: EDUSC, 2003.</p>			
<p>Bibliografia Complementar: EAGLETON, Terry. A ideia de Cultura. São Paulo: Ed. UNESP, 2005. LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. NUSSBAUMER, Gisele M. (org.) Teorias e políticas da cultura. Salvador, Edufba, 2007. RUBIM, Antonio Albino Canelas e BAYARDO, Rubens (Orgs.). Políticas culturais na Ibero-América. Salvador, EDUFBA, 2008. RUBIM, Antonio Albino Canelas. Cultura e Políticas Culturais. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011.</p>			
<p>Bibliografia Adicional: BARBALHO, Alexandre. Relações entre o Estado e a Cultura no Brasil. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 1998. BORDIEU, P. O poder simbólico. 2.ed.São Paulo:Bertrand Brasil, 1998. BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.15, n.2, p.73-83, abr./jun. 2001. BRANT, Leonardo (Org.). Políticas Culturais. São Paulo: Manole, 2003. CUCHE, Denys. A noção de cultura nas Ciências Sociais. Bauru: EDUSC, 2002. FOUCAULT, M. Microfísica do poder. São Paulo: Graal,2012. KUPER, Adam. Cultura: a visão dos antropólogos. Bauru, SP: EDUSC, 2002. MAAR, W.L. O que é política (Coleção Primeiros Passos) . São Paulo: Brasiliense , 1994. MATELLART, Armand. Diversidade cultural e mundialização. São Paulo: Parábola, 2005. ORTIZ, Renato. Cultura e modernidade. São Paulo: Brasiliense, 1987. ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira. Cultura brasileira e indústria cultural. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1987. WILLIAMS, Raymond. Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.</p>			

Nome e código do componente curricular: UNIVERSIDADE, SOCIEDADE E AMBIENTE		Centro: CECULT	Carga horária: 68h (17 EAD)
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Universidade: histórico, desafios na realidade brasileira, baiana e do recôncavo. Função social da universidade. ensino, pesquisa, extensão e ações afirmativas: conceito, processos, abrangência e objetivos. Estudante: compromisso com a ética da causa pública, consequências da própria ação (metacognição), interesses republicanos. Sociabilidades no mundo contemporâneo. Estado: natureza e funções, cidadania popular organizada. Espaço público como equalizador de oportunidades; Constituição sócio-histórica do conceito de Ambiente; Soberania e sustentabilidade alimentar e energética; Ética ambiental; Consumo e responsabilidade socioambiental. Saneamento ambiental; educação ambiental. Ciência, tecnologia e sustentabilidade na constituição social.			
Bibliografia Básica: CANCLINI, N. A globalização imaginada . São Paulo: Iluminuras, 2003. CASTELLS, M. O poder da identidade: a era da informação – vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2003. MORIN, E. Cultura de massa no século XX - O espírito do tempo. Vol.I, Neurose. São Paulo: Forense universitária, 2011.			
Bibliografia Complementar: CHAUÍ, Marilena. Escritos sobre a universidade . São Paulo: Editora UNESP, 2001. SANTOS, Boaventura Sousa. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade . São Paulo: Cortez, 2005. SANTOS, Milton. Por uma outra globalização . São Paulo: Record, 2000. VALLS, Álvaro. O que é ética . São Paulo: Brasiliense, 1996. VIANA HISSA, Carlos Eduardo. Conversações: de artes e de ciências . Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.			
Bibliografia Adicional: CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf >. Acesso em: 15 nov. 2013. CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia . In: Crítica y emancipación : Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires : CLACSO, 2008- . ISSN 1999-8104. Disponível em: < http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf >. Acesso em: 15 nov. 2013. FERREIRA, João Sette Whitaker. A cidade ara poucos: breve história da propriedade urbana no Brasil. Publicado em Anais do Simpósio "Interfaces das representações urbanas em tempos deglobalização" . UNESP Bauru e SESC Bauru, 21 a 26 de agosto de 2005. Disponível em: < http://pt.scribd.com/doc/56678804/A-Cidade-Para-Poucos-breve-Historia-Da-Propriedade-Urbana-No-Brasil-JOAO-WHITAKER-1 >. Acesso em: 30 jul. 2013. FILHO, Naomar; SANTOS, Boaventura de Sousa. A Universidade no século XXI: para uma universidade nova . Disponível em: < http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf >. Acesso: 20 nov. 2013. LEFEBVRE, H. O direito à cidade . São Paulo: Centauro, 2013. ORTIZ, Renato. Cultura e modernidade . São Paulo: Brasiliense, 1991 ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira . Cultura brasileira e indústria cultural. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. SANTOS, Boaventura Sousa. A globalização e as ciências sociais . São Paulo: Editora Cortez, 2004. SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico . São Paulo: Cortez, 2007.			

Nome e código do componente curricular: LABORATÓRIO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS		Centro: CECULT	Carga horária: 68 h (34 EAD)
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 25	
<p>Ementa: Formação da nação brasileira. Importância da Bahia e seus territórios na constituição da Nação, da cultura e do povo: econômica, política, artística e linguística. Debates contemporâneos: desenvolvimento da Bahia e do Recôncavo. Teorias, políticas e práticas culturais das diversidades. Relações étnico-raciais. Tradições históricas e culturais do Recôncavo no diálogo entre as experiências das comunidades locais. Ciência, tecnologia e sustentabilidade - territorialidade e identidade.</p>			
<p>Bibliografia Básica KOCH, Ingedore V. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 2007. CLAVER, R. Escrever sem doer: Oficinas de redação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 2007.</p>			
<p>Bibliografia Complementar BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992. CHALHUB, Samira. Funções da linguagem. São Paulo: Ática, 2003. FIORIN, J.L.; SAVIOLI, F.P. Para entender o texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2007. FARACO, C.; TEZZA, C. Prática de texto para estudantes universitário. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. FULGÊNCIO, L.; LIBERATO, Y. Como facilitar a leitura. São Paulo: Contexto, 1999.</p>			
<p>Bibliografia Adicional: BOAVENTURA, E.M. Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, tese. São Paulo: Atlas, 2004. CARRASCOZA, J.A Redação Publicitária: estudos sobre a retórica do consumo. Rio de Janeiro: Futura, 2003. CARVALHO, M.C.M. Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas. São Paulo: Papirus, 2010. FERREIRA, Aurélio B.H. Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa: edição história 100 anos. Curitiba: Positivo Livros, 2010. GARCIA, Othon. Comunicação em prosa Moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1980. GUIMARÃES, E. A Articulação do texto. São Paulo: Ática, 2007. HAVELOCK, Eric A. A Musa aprende a escrever: Reflexões sobre oralidade e literacia da Antiguidade ao presente. Lisboa: Gradiva, 1996. HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: com a nova ortografia da língua português. São Paulo: Objetiva, 2009. KATO, M.A. No Mundo da escrita. São Paulo: Ática, 2011. KLEIMAN, A. Leitura- ensino e pesquisa. Rio de Janeiro: Pontes, 2008. ORLANDI, E.P. Discurso e leitura. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2012. VANOYE, F. Usos da linguagem: problemas e técnicas da produção oral e escrita. Rio de Janeiro: Martins Editora, 2007.</p>			

Nome e código do componente curricular: COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIA	Centro: CECULT	Carga horária: 68 h (17h EAD)
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória
Pré-requisito: Sem pré-requisito		Módulo de alunos: 50
<p>Ementa:</p> <p>A comunicação como ciência social e área científica. A visão transmissionista da Comunicação. A cultura de massa e a Indústria Cultural. As mediações culturais. As extensões tecnológicas e a constituição dos ambientes comunicacionais. A relação entre técnica e tecnologia. A interação entre suporte, meio comunicativo, códigos e linguagens. Gêneros e formatos midiáticos. Os ambientes comunicacionais na contemporaneidade: noções de sociedade em rede e da cultura da convergência.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>McLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1989.</p> <p>SANTAELLA, Lúcia. Por que as comunicações e as artes estão convergindo? São Paulo: Paulus, 2005.</p> <p>WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação: Mass media: contextos e paradigmas, Novas tendências, Efeitos a longo prazo, O newsmaking. Barcarena: Presença, 2006.</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Trad. Gabriel Valladão Silva. 1. ed. Porto Alegre-RS: L&PM, 2013.</p> <p>CITELLI, Adilson; BERGER, Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014. (fica na básica?)</p> <p>JANOTTI JR., Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (Orgs.). Mediação & Mídia. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.</p> <p>MARTÍN-BARBERO, Jesús. Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Trad. Renata Pallottini. São Paulo: Edições Loyola, 2004.</p> <p>MIÈGE, Bernard. A sociedade tecida pela comunicação: técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social. Trad. Florence Trazet. São Paulo: Paulus, 2009.</p> <p>Bibliografia Adicional:</p> <p>ADORNO, T.; HORKHEIMER, M.A. Dialética do Esclarecimento. São Paulo: Zahar, 1985.</p> <p>BORDENAVE, J.E.D. O que é Comunicação. (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1997.</p> <p>BOUGNOUX, D. Introdução às ciências da comunicação. Santa Catarina: EDUSC, 1999.</p> <p>BRAGA, José Luiz. A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.</p> <p>BURGES, Jean; GREEN, Joshua. YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Trad. Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.</p> <p>CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo. EDUSP, 2013.</p> <p>CANCLINI, Néstor García. Leitores, espectadores e internautas. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.</p> <p>CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.</p> <p>CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. Trad. Vol. I. São Paulo: Paz e Terra, 1999.</p> <p>COSTELLA, A. Comunicação: do grito ao satélite. Campos do Jordão-SP : Mantiqueira, 1984.</p> <p>FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Os nomes da comunicação. São Paulo, Annablume, 2012.</p> <p>GOMES, Maria Itania Mota; JANOTTI Jr., Jeder Silveira (Orgs). Comunicação e estudos culturais. Salvador: EDUFBA, 2011.</p> <p>JENKIS, Henry. Cultura da Convergência. Trad. Susana Alexandria. 2ª Ed. 3ª Reimpressão. São Paulo: Aleph, 2009.</p> <p>JOHNSON, Steven. Cultura da Interface: Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Trad. Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2001.</p> <p>LEVY, P. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 2005.</p> <p>LIMA, L.C. (Org.). Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.</p>		

-
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Trad. Maria Immacolata Vassalo de Lopes; Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.
- MATTELART, A. **A globalização da comunicação**. Santa Catarina: EDUSC, 2000.
- MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.
- McLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **El medio es el masaje**. Barcelona: Paidós, 1995.
- MORIN, E. **Cultura de massa no século XX: V.1 Neurose** - Edição brasileira de o espírito do tempo. São Paulo: Forense Universitária, 2011.
- NEIVA, E. **Dicionário Houaiss de Comunicação e multimídia**. São Paulo: Publifolha Editora, 2013.
- RIBEIRO, José Carlos; FALCÃO, Thiago; SILVA, Tarcísio (Orgs.). **Mídias sociais: saberes e representações**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- WOLTON, D. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

Nome e código do componente curricular: DIVERSIDADES, CULTURA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Formação da nação brasileira. Importância da Bahia e seus territórios na constituição da nação, cultura e povo: econômica, política, artística e linguística. Debates contemporâneos: desenvolvimento da Bahia e do Recôncavo. Teorias, políticas e práticas culturais, das diversidades. Relações étnico-raciais. Tradições históricas e culturais do Recôncavo no diálogo entre as experiências das comunidades locais. Territorialidade e identidade.</p>			
<p>Bibliografia Básica: ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: 2006</p>			
<p>Bibliografia Complementar: BASTIDE, R. O candomblé da Bahia: rito nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. HOLANDA, Sérgio B. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. NASCIMENTO, Claudio O. C.; JESUS, Rita de C. D. P de. Currículo e Formação: diversidade e educação das relações étnico-raciais. Curitiba: Progressiva, 2010. PACHECO, João de O.; FREIRE, Carlos A. da R. A presença indígena na formação do Brasil. Brasília: Ministério da Educação, s/d. RIBEIRO, João Ubaldo. Viva o povo brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2008.</p>			
<p>Bibliografia Adicional: ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amílcar A. Histórias do movimento negro no Brasil. Depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro : FGV/Pallas, 2007 CARVALHO, Marcos J. M. de. Liberdade; rotinas e rupturas do escravismo – Recife, 1822-1850. Ed. Universitária da UFPE, 2001. CASTRO, Armando. Irmãos de fé: tradição e turismo no Recôncavo Baiano. Rio de Janeiro: E-papers, 2006. CHALHOUB, Sidney. Visões da Liberdade. Uma História das últimas décadas de escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. DAIBERT JÚNIOR, Robert. Isabel a “Redentora” dos escravos; uma história da princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988). Bauru: EDUSC, 2004. DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. FLORENTINO, Manolo. Em Costas Negras. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 FONSECA, Maria N. S. (org.) Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. GUEDES, Roberto. Egressos do Cativo. Trabalho, família, aliança e mobilidade social. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2008. KARASCH, M. C. A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850). São Paulo: Companhia das Letras, 2000. LIBBY, Douglas Cole. Transformação e trabalho em uma economia escravista; Minas Gerais no século XIX. LOPES, Nei. Bantos, Males e Identidade Negra. Editora Autêntica, 2007 LOPES, Nei. Partido Alto. Samba de Bambas. Editora Pallas, 2005. MATTOS, Hebe M. de C. Das cores do silêncio (Os significados da liberdade no Sudeste escravista – Brasil, século XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995. MEDINA, João & HENRIQUES, Isabel C. A rota dos escravos; Angola e a rede do comércio negro. Lisboa: CEGIA, 1996. MOURA, Milton. (Org.). A larga barra da baía: essa província no contexto do mundo. Salvador: EDUFBA, 2011. MUNANGA, Kabenguele. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil. Identidade Nacional versus identidade negra. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.</p>			

- NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo. Documentos de uma militância pan-africanista.** Brasília: Fundação Cultural Palmares/ Rio de Janeiro: OR Editor Produtor Editor, 2002.
- OLIVEIRA, Maria Inês C. de. **O liberto: o seu mundo e os outros; Salvador, 1790/1890.** Salvador: Corrupio/CNPq, 1988
- PAIVA, Eduardo F. **Escravidão e universo cultural na Colônia; Minas Gerais, 1716-1789.** Belo Horizonte: EDUFMG, 2001.
- PAIVA, Eduardo F. **Escravos e libertos nas Minas Gerais dos século XVIII; estratégias de resistência através dos testamentos.** São Paulo: Annablume, 1995.
- PAIVA, Eduardo F. **História & Imagens.** Belo Horizonte: Autrêntica, 2002.
- PAMPLONA, Marco A. (org). **Escravidão, exclusão e cidadania.** Rio de Janeiro: Access Editora, 2001.
- PANTOJA, Selma. **Nzinga Mbandi; mulher, guerra e escravidão.** Brasília: Thesaurus, 2000.
- PEREIRA, Amauri M. **O tráfico de escravos – para repensar aspectos da identidade afro-brasileira.** Rio de Janeiro, 1997.
- RAMOS, A. **A aculturação negra no Brasil.** Rio de Janeiro: Companhia Ed. Nacional, 1942.
- REIS, João José. **A morte é uma festa; ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RISÉRIO, Antonio. **Uma história da cidade da Bahia.** 2. ed. RJ: Versal, 2004.
- RODRIGUES, N. **Os africanos no Brasil.** São Paulo: Companhia Ed. Nacional. 1935. SANTOS, J. E. dos. **Os nagô e a morte.** Petrópolis: Vozes, 2008.
São Paulo: Brasiliense, 1988.
- SILVA, Vagner G. da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2005.
- SOARES, Mariza de C. **Rotas atlânticas da diáspora africana: da Baía do Benin ao Rio de Janeiro.** Niterói: Eduff, 2007.

II SEMESTRE

Nome e código do componente curricular: ESPAÇOS DE INTERCONHECIMENTO: LINGUAGEM E EXPRESSÃO ARTÍSTICA II		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: As especificidades das linguagens artísticas. A música, as artes cênicas, as artes plásticas, a fotografia e o cinema. Linguagens e expressões artísticas e tecnologia. A tecnologia, de meio a objeto: a arte digital.</p>			
<p>Bibliografia Básica: BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Trad. Gabriel Valladão Silva. 1. ed. Porto Alegre-RS: L&PM, 2013. CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005. RUSH, M. Novas mídias na arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2013.</p> <p>Bibliografia Complementar: SADIE, Stanley (ed.) (1994). Dicionário Grove de Música: edição concisa. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. SALLES, Cecilia Almeida. Redes de criação: construção da obra de arte. Vinhedo, São Paulo: Editora Horizonte, 2006 MCLUHAN, Marshall. A arte como sobrevivência na era eletrônica. In: McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. SALLES, Cecilia Almeida. Redes de criação: construção da obra de arte. Vinhedo, São Paulo: Editora Horizonte, 2006. WISNIK, José Miguel. O som e o sentido. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.</p> <p>Bibliografia Adicional: BEIGUELMAN, Giselle. Rumo à tecnofagia (Tendências da criação em arte digital no Brasil). In: Prêmio Sergio Motta de arte e tecnologia. Fórum Internacional A&T: Perspectivas críticas em arte e tecnologia. São Paulo: Instituto Sergio Motta, 2009. DOMINGUES, Diana. A arte no século XXI: a humanização das tecnologias. São Paulo: UNESP, 1997. 374p. ECO, Umberto. Obra aberta. forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 1971. FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008. HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 1990. KIEFER, Bruno. Elementos da linguagem musical. 5. ed. Porto Alegre: Movimento, 1987. MEDEIROS, Maria Beatriz de. (Org.). Arte em pesquisa: especificidades. 1 ed. Brasília: Anpap – UnB, 2004, v. 2, p. 258-263. MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito. São Paulo: Cosac Naify, 2004. 168p. NICOLESCU, Basarab. Um novo tipo de conhecimento – transdisciplinaridade. Em: B. Nicolescu, G. Pineau, H. Maturana, M. Random, P. Taylor. Educação e Transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO, 2000. PANOFSKY, Erwin. Significado nas artes visuais. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. 440p. POUND, Ezra. ABC da literatura. São Paulo: Cultrix, 2007. STOCKER, Gerfried. Artemídia – Trabalhando entre a tecnologia e a sociedade. In: Prêmio Sergio Motta de arte e tecnologia. Fórum Internacional A&T: Perspectivas críticas em arte e tecnologia. São Paulo: Instituto Sergio Motta, 2009.</p>			

Nome e código do componente curricular: EXPERIÊNCIAS E TEORIAS DA CULTURA – ENFOQUE II: SÓCIO-ANTROPOLOGIA		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa:</p> <p>A Noção de Cultura em Antropologia; Etnocentrismo e Relativismo; Etnografia e Trabalho de Campo; Desenvolvimento Histórico da Antropologia; Identidade e Diferença; Antropologia Simbólica; Antropologia Política; Tradição e Modernidade; Cultura Popular; Multiculturalismo e Diversidade Cultural; Antropologia e Estudos Culturais; Antropologia no Brasil.</p>			
<p>Bibliografia Básica:</p> <p>BOTELHO, Andre; SCHWARCZ, Lilia M. (org). Um enigma chamado Brasil. 29 Intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.</p> <p>CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Cultura com aspas. São Paulo: Cosac&Naif, 2013</p> <p>KUPER, Adam. Cultura: a visão dos antropólogos. Bauru: Edusc, 2002.</p>			
<p>Bibliografia Complementar:</p> <p>EVANS-PRITCHARD, E. E. Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.</p> <p>LEVI-STRAUSS, Claude. Tristes trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.</p> <p>MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.</p> <p>PEIXOTO, Fernanda A; PONTES, Heloísa; SCHWARCZ., Lilia M. (org.). Antropologia, histórias e experiências. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.</p> <p>RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. Estrutura e função nas sociedades primitivas. Lisboa: Perspectivas do Homem/Edições 70. 1989.</p>			
<p>Bibliografia Adicional:</p> <p>BUARQUE DE HOLANDA, Sergio. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.</p> <p>BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo. Companhia das Letras. 1994.</p> <p>CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Antropologia no Brasil: Mito, História, Etnicidade. São Paulo: Brasiliense/EDUSP. 1986.</p> <p>ERIBON, Didier; LEVI-STRAUSS, Claude. De perto e de longe. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.</p> <p>EVANS-PRITCHARD, E. E. Os nuer. São Paulo: Perspectiva, 2007.</p> <p>EVANS-PRITCHARD, E. E. Ensaio de Antropologia Social. Madrid: Siglo XXI, 1990.</p> <p>GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1989</p> <p>FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos Brancos, Rio de Janeiro: Global editora, 2007</p> <p>FERNANDES, Florestan. Integração do negro na sociedade de classes. V.1. Rio de Janeiro: Global editora, 2008</p> <p>LARAIA, Roque de B. Cultura. Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2009.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. As Estruturas Elementares de Parentesco. Petrópolis: Editora Vozes. 2010.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. Olhar, escutar e ler. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. Lisboa: Editora Presença, 2000.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. O cru e o cozido. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Campinas: Editora Papyrus, 2005.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural 1. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural 2. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.</p> <p>LEACH, Edmund. Repensando a Antropologia. São Paulo: Editora Perspectiva. 1974.</p> <p>MAUSS, Marcel. Ensaio de Sociologia. São Paulo: Perspectiva, 2001.</p> <p>MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.</p> <p>MAUSS, Marcel; HUMBERT, Henri. Sobre o sacrifício. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.</p> <p>OLIVEIRA, Roberto C. de. Os caminhos da identidade. Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.</p>			

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro. A formação e sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAHLINS, Marshal. **Cultura e razão prática.** Rio de Janeiro: Zahar editora, 2003.

SAHLINS, Marshal. **Ilhas de história.** Rio de Janeiro: Zahar editora, 2004.

SAHLINS, Marshal. **Metáforas históricas e realidades míticas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2008.

SILVA, Vagner G. da. **O antropólogo e sua magia.** São Paulo: Edusp, 2006.

WILCKEN, Patrick. **Claude Lévi-Strauss, o poeta no laboratório.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** São Paulo: Cosac & Naif, 2012.

Nome e código do componente curricular: CONHECIMENTO, CIÊNCIA E REALIDADE		Centro: CECULT	Carga horária: 102 h (17 EAD)
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Realidade, conhecimento filosófico e científico; concepções de ser humano e de mundo. Ética e moral; linguagens, lógica e ciência. Relação sujeito-objeto na produção do conhecimento científico e filosófico. Epistemologia, metodologia científica e abordagens metodológicas de pesquisa. Estética. Atitude filosófica e científica.			
Bibliografia Básica: GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método , V.1 e 2.. VOZES, 2008. MACEDO, Roberto Sidnei Alves. A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação . Salvador: EDUFBA, 2000. MORIN, Edgar. Ciência com consciência . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.			
Bibliografia Complementar: MACEDO, Roberto Sidnei Alves. Compreender/mediar a formação: o fundante da educação . Brasília: Líber Livro, 2010. SCHNITMAN, Dora Fried. Novos paradigmas, cultura e subjetividade . Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro . São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000. PAISANA, João. Fenomenologia e Hermenêutica : relações entre a filosofia de Husserl e Heidegger. Lisboa: Presença Editorial, 1992 SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências . São Paulo: Cortez, 2010.			
Bibliografia Adicional: ZAMBONI, S. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência . Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2006.			

Nome e código do componente curricular: CULTURAS E LINGUAGENS DA CENA		Centro: CECULT	Carga horária: 51 h
Modalidade: Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Artes do espetáculo: aspectos formais e conceituais na construção da cena. Arquitetura e cidades: processos de formação, marcos erigidos, cenas e cenários urbanos.			
<p>Bibliografia Básica: CHING, Francis. Dicionário visual de arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2000. NORONHA, Luiz. A construção do espetáculo. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.</p> <p>Bibliografia Complementar: AUGÉ, Marc. Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papiрус, 2001. FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. Ver a cidade. São Paulo: Nobel, 1998. GEHL, Jan. Cidades para pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2014. HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999. JACOBS, Jane. Morte e vida das grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2011.</p> <p>Bibliografia adicional: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. Dicionário ilustrado de arquitetura. São Paulo: Pro Editores, 2000. ALVES, Junia. O palco e a rua. A trajetória do grupo Galpão. Belo Horizonte: Editora PUC Minas. 2006. BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulações. Lisboa: Edições 70, 1981. BAUDRILLARD, Jean. Sociedade de consumo. Lisboa: Edições 70, 1995. CALABRESE, Omar. A idade neobarroca. Lisboa: Edições 70, 1999. CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. CANCLINI, Néstor García. Imagários urbanos. Buenos Aires: Eudeba, 1997. DELGADO, Manuel. El animal público: hacia una antropología de los espacios urbanos. Barcelona: Editorial Anagrama, 1999. FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. Os significados urbanos. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000. KOOLHASS, Rem; BOERI, Stefano; KWINTER, Sanford; FABRICIUS, Daniela; OBRIST, Hans Ulrich; TAZI, Nadia. Mutaciones. Barcelona: Actar, 2001. LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001. PANOKSKI, Erwin. A evolução do conceito de belo. São Paulo: Martins Fontes, 2000. RAQUEJO, Tonia. Land art. San Sebastiann: Narea, 1998. VENTURI, Robert. Complexidade e contradição em arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2004. WILHEIM, Jorge. Cidades. O substantivo e o adjetivo. São Paulo: Perspectiva, 2003.</p>			

Nome e código do componente curricular: CULTURA DIGITAL		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Questões e diferenciações entre a cultura digital e o digital na cultura. Discussões sobre a oposição entre real e virtual, humano e pós-humano. O mundo visto pelo código binário e o processo de digitalização da cultura.			
Bibliografia Básica: FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas : elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008 HARAWAY, Donna. Antropologia do Ciborgue – as vertigens do pós-humano. São Paulo: Autêntica, 2010. RUSHKOFF, Douglas. As 10 questões essenciais da era digital – programe ou seja programado. Sao Paulo: Saraiva, 2013.			
Bibliografia complementar: BLACKMORE, Susan. The meme machine . Oxford: Oxford University Press, 1999. BOLTER, J.D. & GRUSIN, Richard. Remediation . Understanding New Media. Massachusetts: Editorial MIT Press, 1999. JENKINS, Henry. Cultura da Convergência . São Paulo: Aleph, 2009. LIESER, Wolf. Digital art . Frankfurt: Ullmann Publishing, 2010. MANOVICH, Lev. The language of new media . Cambridge: MIT Press, 2002.			
Bibliografia adicional: CRAMER, Florian. Words Made Flesh : code, culture, imagination, Rotterdam: Piet Zwart Institute, 2005 Disponível em: < http://pzwart.wdka.hro.nl/mdr/research/fcramer/wordsmadeflesh/#words_made_fleshch3.html >. Acesso em: 17 fev. 2008. CRUZ, Maria Teresa. Experiência e experimentação: Notas sobre euforia e disforia a respeito da arte e da técnica, Revista de Comunicação e Linguagens , 25-26 (Real vs. Virtual), Março de 1999, pp. 425-434. LE MOS, André. Cibercultura : Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Ed Sulina, 2004. LEVY, P. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 2005. WOLTON, D. Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.			

Nome e código do componente curricular: LABORATÓRIO DE LÍNGUA INGLESA I		Centro: CECULT	Carga horária: 34 (17EAD)
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Estruturas básicas, desenvolvimento de competência comunicativa de nível pré-intermediário em língua inglesa. Revisão e consolidação de vocabulário, estruturas linguísticas e funções comunicativas de nível básico.			
Bibliografia Básica: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas . São Paulo: Pontes, 2002. HOLDEN, Susan & MICKEY, Rogers. O ensino da língua inglesa . São Paulo: SBS, 2001. PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira (Org.) Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências . Campinas-SP: Pontes, 1996.			
Bibliografia Complementar: HIGH, Peter B. An Outline of American Literature . Fourteenth impression. London: Longman, 1997. HORNBY, A. S. Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English . Ninth impression. Oxford: Oxford University Press. 1978. LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudo e proposições . 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996. WILLIS, Dave. Collins Cobuild Student's Grammar . London: Harper CollinsPublishers, 1991. SWAN, Michael. Practical English Usage . 3 Ed. London: Oxford University Press, 2005.			

III SEMESTRE

Nome e código do componente curricular: ESPAÇOS DE INTERCONHECIMENTO: ARTES DO CORPO		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Teorias e processos da arte do corpo, seus distintos processos relacionados às expressões performáticas. Contexto histórico das técnicas e processos artísticos da arte da performance. Conceituação e experimentação das poéticas espaciais e temporais nas artes contemporâneas.			
Bibliografia Básica: BONFITTO, Matteo. O ator compositor . São Paulo: Perspectiva, 2002. COHEN, Renato. Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação . São Paulo: Perspectiva e EDUSP, 1989. JEUDY, Henri-Pierre. O corpo como objeto de arte . São Paulo: Estação Liberdade, 2002.			
Bibliografia Complementar: GLUSBERG, Jorge. A arte da performance . São Paulo: Perspectiva, 1987. GREINER, Christine. O corpo – pistas para estudos indisciplinados . São Paulo: Annablume, 2005. O PERCEVEJO. Estudo da Performance . Rio de Janeiro: Unirio, Nº 12, 2003. SCHECHNER, Richard. Performance Studies . New York: Routledge, 2002.			
Bibliografia Adicional: CAMPOS, Haroldo de. A arte no horizonte do provável: e outros ensaios . São Paulo: Perspectiva, 1977. KRAUSS, Rosalind. Caminhos da Escultura moderna . São Paulo: Martins Fontes, 1998. NAVES, Rodrigo. A forma difícil: ensaios sobre arte brasileira . São Paulo: Editora Ática, 1996. OITICICA, Hélio. Aspiro ao grande labirinto . Rio de Janeiro: Rocco, 1986. WERTHEIM, Margaret. Uma história do espaço de Dante à Internet . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.			

Nome e código do componente curricular: EXPERIÊNCIAS E TEORIAS DA CULTURA – ENFOQUE III: CULTURA, ARTE E EDUCAÇÃO		Centro: CECULT	Carga horária: 68 h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Referenciais históricos da arte e educação. Referenciais Políticos e Epistemológicos. Estudos culturais e multiculturalismo crítico. Arte-educação, educação formal e não-formal. Antropologia, cultura, arte e educação: campos, conceitos e temas. Redes culturais, arte, comunicação, educação e interdisciplinaridade.</p>			
<p>Bibliografia Básica: FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra Editora, 2001. FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. MORIN, Edgard. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.</p>			
<p>Bibliografia Complementar: BARBOSA, Ana Mae (Org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003. BARBOSA, Ana Mae. Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2005. CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997. ROSSI, Maria Helena W. Imagens que falam: leitura da arte na escola. São Paulo: Mediação Editora, 2009. SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2010.</p>			
<p>Bibliografia Adicional: AZZI, Rioldo. Cinema e Educação: orientação pedagógica e cultural de vídeos. São Paulo: Paulinas, 1996. BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília – DF: Senado Federal. 1996. CANDAU, Vera (Org). Sociedade, Educação e Cultura(s). Petrópolis : Vozes, 2008. CITELLI, A. Comunicação e Educação: a linguagem em movimento. São Paulo, Editora SENAC, 1999. COSTA, M. V; SILVEIRA, R. H. & SOMMER, L. H. Estudos culturais em educação e pedagogia. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, Num. 23. Maio/Jun/jul, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-2472003000200004&lng=pt-&nrm=iso>. Acesso: 29/12/2013. CUNHA, Suzana R. V. (Org.). A expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999. DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. FAZENDA, I. C. A. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola, 2002. FERRAZ, M.H. & Fusari, M.F. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 1992. FRIGOTTO, G. A produtividade da escola improdutiva. São Paulo: Cortez Editora, 2001. MACHADO, Regina. Sobre o Teatro na Educação: Em Busca do Equilíbrio Perdido In Revista ar'TE Estudos de Arte-Educação. São Paulo: Polis Ltda, 1982. MARTÍN-BARBERO, Jesús. A comunicação na educação. Trad. Maria Immacolata Vassalo de Lopes; Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014. MARTÍN, BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006. NASCIMENTO, C. O. C. & MACEDO, R. S. Prefiro ser uma metamorfose ambulante: um elogio ao pensamento pedagógico complexo na formação de professores. Revista FACED, Salvador, num. 09, 2005. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2691/1901>. Acesso em: 09/03/2014.</p>			

Nome e código do componente curricular: NARRATIVA, DOCUMENTAÇÃO BIOGRÁFICA E CULTURA		Centro: CECULT	Carga horária: 51 h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Teorias e pesquisas relativas às histórias de vida. Experiências, narrativas, (auto)biografias, saberes locais. Realidades, identidades, cenários e políticas. Práticas narrativas e etnométodos culturais.</p>			
<p>Bibliografia Básica: DELORY-MOMBERGER, C. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008. JOSSO, MARIE-CHRISTIANE. Experiências de vida e formação. Lisboa: Educa, 2002. NASCIMENTO, Claudio O. C.; JESUS, Rita de C. D. P de. Currículo e Formação: diversidade e educação das relações étnico-raciais. Curitiba: Progressiva, 2010.</p>			
<p>Bibliografia Complementar: CASTELLS, Manuel. O poder da identidade (A era da informação) v.2. São Paulo: Paz e Terra, 2003. GUSMÃO, M.C.S. e SANTOS, R.C.(Orgs.). Memória e Cultura: Itinerários biográficos, trajetórias relações geracionais. Vitória da Conquista:Edições UESB, 2014. NASCIMENTO, Claudio O. C.; JESUS, Rita de C. D. P de. Currículo, Formação e Universidade: Autobiografia, permanência e êxito acadêmico de estudantes de origem popular. Cruz das Almas-BA: EDUFRB, 2013.</p>			
<p>Bibliografia Adicional: DOMINICÉ, P. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988. p. 101-106. BARRENECHE-CORRALES, J. O método autobiográfico e a pesquisa social, testemunhos e histórias de vida. 2008, Mimeo. NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988. SOUZA, E. C de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. Mimeo, 2006.</p>			

Nome e código do componente curricular: TECNOLOGIAS DA CENA		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade: Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Técnicas e tecnologias no espaço cênico. Palcos: tipologias, equipamentos, caracterização, indumentária, figurino, iluminação, cenografia. Teatros de animação, de bonecos e de marionetes: noções e tipologias.			
Bibliografia Básica: AMARAL, Ana Maria. Teatro de Animação . São Paulo: Ateliê Profissional, 1997. BELTRAME, Valmor (Org.). Teatro de Sombras: Técnica e Linguagem . Florianópolis: UDESC, 2005. SERRONI, J. C. Cenografia brasileira. Notas de um cenógrafo . São Paulo: Martins Fontes, 2013.			
Bibliografia Complementar: AMARAL, Ana Maria. Teatro de Bonecos no Brasil . São Paulo: Com-Art, 1994. BAKHTIN, M. A Cultura Popular no Renascimento e na Idade Média . São Paulo: Hucitec, 1993. KLEIST, Heinrich Von. Sobre o Teatro de Marionetes . Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005. SOUZA, Marco. O Kuruma Ningyo e o Corpo no Teatro de Animação Japonês . São Paulo: Annablume, 2005. SERRONI, J. C. Teatros. Uma memória do espaço cênico no Brasil . São Paulo: SENAC, 2011.			
Bibliografia Adicional: BAKHTIN, M. A Cultura Popular no Renascimento e na Idade Média . São Paulo: Hucitec, 1993. COSTA, Felisberto. O sopro divino: dramaturgia, manipulação e objeto . Revista Sala Preta, n.3 ECA/USP, 2003. CRAIG, E. Gordon. Da Arte do Teatro . Tradução, Prefácio e Notas de Redondo Jr. Lisboa: Editora Arcádia, 1963. FACO, Antônio José. Pequena História da Dança . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. GARCIA, Silvana. As Fronteiras de Jericó . Teatro das Vanguardas Históricas. São Paulo: Hucitec, 1997. GIROUX, Sakae M. & SUZUKI, Tae. Bunraku: Um Teatro de Bonecos . São Paulo: Perspectiva, 1991. LEHMANN, Hans-Thies. Teatro pós-dramático . São Paulo: Cosac Nayfi, 2007. OLIVEIRA, Paulo Roberto. Fora de cena . Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2004. PARKER, W.; OREN e SMITH, Harvey K. Scene design and stage lighting . USA: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1963. SERRONI, José Carlos. Oficina arquitetura cênica . Rio de Janeiro: Funarte, 2003. SIBILIA, Paula. O Homem Pós-Orgânico . Corpo, Subjetividade e Tecnologias Digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002 SILVA, Robson Jorge Gonçalves da. (coord.). 100 termos básicos da cenotécnica: caixa cênica italiana . Rio de Janeiro: Funarte, 1992.			

Nome e código do componente curricular: LABORATÓRIO DE LÍNGUA INGLESA II		Centro: CECULT	Carga horária: 34 (17EAD)
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Revisão e consolidação de vocabulário, estruturas linguísticas e funções comunicativas de nível básico. Processo de leitura e compreensão das estratégias em língua inglesa. Ênfase na aquisição de fluência oral e pronúncia. Uso do quadro fonêmico e interpretação de seus símbolos.			
Bibliografia Básica: GODOY, Sonia (et al). English pronunciation for Brazilians : the sounds of American English. São Paulo: Disal, 2006. POEDJOSOEDARMO, Gloria. O Ensino da Pronúncia : por quê, o quê, quando e como. Trad. Ricardo Silveira. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2004. SWAN, Michael. Practical English Usage . 3 ed. London: Oxford University Press, 2005.			
Bibliografia Complementar: BAKER, Ann. Ship or Sheep? An intermediate pronunciation course. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. ROACH, Peter. English Phonetics & Phonology a practical course . Cambridge: Cambridge University Press, 1986. SILVA, Thaís Cristóvão. Fonética e Fonologia do Português . 6 ed. (revista). São Paulo: Contexto, 2002. WILLIS, Dave. Collins Cobuild Student's Grammar . London: Harper Collins Publishers, 1991.			

IV SEMESTRE

Nome e código do componente curricular: ESPAÇOS DE INTERCONHECIMENTO: LABORATÓRIO DE ARTEMÍDIA I		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-Requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa:</p> <p>Arduino e computação física voltado à duas linhas de projetos (a serem escolhidos pelos alunos em projetos em grupo ou individuais). 1. Desenvolvimento de projeto conectando audiovisual e performance por meio da computação física. Tecnologias vestíveis com circuito flexível para uso em circuitos em tecido, construção de roupas-instrumentos para ser utilizados em projeto coletivo de performance. 2. Desenvolvimento de projetos audiovisuais em computação física e experimentação sonora com artefatos elétricos e eletrônicos a partir de projetos desenvolvidos pelos grandes nomes da área "maker" e do circuit bending: Lady Ada, Mitch Altman, Reed Ghazala e Nicolas Collins.</p>			
<p>Bibliografia Básica:</p> <p>CARLI, Ana Mery De. MANFREDINI, Mercedes Lusa. Moda em sintonia. Santa Catarina: EDUCS, 2010. McROBERTS, Michael. Arduino Básico. São Paulo: Novatec, 2011 UPTON, Eben e HALFACREE, Gareth. Raspberry Pi – Guia do usuário. São Paulo: Novatec, 2013</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>ADA, Lady. E is for electronics, Adafruit, 2010. COLLINS, Nicholas. Handmade electronic music: the art of hardware hacking. Boston: MIT, 2009 KREIDLER, J. Loadbang: Programming Electronic Music in Pure Data 1º ed., Wolke Verlagsges, 2009 MAEDA, J. Creative Code: Aesthetics + Computation, Thames & Hudson, 2004. OLSSON, Tony. Arduino Wearables. Nova Iorque: TIA, 2010</p> <p>Bibliografia Adicional:</p> <p>ALTMAN, Mitch. The brain machine, Nova Iorque: Maker Media, 2009. ARDUINO (sintetizador para Arduino). Disponível em: <https://code.google.com/p/tinkerit/wiki/Aduino GHAZALA, Reed. Circuit Bending, Build your own alien instruments. Indianapolis: Wiley Publishing, 2005. http://zhagun.ru/Circuit_Bending_Build_Your_Own_Alien_Instruments.pdf>. Acesso em: 22 jun 2014. MAEDA, J. The Laws of Simplicity. Massachusetts: The MIT Press, 2006. MAEDA, J. Design By Numbers. Massachusetts: The MIT Press, 2001.</p>			

Nome e código do componente curricular: EXPERIÊNCIAS E TEORIAS DA CULTURA – ENFOQUE IV: CULTURA BRASILEIRA E BAIANA	Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória
Pré-requisito: Sem Pré-requisito	Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Significados de uma noção de cultura brasileira. A questão da mestiçagem: debates histórico-sociais e a invenção do Brasil. Significados de uma noção de cultura baiana. Formação da cultura baiana: matrizes histórico-antropológicas e estéticas. Cultura baiana e cultura na Bahia. Os sentidos do texto identitário da baianidade. Situação atual, perspectivas e desafios da cultura baiana.</p>		
<p>Bibliografia Básica: DAMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990. ORTIZ, Renato. Cultura Popular e Identidade Nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985. RISÉRIO, Antonio. Uma história da cidade da Bahia. Rio de Janeiro: Versal, 2003.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: DAMATTA, Roberto. A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2007. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984. PINHO, Osmundo. O mundo negro: hermenêutica, crítica da reafirmação em Salvador. Curitiba: Progressiva, 2010. QUERINO, Manuel. Costumes Africanos no Brasil. Salvador: Eduneb, 2010. SCHWARTZ, Lilia M. O espetáculo das raças. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.</p>		
<p>Bibliografia Adicional: ABIB, P. R. J. Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Campinas: CMU/Unicamp /EDUFBA, 2005. ALBUQUERQUE JR., Durval M. de. A invenção do nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez Editora, 2009. AMADO, Jorge. Tenda dos milagres. São Paulo: Companhia das letras, 2008. Anderson, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. BABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. BASTIDE, Roger. O candomblé da Bahia – Rito Nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. BOTELHO, Andre; SCHWARZ, Lilia M. (org). Um enigma chamado Brasil. 29 Intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. CASTRO, Armando. Irmãos de fé: tradição e turismo no Recôncavo Baiano. Rio de Janeiro: E-papers, 2006. CONCONE, M. H. V. B. Umbanda: uma religião brasileira. São Paulo: FFLCH, USP, CED, 1985. CUMINO, A. História da Umbanda: uma religião brasileira. São Paulo: Madras, 2011 COSTA LIMA, Vivaldo. Família de Santo no candombles Jeje-Nagôs da Bahia. Um estudo de relações intragrupais. Salvador: Corrupio, 2003. FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucamos. Rio de Janeiro: Global editora, 2003. FREYRE, Gilberto. Açúcar. Uma sociologia do doce. Rio de Janeiro: Global editora, 2007. FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Global editora, 2013. FRY, Peter. Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira. Rio de Janeiro: Zahar. 1982. GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989. GOLDMAN, Márcio. Como funciona a democracia. Uma teoria etnográfica da política. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2006. GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. Rio de Janeiro: Record, 2009. MARIANO, Agnes. A invenção da baianidade. São Paulo: Editora Annablume, 2009. MOREIRA LEITE, Dante. O caráter nacional brasileiro: História de uma ideologia. São Paulo: Ed. Ática, 2003. OLIVEIRA, D. E. de. Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Gráfica</p>		

Popular, 2007.

ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro**: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ORTIZ, R. **Cultura e modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RUBIM, Antonio A. C. (Org.). **Cultura e Atualidade**. Salvador: Edufba, 2005.

SCHWARTCZ, Lilia M. **Nicolas-Antoine Taunay no Brasil**. Uma leitura dos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VERGER, Pierre F. **Caribé & Verger**: gente da Bahia. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2008.

VERGER, Pierre F. **Orixás**: deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio, 2009.

VERGER, Pierre F. **Nota sobre o culto aos Orixás e Voduns**. São Paulo: Edusp, 2000.

ZAQUAL, H. **Globalização e diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2008.

Nome e código do componente curricular: LABORATÓRIO DE LÍNGUA INGLESA III		Centro: CECULT	Carga horária: 34 (17EAD)
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Culturas de Língua Inglesa por meio de textos literários e não literários. Relação entre uso apropriado das palavras e estruturas da frase em inglês. Elementos léxico-gramaticais e organização pertinentes. Diferenças socioculturais entre Língua Inglesa e língua materna.			
Bibliografia Básica: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas . São Paulo: Pontes, 2002. HOLDEN, Susan; MICKEY, Rogers. O ensino da língua inglesa . São Paulo: SBS, 2001. MAHER, Beth & HAUGNES, Natasha. North Star – Focus on Reading and Writing: Basic . Londres: Longman, 2003.			
Bibliografia Complementar: HIGH, Peter B. An Outline of American Literature . Fourteenth impression. London: Longman, 1997. HORNBY, A. S. Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English . Ninth impression. Oxford: Oxford University Press, 1978. PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira (Org.). Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências . Campinas: Pontes, 1996. SWAN, Michael. Practical English Usage . 3 ed. London: Oxford University Press, 2005.			
Bibliografia Adicional: CAMBRIDGE International Dictionary of English. CUP, 2003. MCCARTHY, Michael; O'DELL, Felicity. English Vocabulary in Use: Elementary (with answers) . CUP, 2003. QUIRK, Randolph; Greenbaum, Sidney. A University Grammar of English . Ninth impression (corrected). London: Longman, 1979. WILLIS, Dave. Collins Cobuild Student's Grammar . London: Harper Collins Publishers, 1991.			

V SEMESTRE

Nome e código do componente curricular: ESPAÇOS DE INTERCONHECIMENTO: LABORATÓRIO DE ARTEMÍDIA II		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem pré-requisito		Módulo de alunos: 25	
Ementa: Desenvolvimento de projetos em design digital, programação gráfica e computação criativa. Processing: visualização de dados, arte generativa, projetos interativos, etc.			
Bibliografia Básica: AMADO, Pedro. Introdução à programação gráfica (usando Processing) . Porto: Universidade do Porto, 2006. BROD, Cesar. Aprenda a programar . São Paulo: Novatec, 2013. LOWDERMILK, Travis. Design centrado no usuário . São Paulo: Novatec, 2013.			
Bibliografia Complementar: CAUSA, Emiliano. Invasión Generativa . Buenos Aires: Invasores de la Generatividad, 2014. GREENBERG, Ira. Processing: Creative Coding and computational art . California: Friends of, 2007. MAEDA, J. Creative Code: Aesthetics + Computation . Thames & Hudson, 2004. MAEDA, J. Design By Numbers . Massachusetts: The MIT Press, 2001. MAEDA, J. The Laws of Simplicity . Massachusetts: The MIT Press, 2006.			
Bibliografia Adicional: FUENTES, R. A prática do design gráfico: uma metodologia criativa . São Paulo: Rosari, 2006. LEÃO, Lúcia. O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço . São Paulo: Iluminuras, 2005. MEGGS, P. História do design gráfico . São Paulo: Cosac Naify, 2009. PIETROFORTE, A.V. Semiótica visual: os percursos do olhar . São Paulo: Contexto, 2004. REAS, Casey e FRY, Ben. A Programming Handbook for Visual Designers and Artists . Cambridge: MIT Press, 2007.			

Nome e código do componente curricular: EXPERIÊNCIAS E TEORIAS DA CULTURA – ENFOQUE V: ECONOMIA DA CULTURA E EMPREENDEDORISMO		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Economia da cultura e desenvolvimento. Indústrias culturais, economia da cultura e economia criativa: histórico e conceitos. Globalização, diversidade cultural e economia da cultura. Propriedade intelectual. Políticas culturais. Impacto das novas tecnologias nas artes e na cultura. Gestão e empreendedorismo no campo da cultura. Empreendedorismo cultural no Brasil e no mundo.</p>			
<p>Bibliografia Básica: BENHAMOU, Françoise. A economia da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. 200p. KIRSCHBAUM, Charles et al. (Coord.). Indústrias criativas no Brasil. São Paulo: Atlas, 2009. STARLING, Mônica Barros de Lima et al. (Org.). Economia criativa: um conceito em discussão. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2012.</p>			
<p>Bibliografia Complementar: BERTINI, Alfredo. Economia da cultura. Porto Alegre: Saraiva, 2008. BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTOS, Valério (orgs.). Economia da arte e da cultura. São Paulo: Observatório Itaú Cultural, 2010. BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2011. FLEW, Terry. Global Creative Industries. Cambridge: Polity Press, 2013. TOLILA, Paul. Cultura e economia: problemas, hipóteses e pistas. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2007.</p>			
<p>Bibliografia Adicional: BOURDIEU, Pierre. El sentido social del gusto: elementos para una sociología de la cultura. Buenos Aires: SigloVeintiuno, 2010. BRANT, Leonardo (Org.). Diversidade cultural. Globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas. São Paulo: Escrituras Editoras; Instituto Pensarte, 2005. CHIN-TAO WU. Privatização da cultura: a intervenção corporativa nas artes desde os anos 80. São Paulo: Boitempo Editorial; SESC-SP, 2006. EARP, Fábio Sá. Pão e circo: fronteiras e perspectivas da economia do entretenimento. Rio de Janeiro: Palavra e Imagem, 2002. 208p. HARTLEY, John; POTTS, Jason; CUNNINGHAM, Stuart; FLEW, Terry; KEANE, Michael; BANKS, John. Key Concepts in Creative Industries. Londres: Sage, 2013. McCRACKEN, G. Cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. MIGUEZ, Paulo. A Economia da Cultura. Jornal das letras. Belo Horizonte/MG. Ano VI, nº 45, janeiro de 2011. P 6 e 7. MIGUEZ, Paulo. Repertório de fontes sobre economia criativa. Salvador: Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – CULT/UFBA, 2007, 86p. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/arquivos/repertorio_economia_criativa.pdf>. Acesso em 30 dez. 2012. MINISTÉRIO DA CULTURA. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações - 2011 a 2014. 2ª Ed. Brasília: MINC, 2011. NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.). Teorias e políticas da cultura: visões Multidisciplinares. Coleção Cult. Salvador: EDUFBA, 2007. REIS, Ana Carla Fonseca (Org.). Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. REIS, Ana Carla Fonseca. Marketing cultural e financiamento da cultura: teoria e prática em um estudo internacional comparado. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. SILVA, Frederico A. Barbosa da. Economia e política cultural: acesso, emprego e financiamento. Brasília: Ministério da Cultura, 2007. 308p. Cadernos de Políticas Culturais.</p>			

Nome e código do componente curricular: LABORATÓRIO DE LÍNGUA INGLESA IV		Centro: CECULT	Carga horária: 34 (17EAD)
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Produção oral e escrita de nível intermediário. Ênfase no desenvolvimento de produção textual e análise crítica de textos acadêmicos e não acadêmicos.			
Bibliografia Básica: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas . São Paulo: Pontes, 2002. SWAN, Michael. Practical English Usage . 3 ed. London: Oxford University Press, 2005. MAHER, Beth & HAUGNES, Natasha. North Star – Focus on Reading and Writing: Basic . Londres: Longman, 2003.			
Bibliografia Complementar: HIGH, Peter B. An Outline of American Literature . Fourteenth impression. London: Longman, 1997. HORNBY, A. S. Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English . Ninth impression. Oxford: Oxford University Press, 1978. PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira (Org.). Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências . Campinas: Pontes, 1996.			

VI SEMESTRE

Nome e código do componente curricular: ESPAÇOS DE INTERCONHECIMENTO: PROJETO DE INTEGRAÇÃO		Centro: CECULT	Carga horária: 85h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Interdisciplinaridade: integração de conhecimentos, experiências e práticas. Fundamentos e técnicas para elaboração de projetos de pesquisa, intervenção e criação.			
Bibliografia Básica: SEVERINO, Antonio J. Fundamentos do trabalho científico . São Paulo : Cortez Editora, 2007. CARVALHO, Maria Cristina M. Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas . Papirus, 2010. CASTRO, Claudio Moura. A prática da pesquisa . São Paulo: Pearson Universitário, 2006.			
Bibliografia Complementar: HAVELOCK, Eric A. A Musa aprende a escrever: Reflexões sobre oralidade e literacia da Antiguidade ao presente . Lisboa: Gradiva, 1996. MEDEIROS, João Bosco. Redação Científica: A prática de fichamentos, resumos e resenhas . São Paulo: Atlas, 2009. LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências . Porto Alegre: ArtMed, 1999. VIEIRA, Jorge A. Teoria do conhecimento e arte - formas de conhecimento: arte e ciência, uma visão a partir da complexidade . Fortaleza: Expressão, 2008. ZAMBONI, Sílvio. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência . Campinas: Autores Associados, 2009.			
Bibliografia Adicional: AZEVEDO, Israel Belo de. O prazer da produção científica . São Paulo: United Press, 2012. BOAVENTURA, E.M. Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, tese . São Paulo: Atlas, 2004. GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa . 4.ed. São Paulo: Atlas, 2010.			

ITINERÁRIOS FORMATIVOS**MÚSICA POPULAR****1º CICLO**

Nome e código do componente curricular: HISTÓRIA E APRECIÇÃO DA MÚSICA		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Apresentar os períodos da história da música destacando suas principais características, processos de criação e produção musical e sua contextualização social exemplificando com repertório de apreciação musical, possibilitando a familiarização dos elementos básicos da linguagem musical através da audição baseada num processo histórico de obras do período que se estende do início da era cristã aos dias atuais.			
Bibliografia Básica: CANDÉ, Roland de. História universal da música . v.2. São Paulo: Martins Fontes, 2001. GROUT, Donald; PALISCA, Claude. Historia de la Musica Occidental . v.2. Salamanca: Alianza, 2004. SADIE, S.; LATHAM, A. (Ed.). Dicionário Grove de Música . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.			
Bibliografia Complementar: DOURADO, Henrique Autran. Dicionário de termos e expressões da música . São Paulo: Editora 34, 2004. MICHELS, Ulrich. Atlas de música . v. 2. Lisboa: Gradiva, 2007. MOORE, Douglas. Guia de estilos musicais: do madrigal à música moderna . Rio de Janeiro: Edições 70, 2008. WEBER, Max. Os fundamentos racionais e sociológicos da música . São Paulo, EDUSP, 1995. WISNIK, José Miguel. O som e o sentido . São Paulo: Companhia das Letras, 1999.			
Bibliografia Adicional: HARNONCOURT, N. O diálogo musical . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. MASSIN, Brigitte e MASSIN, Jean. Historia da Música Occidental . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. RANDEL, Don Michael. Diccionario Harvard de Musica . Trad. Luis Carlos Gago Badenas. Salamanca: ALIANZA EDITORIAL, 2009.			

Nome e código do componente curricular: HISTÓRIA E APRECIÇÃO DA MÚSICA POPULAR		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: O conceito de popular: aspectos históricos e conceituais. Apreciação contextualizada da música popular, seus aspectos e referências de repertório. Surgimento e processos de transformação. Autores, intérpretes, público, memória e sociedade.			
Bibliografia Básica: ARAGÃO, Pedro. O baú do animal : Alexandre Gonçalves Pinto e o choro. Rio de Janeiro: Editora Folha Seca, 2014. BARRAUD, Henry. Para compreender as músicas de hoje . São Paulo: Perspectiva, 2012. TATIT, Luiz. O cancionista : composição de canções no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1996.			
Bibliografia Complementar: ARANTES, Antonio Augusto. O que é Cultura Popular . São Paulo, Brasiliense, 1990. CALADO, Carlos. Tropicália : a história de uma revolução musical. São Paulo: Editora 34, 1997. SEVERIANO, Jairo. A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras (vol. 2: 1958 – 1985). São Paulo: Ed. 334, 1997. MEDAGLIA, Júlio. Música impopular . São Paulo: Global, 2009. TINHORÃO, José Ramos. Pequena história da música popular . Petrópolis: Vozes, 1974.			
Bibliografia Adicional: CALDAS, Waldenyr. Iniciação à Música Popular Brasileira . Barueri-SP: Amarilys / Manole, 2010. CAMPOS, Augusto de. O Balanço da bossa e outras bossas . 5a ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993. DIAS, Márcia Tosta. Os donos da voz : indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000. HOBSBAWM, Eric. História social do jazz . São Paulo: Paz e Terra, 2009. NAPOLITANO, Marcos. História e Música : História Cultural da Música Popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. NAVES, Santuza Cambraia. Canção Popular no Brasil : a canção crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional . São Paulo: Brasiliense, 2005. SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras (vol.1: 1901-1957). São Paulo: Editora 34, 1997. TELES, José. Do Frevo ao Manguebeat . São Paulo: Editora 34, 2000.			

Nome e código do componente curricular: HISTÓRIA E APRECIÇÃO DA MÚSICA BRASILEIRA		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Conhecimentos dos diversos momentos da história da música no Brasil – período do Descobrimento, Colonial, Império, 1ª República até os dias atuais. Apreciação Musical e abordagem dos processos da criação e produção musical e sua contextualização social. A metodologia da pesquisa histórica em música brasileira.			
Bibliografia Básica: KIEFER, Bruno. História da música brasileira : dos primórdios ao início do século XX. 2.ed. Porto Alegre: Movimento, 1997. MORAES, José Geraldo Vinci de; SALIBA, Elias Thomé. História e música no Brasil . São Paulo: Alameda, 2010. RISÉRIO, Antonio. Uma história da cidade da Bahia . Rio de Janeiro: Versal, 2004.			
Bibliografia Complementar: ALBIN, Ricardo Cravo. O Livro de Ouro da MPB . Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. ANDRADE, Mário. Dicionário musical brasileiro . Brasília: MEC; São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1989. DUPRAT, Régis. Música do Brasil Colonial . Vols. I e II. São Paulo: EDUSP, 1999. QUEIROZ, Ruben Caixeta de; TUGNY, Rosângela Pereira (Orgs.). Músicas africanas e indígenas no Brasil . Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. SANTOS FILHO, Juvino Alves. A Clarineta Pelas Bandas da Bahia : o Legado de Manuel Tranquillino Bastos. São Luís: EDUFMA, 2012.			
Bibliografia Adicional: AZEVEDO, Luiz Heitor Correia. 150 anos de Musica no Brasil . Rio Janeiro: Livraria José Olympio Ed. 1956. CALDAS, Waldenyr. Iniciação à Música Popular Brasileira . Barueri-SP: Amarilys / Manole, 2010. CAMPOS, Augusto de. O Balanço da bossa e outras bossas . 5a ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993. CASTAGNA, Paulo Augusto. Fontes bibliográficas para a pesquisa da prática musical no Brasil nos séculos XVI e XVII. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, Escola de Comunicação e Artes, 1991. CAVALCANTE, Berenice et al. Decantando a República, v. 1 : inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. DIAS, Márcia Tosta. Os donos da voz : indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000. HOBBSAWM, Eric. História social do jazz . São Paulo: Paz e Terra, 2009. NAPOLITANO, Marcos. História e Música : História Cultural da Música Popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. NAVES, Santuza Cambraia. Canção Popular no Brasil : a canção crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional . São Paulo: Brasiliense, 2005. SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. A canção no tempo : 85 anos de músicas brasileiras (vol.1: 1901-1957). São Paulo: Editora 34, 1997. TELES, José. Do Frevo ao Manguebeat . São Paulo: Editora 34, 2000.			

Nome e código do componente curricular: PSICOLOGIA DA MÚSICA		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Perspectiva histórica e teórica da Psicologia da Música desde Helmholtz às abordagens atuais. Base interdisciplinar da Psicologia da Música através dos aportes da Sociologia, Antropologia, Biologia, Filosofia e Física. Métodos e estratégias metodológicas empregados nas pesquisas sobre a Psicologia da Música. Os métodos amplamente utilizados: experimental, clínico (estudo de caso) e estudos de levantamento (survey), complementados pelas abordagens psicobiológica, auto-relato e auto-observação e inteligência artificial. Potenciais contribuições da neurociência para a Psicologia da Música.</p>			
<p>Bibliografia Básica: SAKCCS, Oliver. Alucinações Musicais: relações sobre a música e o cérebro. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. LEVITIN, Daniel. J. A música no seu cérebro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. SCHAFER, R. Murray. Ouvido Pensante. São Paulo: Unesp, 2013.</p>			
<p>Bibliografia Complementar: ALTENMÜLLER, E., WIESENDANGER, M., KESSELRING, J. Music, motor control and the brain. Oxford: Oxford University press, 2006. BARCELOS, Lia Rejane M. Cadernos de Musicoterapia 1. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992. SCHAFER, R. Murray. A Afinação do Mundo. São Paulo: Unesp, 2012. RUUD, Even (Org.). Música e Saúde: comportamento, corpo, movimento. São Paulo: Summus, 1991. THOMPSON, WILLIAM F. Pensamento, Música e Sentimento: A Compreensão da Psicologia da Música. Londres: Oxford University Press, 2007.</p>			
<p>Bibliografia Adicional: ARAÚJO, R. C.; CAVALCANTI, C. R. P.; FIGUEIREDO, E. Motivação para prática musical no ensino superior: três possibilidades de abordagens discursivas. Revista da ABEM, 24, p. 34-44, 2010. BARETT, Margaret. S. A cultural psychology of music education. New York: Oxford University press, 2011. BERLYNE, Daniel. E. Aesthetics and psychobiology. New York: Appleton-Century- Crofts, 1971. FRANÇA, C. C., & SWANWICK, K. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. Em Pauta, 13, p. 5-41, 1989. HENTSCHKE, L.; DOS SANTOS, R. A. T.; PIZZATO, M.; VILELA, C. Z.; CERESER, C. Motivação para aprender música em espaços escolares e não escolares. ETD – Educação Temática Digital, 10, p. 85-104, 2009. ILARI, Beatriz. Cognição musical: origens, abordagens tradicionais, direções futuras. In: B. Ilari; Araújo, R. C. (Orgs.) Mentes em Música. Curitiba: DEARTES- UFPR, 2009, p. 13-36. MEYER, Leonard. B. Emotion and meaning in music. Chicago: Chicago University press, 1956/1961. MILLER, George A. The cognitive revolution: a historical perspective. Trends in Cognitive Sciences, 7, 2003, p. 141-144. PARNCUTT, R.; MCPHERSON, G.E. The science and psychology of music performance. Oxford: Oxford University press, 2002. PERETZ. I.; ZATORRE, R. The cognitive neuroscience of music. Oxford: Oxford University press, 2009. SEASHORE, CARL E. Psicologia da Música. EUA: Courier Dover Productions, 1967. SERAFINE, Mary. L. Music as cognition: The development of thought in sound. New York: Columbia University press, 1988. SLOBODA, John. A. Cognition and real music: The psychology of music comes of age. Psychologica Belgica, 26, 1986, p. 199-219. TRAINOR, L. J., & ZATORRE, R. J. The neurobiological basis of music expectation. In S. Hallam, I. Cross, & M. Thaut (Eds). Oxford Handbook of Music Psychology . Oxford: Oxford University press, 2009, p. 171-183. UPTIS, Rena. Children's invented notations of familiar and unfamiliar melodies. <i>Psychomusicology</i>, 9, p. 89-106, 1990. ZATORRE, R.; PERETZ, I. The biological foundations of music. New York: New York Academy of Sciences, 2001.</p>			

Nome e código do componente curricular: METODOLOGIA DO ENSINO E APRENDIZAGEM EM MÚSICA		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Diferentes enfoques teórico-metodológicos do ensino da música e suas implicações no processo educativo. Análise dos conceitos e métodos próprios da disciplina da música, suas inter-relações com o processo ensino-aprendizagem, com a produção do conhecimento e a produção musical. Análise e contextualização do ensino de música na realidade Brasileira. Legislação e educação musical. Lei 11.769/08.</p>			
<p>Bibliografia Básica: SAKCCS, Oliver. Alucinações Musicais: relações sobre a música e o cérebro. EUA: Courier Dover Productions, 1967. SEASHORE, Carle. Psicologia da Música. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. LEVITIN, Daniel. J. A música no seu cérebro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.</p> <p>Bibliografia Complementar: ALTENMÜLLER, E., WIESENDANGER, M., KESSELRING, J. Music, motor control and the brain. Oxford: Oxford University Press, 2006. BASTIAN, Hans Gunther. Música na Escola. São Paulo: Paulinas, 2009. GALIZIA, Fernando Stanzione. Pedagogo e o Ensino de Música nas Escolas. Santa Catarina: EDUFSCAR, 2013. THOMPSON, William. Pensamento, música e sentimento: a compreensão da psicologia da música. Londres: Oxford University Press, 2007.</p> <p>Bibliografia Adicional: ARAÚJO, R. C.; CAVALCANTI, C. R. P.; FIGUEIREDO, E. Motivação para prática musical no ensino superior: três possibilidades de abordagens discursivas. Revista da ABEM, 24, p. 34-44, 2010. BARETT, Margaret. S. A cultural psychology of music education. New York: Oxford University press, 2011. BARCELOS, Lia Rejane. Cadernos de Musicoterapia 1. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992. BERLYNE, Daniel. E. Aesthetics and psychobiology. New York: Appleton-Century- Crofts, 1971. FRANÇA, C. C., & SWANWICK, K. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. <i>Em Pauta</i>, 13, p. 5-41, 1989. HENTSCHKE, L.; DOS SANTOS, R. A. T.; PIZZATO, M.; VILELA, C. Z.; CERESER, C. Motivação para aprender música em espaços escolares e não escolares. <i>ETD – Educação Temática Digital</i>, 10, p. 85-104, 2009. ILARI, B.; ARAÚJO, R. C. (Orgs.) Mentes em Música. Curitiba: DEARTES - UFPR, 2009, p. 13-36. MEYER, Leonard. B. Emotion and meaning in music. Chicago: Chicago University press, 1956/1961. MILLER, George A. The cognitive revolution: a historical perspective. <i>Trends in Cognitive Sciences</i>, 7, p. 141-144, 2003. PARNCUTT, R.; MCPHERSON, G.E. The science and psychology of music performance. Oxford: Oxford University press, 2002. PERETZ. I.; ZATORRE, R. The cognitive neuroscience of music. Oxford: Oxford University press, 2009. SERAFINE, Mary. L. Music as cognition: The development of thought in sound. New York: Columbia University press, 1988. SLOBODA, John. A. Cognition and real music: The psychology of music comes of age. <i>Psychologica Belgica</i>, 26, p. 199-219, 1986. HALLAM, S. I.; CROSS, & THAUT, M. (Eds). Oxford Handbook of Music Psychology. Oxford: Oxford University press, 2009, p. 171-183. UPTIS, Rena. Children's invented notations of familiar and unfamiliar melodies. Psychomusicology, 9, p. 89-106, 1990. ZATORRE, R.; PERETZ, I. The biological foundations of music. New York: New York Academy of Sciences, 2001.</p>			

Nome e código do componente curricular: PESQUISA EM MÚSICA		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Introdução ao campo da pesquisa em música: aspectos teóricos e práticos. Instrumentalização técnica e conceitual para a elaboração de projeto de pesquisa ou plano de trabalho. Processos metodológicos e investigativos específicos da pesquisa em música. Análise de estudos e métodos de pesquisa nas diferentes áreas da música.			
Bibliografia Básica: FREIRE, Vanda Bellard (Org.). Horizontes da Pesquisa em Música . Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. LEÃO, Eliane. Pesquisa em música : apresentação de metodologias, exemplos e resultados. Curitiba: Editora CRV, 2013. GREEN, Lucy. Musica, genero y educación . Madrid: Ediciones Morata, 2001.			
Bibliografia Complementar: BÉHAGUE, G. Para uma emancipação da pesquisa em música no Brasil . In: IX Encontro Anual da ANPPOM, 1996. FERNANDES, José Nunes. Educação musical – temas selecionados . Curitiba: CRV, 2013. THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação . 11 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002. LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber . Porto Alegre: ARTMED, 1999.			
Bibliografia Adicional: BACHELARD, G. Formação do espírito científico . São Paulo: Contraponto, 2002. DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais . 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1989. DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa . 2.ed. Campinas: Autores Associados, 1997. FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. _____. Pedagogia do Oprimido . Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa . 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. GUERSHFELD, M. A pesquisa em práticas interpretativas: situação atual. In: IX Encontro Anual da ANPPOM, 1996, Rio de Janeiro, Anais . Rio de Janeiro: UNIRIO, 1996.			

Nome e código do componente curricular: MÚSICAS DE TRADIÇÃO ORAL NO BRASIL		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Etnomusicologia. Etnomusicologia brasileira. Estudo das músicas de tradição oral de segmentos populares e grupos étnicos da sociedade brasileira. Dinâmica histórica de sua continuidade e transformação. As múltiplas relações que mantêm com outros domínios da cultura.			
Bibliografia Básica: ANDRADE, Mario de. Danças Dramáticas do Brasil . 2ª Ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. LUCAS, Glaura. Os sons do Rosário . Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. TRAVASSOS, Elizabeth. Os mandarins milagrosos: arte e etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.			
Bibliografia Complementar: BASTOS, Rafael José de Menezes. A Musicológica Kamayurá: para uma antropologia da comunicação no Alto-Xingu . Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. MUKUNA, Kazadi Wa. Contribuição bantu na música popular brasileira . São Paulo, Global Editora, 1977. Samba de Roda do Recôncavo Baiano. Brasília, DF: IPHAN, 2006. SANTOS, Jocélio Teles dos. Ritmos em trânsito: sócio antropologia da música baiana . São Paulo: Dynamis, Salvador: Programa A cor da Bahia, 1998. TUGHNY, Rosangela Pereira de. (Org.). Músicas africanas e indígenas no Brasil . Belo Horizonte, UFMG, 2006. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral . São Paulo: Hucitec, 1997.			
Bibliografia Adicional: ARAÚJO, Nelson de. Pequenos Mundos: um panorama da cultura popular da Bahia – O Recôncavo . Salvador, UFBA-Fundação Casa de Jorge Amado, 1986, Tomo 1. BAKHTIN, M. Estética da criação verbal . São Paulo: Martins Fontes, 2003. BASTOS, Rafael José de Menezes. Musicológica Kamayurá: para uma antropologia da comunicação no Alto-Xingu . Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. BIANCARDI, Emilia. Raízes musicais da Bahia . Salvador: ONARG, 2000. CARNEIRO, Edison. Samba de Umbigada . Rio de Janeiro. Campanha em Defesa do Folclore Brasileiro, 1961. GARGIULO, Terrence L. Stories at Work: Using Stories to Improve Communication and Build Relationships . Praeger, 2006. LAMAS, Dulce Martins. A Tradição Poético-Musical no Brasil: Suas Raízes Portuguesas. In: Portugal e o Mundo: O Encontro de Culturas na Música, coordenação: Salwa El-Shawan Castelo Branco, Publicações Dom Quixote, 1996. OHTAKE, Ricardo. Instrumentos Musicais Brasileiros. Rhodia. Sem data. PACHECO, Lillian. Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida. 2 ed, Grãos de Luz e Griô, Lençóis/ BA, 2006. SEEGER, Anthony. Cantando as Canções dos Estrangeiros: Índios Brasileiros e Música de Derivação Portuguesa no Seculo XX. In: Portugal e o Mundo: O Encontro de Culturas na Música, coordenação: Salwa El-Shawan Castelo Branco, Publicações Dom Quixote, 1996. TRAVASSOS, Elizabeth. Notas Sobre a Cantoria (Brasil). In: Portugal e o Mundo: O Encontro de Culturas na Música , coordenação: Salwa El-Shawan Castelo Branco, Publicações Dom Quixote, 1996.			

Nome e código do componente curricular: CANTO CORAL		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Estudo e realização de um repertório coral. Técnica vocal - classificação das vozes e a estrutura coral - exercícios de afinação e memorização. Fundamentos de regência coral. Interpretação de um repertório coral da música erudita, música tradicional e popular brasileira, e música baiana.			
Bibliografia Básica: COELHO, Helena Wohl. Técnica vocal para coros . 3.ed. Sinodal, 1997. MATHIAS, Nelson. Coral: um canto apaixonante . Brasília: MusiMed, 1986. OITICICA, Vanda. O bê-a-bá da técnica vocal . Brasília: Musimed, 1992.			
Bibliografia Complementar: ASSEF, Gloria Calvente Mario R.; WEYRAUCH, Cleia Schiavo. Desenredos: uma trajetória da música coral brasileira . Mauad, 2002. BAÊ, Tutti e PACHECO, Cláudia. Canto: equilíbrio entre corpo e som: princípios de fisiologia vocal . São Paulo: Irmãos Vitale, 2011. MARSOLA, Mônica e BAÊ, Tutti. Canto: uma expressão: princípios básicos de técnica vocal . São Paulo: Irmãos Vitale, 2012. PAPAROTTI, Cyrene e LEAL, Valéria. Cantonário: Guia Prático para o Canto . Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2011. ZANDER, Oscar. Regência coral . Porto Alegre: Movimento, 2003.			
Bibliografia Adicional: REHDER, Mara Behlau Maria Ines. Higiene vocal para o canto coral . Revinter, 1997.			

Nome e código do componente curricular: RITMOS E INSTRUMENTOS MÚSICAIS BRASILEIROS		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 25	
Ementa: A diversidade das expressões musicais no Brasil, padrões rítmicos e sua relação com festas, rituais e outras manifestações tradicionais. Instrumentos e práticas instrumentais nos diferentes contextos. Rítmica e ritmo e sua aplicabilidade em atividades didáticas. Apreciação e realização de atividades práticas com instrumentos e ritmos brasileiros.			
Bibliografia Básica: BOLÃO, Oscar. Batuque é um privilégio : a percussão na música do Rio de Janeiro para músicos, arranjadores e compositores. Editado por Almir Chediak. Rio de Janeiro: Lumiar, 2003. CORRÊA, Roberto. A arte de pontear viola . Brasília: Viola Corrêa, 2000. SANDRONI, Carlos. Feitiço decente : transformações do samba no Rio de Janeiro 1933. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.			
Bibliografia Complementar: ARIZA, João Rodrigues. Toque bateria : prática de ritmos e exercícios. São Paulo: Ricordi Brasileira, 2007. CABRAL, Sérgio. As escolas de samba do Rio de Janeiro . Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 2001. JACOB, Mingo. Método básico de percussão : universo rítmico. São Paulo: Irmãos Vitale, 2003. SALAZAR, Marcelo; MAIA, Alceu; ALVES, Luciano. Samba for all . São Paulo : Irmãos Vitale, 1996. TATIT, Luiz. O século da canção . Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2004.			
Bibliografia Adicional: IKEDA, A. (curador)1997. Brasil. Sons e Instrumentos Populares . São Paulo, Instituto Cultural Itaú. PINTO, Tiago de Oliveira. As Bandas de Pífano no Brasil : Aspectos de Organologia, Repertório e Função. In: Portugal e o Mundo: O Encontro de Culturas na Música, coordenação: Salwa El-Shawan Castelo Branco, Publicações Dom Quixote, 1996. URIBE, Ed. The essence of Brazilian percussion and drum set : with rhythm section parts: rhythms, songstyles, techniques, applications. CPP Belwin, Miami-FL, 1993.			

Nome e código do componente curricular: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA MÚSICA NA BAHIA		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Conhecimento dos diversos momentos da história da música na Bahia – do período colonial até os dias atuais. Apreciação Musical e abordagem dos processos de criação e produção musical e sua contextualização social.			
Bibliografia Básica: GUERREIRO, Goli. A trama dos tambores : a música afro-pop de Salvador. São Paulo: Ed. 34, 2000. LISBOA JUNIOR, Luiz Américo. A presença da Bahia na música popular brasileira . Brasília: MusiMed, 1990. RISÉRIO, Antonio. Uma história da cidade da Bahia . Rio de Janeiro: Versal, 2004.			
Bibliografia Complementar: LISBOA JUNIOR, Luiz Américo. Compositores e Interpretes Baianos : de Xisto Bahia a Dorival Caymmi. Itabuna ; Ilhéus: Editus; Via litterarum, 2006. SANSONE, Lívio; SANTOS, Jocélio Teles dos. (Orgs.). Ritmos em trânsito : sócio-antropologia da música baiana. São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador-BA: Programa A cor da Bahia e Projeto S.A.M.B.A., 1997. SANTOS FILHO, Juvino Alves. A Clarineta Pelas Bandas da Bahia : o Legado de Manuel Tranquillino Bastos. São Luís: EDUFMA, 2012. VERGER, Pierre. Notícias da Bahia de 1850 . Salvador: Corrupio, 1999.			
Bibliografia Adicional: BIANCARDI, Emília. Raízes Musicais da Bahia . Salvador: Omar G., 2006. IPAC. BORGES, Sueli. Chegou a hora dessa gente bronzeada mostrar seu valor : samba e brasilidade em Assis Valente. Salvador: Pinaúna, 2012. FALCÓN, Bárbara. O Reggae de Cachoeira : produção musical em um porto atlântico. Salvador: Pinaúna, 2012. GÓES, Fred de. O país do carnaval elétrico . Salvador: Corrupio, 1982. LIMA, Paulo Costa. Ernst Widmer e o Ensino de Composição Musical Na Bahia . Salvador: FAZCULTURA / COPENE, 1999. MOTA, Fabricio. Guerreir@s do Terceiro Mundo : identidades negras na música reggae da Bahia. Salvador: Pinaúna, 2012. MOURA, Milton. (Org.). A larga barra da baía : essa província no contexto do mundo. Salvador: Edufba, 2011. NETO, Perfilino. Memória do Rádio . Salvador: Couto Coelho Produção Gráfica, 2009. RISÉRIO, Antonio. Edgard Santos e a reinvenção da Bahia . Rio de Janeiro: Versal, 2013.			

Nome e código do componente curricular: CRÍTICA MUSICAL		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Estudo da crítica musical em diferentes movimentos estético-artísticos. A contextualização social da obra musical e suas correntes teóricas no campo da música. Estudo e exercício da crítica musical em diferentes mídias.</p>			
<p>Bibliografia Básica: BARTHES, Roland. Crítica e Verdade. Trad. Leyla Perrone-Moises. São Paulo: Perspectiva, 2009. COELHO, Marcelo. Crítica Cultural: teoria e prática. São Paulo: Publifolha, 2006. PIZA, Daniel. Jornalismo Cultural. São Paulo: Contexto, 2003.</p> <p>Bibliografia Complementar: ADORNO, Theodor W. Filosofia da Nova Música. São Paulo: Perspectiva, 2007. FRANZ, Terezinha Sueli. Educação para uma compreensão crítica da Arte. Florianópolis: Letras Contemporâneas, Oficina Editorial, 2003. FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecília (orgs.). Clement Greenberg e o debate crítico. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Funarte e Jorge Zahar Editor, 1997. GULLAR, Ferreira. Etapas da arte contemporânea. Rio de Janeiro: Revan, 1998. WEBER, Max. Os fundamentos racionais e sociológicos da música. São Paulo, EDUSP, 1995.</p> <p>Bibliografia Adicional: ARGAN, G. C. Arte moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. AVANCINI, José Augusto. Expressão plástica e consciência nacional na crítica de Mário de Andrade. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade UFRGS, 1998. JANOTTI JR, Jeder; LIMA, Tatiana Rodrigues; PIRES, Victor de Almeida Nobre. (Orgs.). Dez anos a mil: Mídia e Música Popular Massiva em Tempos de Internet. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011. ROSS, Alex. O resto é ruído: escutando o século XX. São Paulo: Cia das Letras, 2009. TRAVASSOS, Elizabeth. Modernismo e música brasileira. RJ: Jorge Zahar, 2000. WISNIK, José Miguel. O som e o sentido: uma outra história das músicas. São Paulo: Cia das letras, 1989.</p>			

ITINERÁRIOS FORMATIVOS

PRODUÇÃO MUSICAL 1º CICLO

Nome e código do componente curricular: ESTÚDIO I - CAPTAÇÃO E GRAVAÇÃO SONORA		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 25	
Ementa: Física do som: Mecânica, eletricidade, acústica e ótica. Noções básicas de sonorização: O "Percurso do Som". Aparelho Auditivo e Aparelho Fonador. Microfones: Tipos de microfones e aplicações. Mesas: Função, elementos e seções. Periféricos: Tipos de Processadores e aplicações. Amplificadores: Função, tipos e Classes. Falantes: Tipos e Aplicações. Gravadores: Tipos e Aplicações. Suportes: Tipos e Aplicações. Conexões entre equipamentos e mesa de som. Relação entre entradas e saídas das mesas e o uso correto de cabos e conectores nas conexões.			
Bibliografia Básica: CHION, Michel. A Audiovisão . Lisboa: Texto e Grafia, 2011. RODRIGUEZ, Angel. Dimensão sonora da linguagem audiovisual . São Paulo: SENAC, 2006. DO VALLE, Sólón. Microfones . 2ª edição. Rio de Janeiro: Musitec, 2002.			
Bibliografia Complementar: COULTER, Leo; JONES, Richard. Como gravar suas músicas e colocar na Internet . Barueri: Girassol Brasil, 2010. DAMÁLIO, Wladnei. Áudio Conceitos e Aplicações . Rio de Janeiro: Música e Tecnologia, 2010. MACHADO, Renato Muchon. Som ao vivo: conceitos e aplicações básicas em sonorização . Rio de Janeiro: Musitec, 2001. RATTON, Miguel. Fundamentos do Áudio . 2ª edição. Rio de Janeiro: Music-Center, 2007. WISNICK, José Miguel. O Som e o Sentido . Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.			
Bibliografia Adicional: ALKIN, E. G. Sound Record and Reproduction . Boston: Focal Press, 1988. WILKINSON, Scott; OPPENHEIMER, Steve; ISHAN, Mark. Anatomy of a Home Studio: How Everything Really Works, from Microphones to Midi Mix . Bookshelf, 1995. COLEMAN, M. Playback: From the Vitrola do MP3, 100 Years of Music, Machines and Money . New York: DaCapoPress, 2003. ROBERTS-BRESLIN, JAN. Produção de imagem e som . Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. WILKINSON, T.A. The Approach to Professional Audio . Butterworth-Heinemann, 1994. DAMALIO, Wladnei (Direção). 2008. Mesas e Microfones . Vídeo-Aula. Brasil Áudio, Música e Tecnologia . Revista Mensal. Rio de Janeiro: Musitec. Sound on Sound . Revista Mensal. Jundiaí: SOS Publications.			

Nome e código do componente curricular: ESTÚDIO II - CAPTAÇÃO E GRAVAÇÃO SONORA		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-Requisito		Módulo de alunos: 25	
Ementa: Plataformas digitais de gravação, edição e mixagem. Softwares e hardwares de áudio (Workstation). Ferramentas de Edição de Áudio. Técnicas de Mixagem. Processo de Masterização e Finalização. Produção sonora (saídas) para diferentes mídias. Montagem e manuseio do microfone boom. Técnicas de captação de som direto (campo e estúdio): Uso do mixer, cabeamento, calibragem, etc. As funções do microfonista e do técnico de som. Importância do boletim de som. Os cuidados com o ambiente externo e os sistemas de gravação em ENG.			
Bibliografia Básica: HENRIQUES, Fábio. Guia de Mixagem (Vols 1, 2 e 3) . Rio de Janeiro: Musitec, 2008. FARJOUN, Daniel. Mix: O poder da mixagem . Rio de Janeiro: Musitec, 2009. RAIZER, Daniel. Como fazer música no Pro Tools . Rio de Janeiro: Musitec, 2013.			
Bibliografia Complementar: ARTIS, Anthony. Silêncio: Filmando! Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. RATTON, Miguel. Guia completo para Soundforge 8 . Rio de Janeiro: Musitec, 2009. VIANNA, Edu. Manual do ProTools 9.0 . Rio de Janeiro: Musitec, 2012. CHION, Michel. A Audiovisão . Lisboa: Texto e Grafia, 2011. SCHAFFER, R. Murray. O Ouvido Pensante . 3ª edição. São Paulo, UNESP, 2013.			
Bibliografia Adicional: ANDERSON, Craig. MIDI for Musicians . New York: Amsco Publications, 1986. HOLMAN, Tomilson. Sound for Film and Television . London: Focal Press, 2010. GIBSON, David e PETERSON, George. The Art of Mixing: a Visual Guide to Recording, Engineering and Production (Mix Pro Audio Serie) . Mix Bookshelf, 1995. GROHL, Dave (Direção). 2013. Sound City . Documentário. EUA. OPOLSKI, Débora. Introdução ao desenho de som: uma sistematização aplicada na análise do longa metragem Ensaio sobre a Cegueira . João Pessoa: Editora UFPB, 2013. ORTEGA, Kerry (Direção). 2009. This is It! Documentário. EUA. DADÁ, Severino (Direção e Montagem). 2003. Geraldo José: O Som sem Barreira . Documentário. Brasil.			

Nome e código do componente curricular: COMUNICAÇÃO, MÚSICA E TECNOLOGIA		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa:</p> <p>A música popular no ambiente tecnológico e comunicacional contemporâneos. Discussão das implicações entre gênero cultural, consumo cultural e tecnologias: o gênero e suas relações com a comunicação, a criatividade, a produção (instrumentos e <i>softwares</i>), o consumo cultural, as identidades, os afetos e as valorizações no âmbito da música popular. As novas formas de produção e circulação da música em plataformas digitais e suas implicações na política e na economia da música.</p>			
<p>Bibliografia Básica:</p> <p>BYRNE, David. Como funciona a música. Trad. Otávio Albuquerque. Barueri-SP: Amariyls, 2014.</p> <p>HERSCHMANN, Micael (Org.). Nas bordas e fora do mainstream musical: Novas tendências da música independente no início do século XXI. São Paulo: Estação das Letras e das Cores / FAPERJ, 2011.</p> <p>IAZZETTA, Fernando. Música e Mediação Tecnológica. São Paulo: Editora Perspectiva/FAPESP, 2009.</p>			
<p>Bibliografia Complementar:</p> <p>CHION, Michel. Música, Media e Tecnologias. Trad. Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.</p> <p>COULTER, Leo; JONES, Richard. Como criar suas músicas e colocar na internet. Barueri-SP: Girassol, 2010.</p> <p>HERSCHMANN, Micael. Indústria da música em transição. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2010.</p> <p>MOREL, Leonardo. Música e tecnologia: um novo tempo, apesar dos perigos. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.</p> <p>SÁ, Simone Pereira de Sá e JANOTTI JÚNIOR, Jeder (Orgs). Cenas Musicais (Coleções Comunicação e Cultura). São Paulo: Editora Andarco, 2013.</p>			
<p>Bibliografia Adicional:</p> <p>ANDERSON, Chris. Free: Grátis: o futuro dos preços. Trad. Cristina Yamagami. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.</p> <p>BACAL, Tatiana. Música, máquinas e humanos: os djs no cenário da música eletrônica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.</p> <p>CALADO, Carlos. A Divina Comédia dos Mutantes. São Paulo: Editora 34, 2006.</p> <p>CASTRO, Igor Garcia de. O lado B: a produção fonográfica independente brasileira. São Paulo: Annablume, 2010.</p> <p>COHN, Sérgio e COELHO, Frederico. Tropicália. V. 1. Rio de Janeiro. Azougue Editorial, 2008.</p> <p>JANOTTI JÚNIOR, Jeder. Aumenta que Isso aí é Rock and Roll. Rio de Janeiro: EPapers, 2003.</p> <p>LEMOS, André. A Comunicação das Coisas: Teoria Ator-Rede e Cibercultura. São Paulo: AnnaBlume, 2013.</p> <p>LEMOS, Ronaldo & CASTRO, Oana. Tecnobrega: o Pará reinventando negócio da música. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2008.</p> <p>LEONI. Manual de sobrevivência no mundo digital. Rio de Janeiro: Editora Sinergia, 2010.</p> <p>MARTEL, Frédéric. Mainstream: a guerra global das mídias e das culturas. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.</p> <p>RIBEIRO, José Carlos; FALCÃO, Thiago; SILVA, Tarcísio (Orgs.). Mídias sociais: saberes e representações. Salvador: EDUFBA, 2012.</p> <p>SÁ, Simone Pereira de (org.). Rumos da Cultura da Música: Negócios, estéticas, linguagens e audibilidades. Porto Alegre: Sulina. 2010.</p> <p>TROTTA, Felipe. O samba e suas fronteiras: pagode romântico e samba de raiz nos anos 1990. Editora UFRJ, 2011.</p> <p>YÚDICE, George. Nuevas tecnologías, música y experiencia. Barcelona: Gedisa, 2007.</p> <p>ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.</p> <p>ZUMTHOR, Paul. Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios. Trad. Jerusa Pires Ferreira. Cotia SP: Ateliê Editorial, 2005.</p> <p>ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Hucitec; Educ (PUC-SP), 1997.</p>			

Nome e código do componente curricular: LEGISLAÇÃO E DIREITOS AUTORAIS		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Legislação de Direitos Autorais no Brasil. Conceitos fundamentais de propriedade intelectual, relações com ramos do direito privado e com a propriedade industrial. Princípios e modalidades contratuais no direito de autor. Registro de obras. Direitos Morais e Direitos Patrimoniais. Domínio público e limitações ao direito de autor. Utilização de obras para fins de estudos. Criações intelectuais nos meios universitários. Disponibilização de vídeos e áudios na internet. Conteúdos digitais comprados pela internet. Copyleft e Creative Commons Organization. O direito de autor no âmbito internacional.			
Bibliografia Básica: GANDELMAN, Henrique. De Gutenberg à Internet : direitos autorais na era digital. Rio de Janeiro: Record, 1997. GANDELMAN, Marisa. Poder e conhecimento na economia global . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. VILLARES, Fábio. (Org.). Propriedade intelectual : tensões entre o capital e a sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2007.			
Bibliografia Complementar: BURKE, Peter. Uma História Social do Conhecimento : de Gutenberg a Diderot. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. CABRAL, P. A nova lei de direitos autorais na era digital . Rio de Janeiro: Record, 1997. FREIRE FILHO, João; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. Comunicação & Música Popular Massiva . Salvador: Edufba, 2006. LUCCA, Newton DE e SIMÃO FILHO, Adalberto. Direito & Internet : Aspectos Jurídicos Relevantes. São Paulo: EDIPRO, 2000. SANTINI, R. M. Admirável chip novo : a música na era da internet. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.			
Bibliografia Adicional: BRASIL. Lei no. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília [online], 20 fev. 1998. MORELLI, R. C. L. Arrogantes, anônimos, subversivos : interpretando o acordo e a discórdia na tradição autoral brasileira. São Paulo: Mercado de Letras, 2000. TENÓRIO, I.S. Direito e Cibernética . Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1975. YÚDICE, George. A conveniência da cultura : usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.			

Nome e código do componente curricular: GESTÃO E EMPREENDEDORISMO CULTURAL		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Conceitos fundamentais de gestão e empreendedorismo. Características, tipos e habilidades do empreendedor. Gestão e empreendedorismo no campo da cultura. Formação do gestor cultural e empreendedorismo. Indicadores de mercado. Potencialidades, realidades e desafios ligados à gestão e ao empreendedorismo cultural no Brasil e no mundo. Os aspectos legais da produção, da empresa e do espetáculo. Boas práticas de inovação em gestão e empreendedorismo cultural.</p> <p>Bibliografia Básica: AVELAR, Romulo. O avesso da cena: notas sobre produção e gestão cultural. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2008. CUNHA, Maria Helena. Gestão Cultural - Profissão em Formação. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2007. DORNELAS, José Carlos Assis. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. 5ª ed. Rio de Janeiro: Elsevire, 2014.</p> <p>Bibliografia Complementar: BRANT, Leonardo. Mercado cultural: panorama crítico e guia prático para a gestão e a captação de recursos. São Paulo: Instituto Pensarte, 2004. CHIAVENATO, Idalberto. Empreendedorismo - Dando Asas ao Espírito Empreendedor. 4ª Ed. São Paulo: Manoel, 2012. KOTLER, Philip; KELLER, Kevin. Administração de Marketing. 12ª Ed. São Paulo: Pearson, 2006. MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. Introdução à administração. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2008. NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (org). O mercado da cultura em tempos (pós) modernos. Santa Maria: UFSM, 2000.</p> <p>Bibliografia Adicional: DOLABELA, Fernando. O Segredo de Luísa. São Paulo: Cultura, 1999. DORNELAS, José Carlos Assis. Empreendedorismo na prática: mitos e verdades sobre os empreendedores de sucesso. Rio de Janeiro: Elsevire, 2007. DRUCKER, Peter; Malferrari, Carlos J. (Trad.). Inovação e Espírito Empreendedor (entrepreneurship): Prática e Princípios. : Thomson, 2003. FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo E Gerenciamento: Processos Distintos, Porém Complementares. RAE light, v. 7, n. 3, pp. 2-7, 2000. OLIVIERI, CRISTIANE; NATALE, EDSON (org.). Guia brasileiro de produção cultural 2013 – 2014. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013. MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. Administração para empreendedores: fundamentos da gestão e da criação de novos negócios. São Paulo: Prentice-Hall, 2006. REIS, Ana Carla Fonseca. Marketing cultural e financiamento da cultura: teoria e prática. São Paulo. Pioneira, 2003. RUBIM, Linda (org.) Organização e produção da cultura. Salvador, EDUFBA, 2005.</p>			

Nome e código do componente curricular: PRODUÇÃO MUSICAL I		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Conceituação do universo da produção musical; levantamento dos campos de atuação; análise e conceituação dos principais elementos acerca do mercado; consciência crítica e função do produtor musical na sociedade, área de atuação, formação necessária, conhecimentos básicos, remuneração, problemas frequentes, relacionamento com artistas, planejamento, estudo. Mercado musical nacional e internacional. Análise das políticas públicas e ações não governamentais, economia criativa.</p>			
<p>Bibliografia Básica: ELIAS, Norbert. Mozart: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. MORELLI, Rita de Cássia Lahoz. Indústria fonográfica: um conceito antropológico. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2009. NEVES, José Maria. Música Contemporânea Brasileira. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2ª ed., 2008.</p> <p>Bibliografia Complementar: DIAS, Márcia Tosta. Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. São Paulo: Boitempo, 2008. KIRSCHBAUM, Charles. [et al.]. Indústrias criativas no Brasil. São Paulo: Atlas, 2009. LEME, Mônica Neves. Que "tchan" é esse?: indústria e produção musical no Brasil dos anos 90. São Paulo: Annablume, 2003. OPOLSKI, Débora. Introdução ao desenho de som: uma sistematização aplicada na análise do longa metragem Ensaio sobre a Cegueira. João Pessoa: Editora UFPB, 2013. SADIE, S.; LATHAM, A. (Ed.). Dicionário Grove de Música. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.</p> <p>Bibliografia Adicional: COELHO, Teixeira. O que é Indústria Cultural. São Paulo, Brasiliense, 2009. COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural. São Paulo, 2004. FREIRE FILHO, João; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. Comunicação & Música Popular Massiva. Salvador: Edufba, 2006. JAMBEIRO, Othon. Canção de massa: as condições de produção. São Paulo: Pioneira, 1975 KEEN, Andrew. O culto do amador: como blogs, MySpace, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. LEONI. Manual de sobrevivência no mundo digital. Rio de Janeiro: Editora Sinergia, 2010. MANZANNO, Luiz Adelmo. Som-Imagem no Cinema. São Paulo: Perspectiva, 2003. NAKANO, Davi. A produção independente e a desverticalização da cadeia produtiva da música. Gestão da Produção, São Carlos, v. 17, n. 3, p. 627-638, 2010. ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e identidade nacional. São Paulo, Brasiliense, 2009. SCHAFER, Murray. O ouvido pensante. São Paulo: UNESP, 1991. WISNIK, José Miguel. O som e o sentido. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. ZAN, J. R. Música popular brasileira, indústria cultural e identidade. Eccos Revista Científica, Uninove, São Paulo: nº1, v. 3: p. 105-122.</p>			

Nome e código do componente curricular: PRODUÇÃO MUSICAL II		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 25	
Ementa: Estudo dos processos sociais e técnicos da produção musical. Processos fonográficos e visuais na constituição da linguagem da música. Estudo crítico da música contemporânea com ênfase nos compositores e obras representativas dos movimentos de renovação estética, inseridos nos contextos histórico, social e cultural. Práticas e vivências de produção musical: conceito, seleção de repertório, performance, etapas da produção.			
Bibliografia Básica: ANDERSON, C. A cauda longa : do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. CALADO, Carlos. Tropicália : a história de uma revolução musical. São Paulo: Ed. 34, 1997. SÁ, Simone Pereira de (Org.). Rumos da Cultura da Música : Negócios, estéticas, linguagens e audibilidades. Porto Alegre: Sulina, 2010.			
Bibliografia Complementar: DAVID, Ron. Jazz para principiantes . Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. ELIAS, Norbert. Mozart : sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. GUERREIRO, Goli. A trama dos tambores : a música afro-pop de Salvador. São Paulo: Ed. 34, 2000. MIDANI, André. Música, ídolos e poder : do vinil ao download. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. NASCIMENTO, Clebemilton. Pagodes baianos : entrelaçando sons, corpos e letras. Salvador: Edufba, 2012.			
Bibliografia Adicional: ALBUQUERQUE, Carlos. O eterno verão do Reggae . São Paulo: Ed. 34, 1997. ARANTES, Antonio Augusto. O que é Cultura Popular . São Paulo, Brasiliense, 1990. BORGES, Sueli. Chegou a hora dessa gente bronzeada mostrar seu valor : samba e brasilidade em Assis Valente. Salvador: Pinaúna, 2012. COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural . São Paulo, 2004. FALCÓN, Bárbara. O Reggae de Cachoeira : produção musical em um porto atlântico. Salvador: Pinaúna, 2012. HERSCHMANN, Micael (Org.). Nas bordas e fora do mainstream musical : Novas tendências da música independente no início do século XXI. São Paulo: Estação das Letras e das Cores / FAPERJ, 2011. HERSCHMANN, Micael. Indústria da música em transição . São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2010. KIRSCHBAUM, Charles. [et al.]. Indústrias criativas no Brasil . São Paulo: Atlas, 2009. LEONI. Manual de sobrevivência no mundo digital . Rio de Janeiro: Editora Sinergia, 2010. longa-metragem Ensaio sobre a Cegueira. João Pessoa: Editora UFPB, 2013. MOTA, Fabricio. Guerreir@s do Terceiro Mundo : identidades negras na música reggae da Bahia. Salvador: Pinaúna, 2012. OPOLSKI, Débora. Introdução ao desenho de som : uma sistematização aplicada na análise do SANSONE, Lívio; SANTOS, Jocélio Teles dos. (Orgs.). Ritmos em trânsito : sócio-antropologia da música baiana. São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador, BA: Programa A cor da Bahia e Projeto S.A.M.B.A., 1997.			

Nome e código do componente curricular: ESPAÇOS E ACÚSTICA		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Som como fenômeno físico. Análise acústica do ambiente: Percepção sonora e percepção visual. Comportamento do som: Som direto x som refletido. Propriedades da acústica: Absorção, reflexão (reverb x delay) e refração/difração. Psicoacústica. Estereofonia. Binauralidade. Tratamento acústico X Isolamento acústico.			
Bibliografia Básica: DO VALLE, Sólón. Manual Prático de Acústica . São Paulo: Musitec, 2009. RODRIGUEZ, Angel. Dimensão sonora da linguagem audiovisual . São Paulo: SENAC, 2006. SCHAFER, R. Murray. A Afiinação do Mundo . São Paulo: UNESP, 2012.			
Bibliografia Complementar: BERANEK, L. How They Sound: Concert and Opera Halls . Acoustical Society of America. 1996. BERANEK, L. L. Music, Acoustics and Architecture . Krieger Publishing Company, 1979. COOK, Perry (Ed.). Music, cognition and computerized sound: an introduction to psychoacoustics . Cambridge: The MIT Press, 1999. JAMMER, Max. Conceitos de Espaço: A história das teorias do espaço na Física . Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.			
Bibliografia Adicional: BACKUS, J. The Acoustical Foundations of Music . New York: Norton, 1969. MAKHMALBAF, Mohsen (Direção). 1998. O Silêncio . Filme. Irã SHERIDAN, Kirsten (Direção). 2007. O Som do Coração . Filme. EUA. SHERIDAN, Ted e VAN LENGEN, Karen. Hearing Architecture Exploring and Designing the Aural Environment . Journal of Architectural Education, ACSA, 2003, pp. 37-44.			

ITINERÁRIOS FORMATIVOS

TECNOLOGIAS DO ESPETÁCULO

1º CICLO

Nome e código do componente curricular: GESTÃO TÉCNICA DE ESPETÁCULOS		Centro: CECULT	Carga horária: 51 h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Apresentar os aspectos legais e administrativos do espetáculo. Os diversos campos que compõem o espaço cênico e sua organização, gestão e recursos técnicos. Planejamento, organização, promoção e gestão de espetáculos. As diversas áreas de atuação de técnicos e profissionais do espetáculo.</p>			
<p>Bibliografia Básica: ABREU Jonas. Como produzir eventos sem medo. Rio de Janeiro: Publit Comércio de Soluções Editoriais, 2008. AVELAR, Romulo. O avesso da cena. Notas sobre produção e gestão cultural. Rio de Janeiro: Duo Editorial, 2009. LYN, Howard; BACON, John. Cirque Du Soleil. A reinvenção do espetáculo. Rio de Janeiro: Campus Editora, 2006.</p>			
<p>Bibliografia Complementar: CABRAL, Carlos. Manual de técnicas de palco. Lisboa: Inatel, 2004. IONAZZI, Daniel. The stagecraft handbook. Cincinnati: Betterway Books, 1996. IONAZZI, Daniel. The Stage Management Handbook. USA: Betterway Pub, 1992. SILVA, Robson Jorge Gonçalves da. (coord.). 100 termos básicos da cenotécnica: caixa cênica italiana. Rio de Janeiro: Funarte, 1992. SOLMER, Antonino. Manual do teatro. Instituto Português de Artes do Espectáculo. Lisboa: Ed. Cadernos contracena, 1999.</p>			
<p>Bibliografia Adicional: BOND, Daniel. The stage management, a gentle art. London: A&C Black, 1991. FARIA, João; GUINSSBURG, J.; LIMA, Mariangela (coord.). Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos. São Paulo: Perspectiva, 2006. JACQUES e Berta JACQUES. Lisboa: Moraes Editora, 1979. KELLY, Thomas A. The back stage guide to stage management. NY: Back Stage Books, 1991. PARKER, W.; OREN e SMITH, Harvey K. Scene design and stage lighting. USA: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1963. RAOUL, Bill. Stock scenery construction handbook. New York: Broadway Press, 1990. REID, Francis. The staging handbook. London: A&C Black, 1995. SCHENIDER, Doris. The art and craft of Stage Management. Harcourt Brace College: USA, 1996. SERRONI, José Carlos. Oficina arquitetura cênica. Rio de Janeiro: Funarte, 2003. SONREL, Pierre. Traité de scenographie. França: Odette Lieutier, s/d. SOUTHERN, Richard. Manual sobre a montagem teatral para amadores e profissionais. Trad. Mário Jacques e Berta Jacques. Lisboa: Moraes Editores, 1979. STERN, Lawrence. Stage managemet. USA: Allyn and Bacon, 1987. THOMAS, Terry. Create your own stage sets. London: A&C Black, 1985. WINSLOW, Colin. The oberon glossary of theatrical terms. London: Oberon Books, 1991.</p>			

Nome e código do componente curricular: HISTÓRIA E TEORIA DAS ARTES DO ESPETÁCULO		Centro: CECULT	Carga horária: 68 h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Introdução à História do Teatro ocidental, desde sua origem na Grécia até a contemporaneidade: formas espetaculares da manifestação teatral; estudo das principais manifestações dramáticas e cênicas, com ênfase nas tendências que se tornaram paradigmáticas nos séculos XX e XXI (especialmente dos anos 1960 em diante).			
<p>Bibliografia Básica: ARISTÓTELES. Poética. São Paulo: Martin Claret, 2004. BERTHOLD, Margot. História Mundial do Teatro. São Paulo: Perspectiva, 2000 CARLSON, Marvin. Teorias do teatro. São Paulo, Unesp, 1995.</p> <p>Bibliografia Complementar: ASLAN, Odette. O ator no século XX. São Paulo, Perspectiva, 1994. GLUSBERG, Jorge. A arte da performance. São Paulo, Perspectiva, 1987. HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos. O breve século vinte. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. LEHMANN, Hans-Thies. O teatro pós-dramático. São Paulo: Cosac-Naify, 2010. GASSNER, John. Mestres do teatro I e II. São Paulo, Perspectiva, 1980. ROSENFELD, Anatol. O teatro épico. São Paulo: Perspectiva, 1997.</p> <p>Bibliografia Adicional: ANTOINE, A. Conversas sobre a encenação. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2001. APPIA, Adolphe. A obra de arte viva. Lisboa: Arcádia, s.d, BALAKIAN, A. O Simbolismo. São Paulo: Perspectiva, 1985. BALL, D. Para trás e para frente: um guia para leitura de peças teatrais. São Paulo: Perspectiva, 1999. BENTLEY, E. A experiência viva do teatro. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. BERRENTINI, C. Dois farsas: o embrião do teatro de Molière. São Paulo: Perspectiva, 1979. BLOMM, H. Shakespeare e a invenção do humano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. BLOMM, H. O cânone ocidental. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. BORIE, M., ROUGEMONT, M., SCHERER, J. Estética teatral: textos de Platão a Brecht. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1996. COSTA, L. M. A poética de Aristóteles: mimese e verossimilhança. São Paulo: Ática, 1992. DIDEROT, D. O Paradoxo do comediante. São Paulo: Abril, 1986. GUINSBURG, J. (Org.) O romantismo. São Paulo: Perspectiva, 1978. GUINSBURG, J. (Org.) O classicismo. São Paulo: Perspectiva, 1999. HAUSER, A. História social da arte e da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 1998. HELIODORA, B. Falando de Shakespeare. São Paulo: São Paulo: Perspectiva, 1998. HUGO, V. Do grotesco ao sublime: prefácio do Cromwell. São Paulo: Perspectiva, s.d. BENTLEY, Eric. O teatro engajado. Rio de Janeiro, Zahar, 1969. BENTLEY, Eric. O dramaturgo como pensador. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991. BEHAR, Henry. Sobre el teatro dada e surrealista. Barcelona: Barral, 1970. BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo, Companhia das Letras, 1987 BINER, Pierre. O Living Theatre. Lisboa, Forja, 1976. BRETON, André. Manifestos do surrealismo. São Paulo: Brasiliense, 1985. BRUSTEIN, Robert. O teatro de protesto. Henrik Ibsen. August Strindberg. Anton Checov. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. CARDOSO, Ciro; ROSA, Cláudia da. Semiótica do espetáculo: um método para a história. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013. COELHO, Lauro Machado. Coleção história da Ópera. São Paulo, Perspectiva, 2013. COHEN, Renato. Performance como linguagem. São Paulo, Perspectiva, 1990. CONNOR, Steven. Cultura pós-moderna. São Paulo, Loyola, 1993. CÍRCULO DE PESQUISAS LITERÁRIAS. Casas de espetáculos. Porto Alegre, 2013. CRAIG, E.G. Da arte do teatro. Lisboa: Arcádia, s.d.</p>			

- CROUZET, Maurice. **História geral das civilizações**. vol. 17. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1974.
- FABRIS, Ana Thereza. **Futurismo: uma poética da modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- FRAGA, Eudynir. **O simbolismo no teatro brasileiro**. São Paulo: Art & Tec, 1992.
- FURNESS, R.S. **Expressionismo**. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- GALIZIA, Luiz Roberto. **Os processos criativos de Robert Wilson**. São Paulo, Perspectiva, 1986.
- GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- GUINSBURG, Jacó. **Stanislavski e o Teatro de Arte de Moscou**. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- HUPPES, I. **Melodrama: o gênero e sua permanência**. São Paulo: Ateliê, 2000.
- KANT, E. **Crítica do juízo do gosto**. São Paulo: Abril, 1984.
- MAGALDI, S. **O texto no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- NICOLL, A. **The world of Harlequin**. London: Cambridge Press, 1963
- MÜLLER, Heiner. **Quatro textos para teatro**. São Paulo, Hucitec, 1987.
- MÜLLER, Heiner. **Medeamaterial e outros textos**. São Paulo, Paz e Terra, 1993.
- NADEAU, Maurice. **História do surrealismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- ROSENFELD, Anatol. **Teatro moderno**. São Paulo, Perspectiva, 1977.
- ROSENFELD, Anatol. **História da literatura e do teatro alemães**. São Paulo, Perspectiva, 1993
- ROUBINE, Jean-Jacques. **A linguagem da encenação teatral**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- ROUBINE, Jean-Jacques. **A arte do ator**. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- SÁNCHEZ, José A. **Dramaturgias de la imagen**. La Mancha, Ed. Universidad de Castilla, 1994.
- SHEPARD, Sam. **Quatro peças de Sam Shepard**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- THORAU, Henry. **Perspectivas do moderno teatro alemão**. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. Trad. Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 1987
- GUINSBURG, J. (org.) **O Expressionismo**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ZOLA, Emile. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

Nome e código do componente curricular: LUZ E ILUMINAÇÃO		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 25	
Ementa: Apresentar os aspectos legais e administrativos do espetáculo. Os diversos campos que compõem o espaço cênico e sua organização, gestão e recursos técnicos. Planejamento, organização, promoção e gestão de espetáculos. As diversas áreas de atuação de técnicos e profissionais do espetáculo.			
Bibliografia Básica: CAMARGO, Roberto Gil. A função estética da luz . Sorocaba: Ed. TCM Comunicação, 2000. PEDROSA, Israel. Da cor à cor inexistente . Rio de Janeiro: Léo Christiano Editoria, 1982. PRENAFETA, Beato Tem; DIAS, Jamil; PIEDADE, Milton B. Iluminação cênica: fragmentos da história . São Paulo: Edições Abric, 2005.			
Bibliografia Complementar: BLOCK, Dick; WOLF, R. Craig. Scene design and stage lighting . Boston: Wadsworth, tenth edition, 2014. JUNIOR, Redondo. (org.). O teatro e a sua estética . V. 2. Lisboa: Editora Arcádia, 1964. RICHARD, Palmer. The lighting art: the aesthetics of stage lighting design , 2. ed, New Jersey: Prentice Hall, 1998 TORMANN, Jamile. Caderno de iluminação: arte e ciência . Rio de Janeiro: Editora música & tecnologia, 2006. WATSON, Lee. Lighting design handbook . New York: McGraw-Hill, 1990			
Bibliografia Adicional: APPIA, Adolphe. A obra de arte viva . Lisboa: Editora Arcádia, s.d CAMARGO, Roberto Gill. Função estética da luz . Sorocaba: Editora TCM-Comunicação, 2000. CRAIG, Edward Gordon. Da Arte do Teatro . Lisboa: Editora Arcádia, s/d. FROTA, A. B. Geometria da Insolação . São Paulo, SP: Geros, 2004. GOETHE, Johann Wolfgang Von. Doutrina das cores . São Paulo: Editora Nova Alexandria. Jean Rosenthal e Lael Wertenbaker. The magic of light . Boston: Little, Brown and Company, 1972 REID, Francis. The stage lighting handbook . Londres: A&C Black, 1987.			

Nome e código do componente curricular: SONORIZAÇÃO		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 25	
<p>Ementa: O papel do sonoplasta no Rádio e na TV: Panorama Histórico e Legislação. Ruídos de Sala X “Foley” X Efeitos Sonoros. Ambiência X Ruído X Efeitos X Trilhas Sonora. Poder Associativo: Objeto, Signo e Índice. Ambiente acústico, cenário acústico e Paisagem Sonora. Importância do silêncio. Funções da trilha sonora. A construção de narrativas a partir de elementos sonoros. Reconstrução de bandas sonoras. Sonorização em ambientes abertos e fechados. Mixagem em PA e Monitor. Dimensionamento de sistema de som. Alinhamento de P.A.</p>			
<p>Bibliografia Básica: RODRIGUEZ, Angel. Dimensão sonora da linguagem audiovisual. São Paulo: SENAC, 2006. CHION, Michel. A Audiovisão. Lisboa: Texto e Grafia, 2011. SÁ, Simone Pereira de; COSTA, Fernando Morais da. Som + Imagem. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.</p>			
<p>Bibliografia Complementar: ALKIN, Glyn. Operações de som em televisão. Lisboa: Editorial Presença, 1980. COSTA, Fernando Morais da. O Som no Cinema Brasileiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. HENRIQUES, Fábio. Guia de Mixagem (Vols 1, 2 e 3). Rio de Janeiro: Musitec, 2008. MANZANO, Luiz Adelmo F. Som-Imagem no cinema. São Paulo: Perspectiva, 2003. ROBERTS-BRESLIN, JAN. Produção de imagem e som. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.</p>			
<p>Bibliografia Adicional: ALKIN, E. G. Sound Record and Reproduction. Boston: Focal Press, 1988. DADÁ, Severino (Direção e Montagem). 2003. Geraldo José: O Som sem Barreira. Documentário. Brasil. FRANCESCHI, Humberto M. Registro Sonoro por Meios Mecânicos no Brasil. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1984. GIBSON, David e PETERSON, George. The Art of Mixing: a Visual Guide to Recording, Engineering and Production (Mix Pro Audio Serie). Mix Bookshelf, 1995. RATTON, Miguel. Criação de música e sons no computador. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1995. WILKINSON, Scott; OPPENHEIMER, Steve; ISHAN, Mark. Anatomy of a Home Studio -How Everything Really Works, from Microphones to Midi Mix. Bookshelf, 1995. WILKINSON, T.A. The Approach to Professional Audio. Butterworth-Heinemann, 1994.</p>			

Nome e código do componente curricular: CENOGRAFIA		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: As diferentes poéticas da cenografia empregadas nos espetáculos cênicos. A criação cenográfica para o teatro, música, dança e desfiles de moda.			
Bibliografia Básica: MANTOVANI, Anna. Cenografia . São Paulo: Ática, 1989. SERRONI, J. C. Cenografia brasileira . Notas de um cenógrafo. São Paulo: Editora SESC, 2014. VILASECA, Estel. Como fazer um desfile de moda . São Paulo: Editora SENAC, 2012.			
Bibliografia Complementar: BERTHOLD, Margot. História mundial do teatro . São Paulo: Perspectiva, 2001. FIELDING, Eric; McKINNON, Peter. World scenography . 1975-1990. USA: Oistat, 2012. GALIZIA, Luiz Roberto. Os processos criativos do Robert Wilson : trabalhos de arte total para o teatro contemporâneo. São Paulo: Perspectiva, 1985. NERO, Cyro del. Máquina para os deuses : anotações de um cenógrafo e o discurso da cenografia. São Paulo: Senac/SESC, 2009. RATTO, Gianni. Antitratado de cenografia : variações sobre o mesmo tema. São Paulo: SENAC, 1999.			
Bibliografia Adicional: BURIAN, Jarka. The scenography of Josef Svoboda . Connecticut: Wesleyan University Press, 1983. BURIAN, Jarka. Svoboda-Wagner : Josef Svoboda's scenography for Richard Wagner's operas. Connecticut: Wesleyan University Press, 1983. BUTTERWORTH, Philip; McKINNEY, Joslin. The Cambridge introduction to scenography . UK: University of Leeds, 2009. CRABTREE, Susan. Scenic art for the theatre . Boston: Focal Press, 1998. FERRARA, J.A. & SERRONI, J.C. Cenografia e indumentária no TBC . São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 1980. HARRIS, Andrews. Broadway theatre . USA: Routledge, 1994. HOWARD, Pámela. Escenografia . London: Editorial Galáxia, 2004. MELLO, Bruno. Trattato di scenotécnica . Itália: Gorlic Editore, 1962. PERRELLI, Franco. Storia della Scenografia . Roma: Carocci, 2002. REID, Francis. The A B C of Stage technology . London: A&C Black, 1995. ROUBINE, Jean-Jacques. A linguagem da encenação teatral . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. SILVA, Robson Jorge Gonçalves. (coord.). 100 termos básicos da cenotécnica : caixa cênica italiana. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1996. SPORRE, Dennis J. Scene design in the theatre . New Jersey: Prentice Hall, 1990.			

Nome e código do componente curricular: TECNOLOGIAS AUDIOVISUAIS	Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória
Pré-requisito: Sem Pré-requisito	Módulo de alunos: 25	
<p>Ementa:</p> <p>Audiovisual, cinema e tecnologia. O texto: noções de roteiro para imagem real e animação; o roteiro no processo de realização audiovisual. Relação do instrumental digital com a área do audiovisual. Evolução dos equipamentos audiovisuais e sua utilização na realização do filme. Planos, ângulos, enquadramentos e a construção da linguagem audiovisual. O processo de montagem como síntese. Sincronização de som e imagem. O fluxo narrativo e as diversas formas de continuidade visual do cinema e suas implicações no desenvolvimento de novos produtos audiovisuais como videocliques, videogames, machinema. Recursos, programas (Adobe Premiere, Final Cut) e equipamentos de edição. Especificidades do vídeo digital e o vídeo em suporte web.</p>		
<p>Bibliografia Básica: DANCYGER, Ken. Técnica de edição para cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Elsevier, Ed. Campus, 2003. EISENSTEIN, Sergey. A forma do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. EVANS, Russel. Curtas extraordinários! Como filmar e compartilhar seus curtas na internet. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.</p> <p>Bibliografia Complementar: BAZIN, André. O que é o cinema? Lisboa: Livros Horizonte, 1997. BELLOUR, Raymond. Entre imagens: foto, cinema, vídeo. Campinas: Papyrus, 1997. EISENSTEIN, Sergey. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. KELLISON, Cathrine. Produção e direção para TV e vídeo. Uma abordagem prática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. LEONE, Eduardo e MOURÃO, Maria Dora. Cinema e montagem. São Paulo: Ática, 1993.</p> <p>Bibliografia Adicional: EPSTEIN, Alex. Crafty TV writing. Thinking inside the box. New York: Holt Paperbacks, 2006. JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2008. JÚNIOR, Alberto Lucena. Arte da animação. Técnica e estética através da história. São Paulo: SENAC, 2005. MACHADO, Arlindo. Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas. São Paulo: Edusp, 1996. MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas e pós-cinemas. Campinas: Papyrus, 1997. MARX, Christy. Writing for animation, comics and games. Burlington, MA: Focal Press, 2007. McKee, Robert. STORY. Substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiros. Curitiba: Arte e Letras, 2012. MOLETTA, Alex. Criação de curta-metragem em vídeo digital. Um proposta para produções de baixo custo. São Paulo: Summus Editorial, 2009. METZ, Cristian. A significação no cinema. São Paulo: Perspectiva, 1972. WATTS, Harris. On camera. O curso de produção de filme e vídeo da BBC. São Paulo: Summus Editorial, 1990. WELLINS, Mike. Storytelling through animation. Hingham, Massachusetts: Charles River Media, Inc., 2005. WOLLEN, Peter. Signos e significação no cinema. Lisboa: Livros Horizonte, 1997. XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. Sao Paulo, Paz e Terra, 2005.</p>		

Nome e código do componente curricular: DESENHO TÉCNICO		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 25	
Ementa: Materiais de desenho. Normas técnicas. Caligrafia técnica, linhas e escalas. Projeções cilíndricas ortogonais. Normalização. Leitura e representação dos elementos fundamentais, ponto, reta e plano. Representação em três vistas. Técnicas de desenho com instrumentos. Desenho geométrico. Projeções ortogonais, cotagem, cortes e seções. Cotagem. Noções de desenho arquitetônico.			
Bibliografia Básica: NEUFERT, E. A arte de projetar em arquitetura . São Paulo: Gustavo GiliSA, 1990. OLIVEIRA e SILVA, E.; ALBIERO, E. Desenho técnico fundamental . [s.l]: E.P.U. Editora, 2006, 123p. SIMMONS, C.H.; MAGUIRE, D.E. Desenho técnico: problemas e soluções gerais de desenho . [s.l]: Hemus, 2004. 258p.			
Bibliografia Complementar: LIMA, C.C. Estudo dirigido de AUTOCAD 2009 . Erika, 2008, 352p. MC CORMAC, J. Topografia . Traduzido por: SILVA, D. C. 5a. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007. 391p. MONTENEGRO, G.A. Desenho arquitetônico . São Paulo: Editora Edgar Blucher Ltda, 1978. SPECK, H. José; PEIXOTO, V. Virgílio. Manual Básico de Desenho Técnico . Florianópolis: Editora UFSC, 1997. UNTAR, J.; JENTZSCH, R. Desenho arquitetônico : Imprensa Universitária. Viçosa: UFV, 1987.			
Bibliografia Adicional: KANDINSKY, W. Ponto e linha sobre plano . São Paulo: Martins Fontes, 2012. VENDITTI, M. V. R. Desenho técnico sem prancheta com AutoCAD 2008 . Florianópolis: Visual Books, 2007. 288p.			

Nome e código do componente curricular: FUNDAMENTOS DE ELETRICIDADE E ELETRÔNICA		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: <i>Eletricidade:</i> Cargas Elétricas. Corrente Elétrica. Condutores, isolantes e semi-condutores. Diferença de potencial elétrico. Lei de Ohm. Corrente contínua e corrente alternada. Potência elétrica. Geração de energia (baterias, fontes DC e fontes AC). Fase, Neutro e terra. <i>Eletrônica:</i> Elementos passivos (resistores, capacitores, indutores e transformadores). Dispositivos semi-condutores (diodo, transistor). Transdutores e seu uso na produção audiovisual. Definição de sinal elétrico e seus usos na produção audiovisual. Conceituação de ruído. Conceito de impedância e casamento de impedâncias. Analógico X Digital.			
Bibliografia Básica: CAPUANO, Francisco Gabriel. Elementos da eletrônica digital . São Paulo, Érica, 2009. JÚNIOR, Llima; WIRTH, Almir. Eletricidade e eletrônica básica . Rio de Janeiro: Alta Books, 2013. TOOLEY, Mike. Circuitos Eletrônicos: Fundamentos e aplicações . Tradução Luiz Cláudio de Queiroz Faria. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.			
Bibliografia Complementar: BOYLESTAD, Louis; NASHELSKY, Robert L. Dispositivos Eletrônicos e Teoria de Circuitos . 8ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Prentice Hall, 2013. MALVINO, Albert; BATES, David J. Eletrônica . São Paulo: McGraw Hill, 2007. OLIVEIRA, Julio Cesar de. Princípios de telecomunicações . São Paulo: Erica, 2005. SEDRÁ, Adel S.; SMITH, Kenneth C. Microeletrônica . São Paulo: Editora 95, 2007. TURNER, L. W. Manual Básico de Eletrônica . Rio de Janeiro: Hemus, 2004.			

Nome e código do componente curricular: FIGURINO		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Os fundamentos da indumentária para os diversos tipos de espetáculos. A forma, a cor, texturas e materiais apropriados para a concepção de um figurino. Estudo e pesquisa do traje. Desenvolvimento de projeto de figurinos. Noções de maquiagem.			
Bibliografia Básica: LURIE, Alison. A linguagem das roupas . Rio de Janeiro: Rocco, 1997. MOLINOS, Duda. Maquiagem . São Paulo: Ed. Senac, 2000. VIANA, Fausto. O figurino teatral e as renovações do século XX . São Paulo: Estação das Letras, 2010.			
Bibliografia Complementar: BOUCHER, François. História do vestuário no Ocidente : das origens aos nossos dias. São Paulo: Cosac Naify, 2010. CARNEIRO, Marília. No camarim das oito . Rio de Janeiro: Aeroplano, Senac – Rio, 2004. COSTA, Cacilda Teixeira da. Roupa de artista : o vestuário na obra de arte. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, EDUSP, 2009. LANDIS, Deborah Nadoolman. Dressed : a century of Hollywood – Costume Design. New York: HarperCollins Publishers, 2007. LEITE, Adriana. Figurino : uma experiência na televisão. São Paulo: Paz e Terra, 2002.			
Bibliografia Adicional: KOEHLER, Carl. História do vestuário . São Paulo: Martins Fontes, 1993. LAVER, James. A roupa e a moda : uma história concisa. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. MUNIZ, Rosane. Vestindo os nus . O figurino em cena. São Paulo: Editora Senac, 2004. MUNIZ, Rosane; VIANA, Fausto (Orgs.). Diário de pesquisadores : traje de cena. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012. SEELING, Charlotte. Moda – século dos estilistas 1900 – 1999 . Colônia: Könemann, 1999.			

ITINERÁRIOS FORMATIVOS

DESIGN DIGITAL 1º CICLO

Nome e código do componente curricular: HISTÓRIA DO DESIGN	Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória
Pré-requisito: Sem Pré-requisito	Módulo de alunos: 50	
Ementa: O design no diálogo entre as artes, a tecnologia e a produção massiva. A revolução industrial e seus desdobramentos no campo simbólico. O universalismo modernista e a Bauhaus. Os meios de comunicação, a cultura de massa e seu diálogo com o design. O design pós-moderno e a estética do palimpsesto. A redefinição do design pelo ambiente digital.		
Bibliografia Básica: ARGAN, Giulio Carlo. Projeto e Destino . São Paulo, Ática, 2001. CARDOSO, Rafael. Uma Introdução à História do Design . São Paulo: Edgar Blücher, 2a ed. Rev. Amp. 2004. FORTY, Adrian. Objeto de desejo: design e sociedade desde 1750 . São Paulo: Cosac Naify, 2007.		
Bibliografia Complementar: ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte como história da cidade . São Paulo, Martins Fontes, 1992. FERRARA, Lucrécia. Design em espaços . São Paulo, Rosari, 2002. FIEL, Charlotte & FIEL, Peter. Design Industrial A-Z . Colônia: Taschen, 2001. GUINSBURG, Jaco; BARBOSA, Ana Mae. O pós-modernismo . São Paulo, Perspectiva. PEVSNER, Nikolaus. Os pioneiros do desenho Moderno: De William Morris a Walter Gropius . São Paulo: Martins Fontes, 1980.		
Bibliografia Adicional: BÜRDEK, B. E. Diseño: história, teoria y práctica del diseño industrial . Barcelona: Gustavo Gili, 1994. COSTA, Angela M. da. E SCHWARCZ, Lilia Moritz. 1890-1914 – No tempo das certezas . São Paulo: Companhia das Letras, 2002. JULIER, Guy. Dictionary of 20th-Century Design and Designers . Londres: Thames and Hudson, 1997. KANDINSKY, Vassily. O curso da Bauhaus . Lisboa, Ed. 70. MUNARI, Bruno. Das Coisas Nascem Coisas . Trad. de José Manuel de Vasconcelos. São Paulo, Martins Fontes, 2002. NORMAN, Donald A. Design Emocional: Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia . Rio de Janeiro: Rocco, 2008. PEVSNER, Nicolaus. Origens da arquitetura moderna e do design . São Paulo: Martins Fontes, 1981. PIERRE, Cabanne. Marcel Duchamp: engenheiro do tempo . São Paulo, Perspectiva.		

Nome e código do componente curricular: HISTÓRIA DO DESIGN BRASILEIRO	Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória
Pré-requisito: Sem Pré-Requisito	Módulo de alunos: 50	
Ementa: O design moderno no Brasil no início do século XX. A industrialização e o design de produto. A importância do design gráfico para o design brasileiro e sua relação com a indústria cultural. O design pós-moderno.		
Bibliografia Básica: BARDI, Pietro Maria. O Design no Brasil: História e Realidade. São Paulo: MASP/SESC, 1982. CARDOSO, Rafael. O design brasileiro antes do design. Aspectos da história gráfica. São Paulo, Cosac & Naify, 2005. NIEMEYER, Lucy. Design no Brasil: origens e instalação. 2ª edição. Rio de Janeiro: 2AB, 1997.		
Bibliografia Complementar: ACAYABA, Marlene Milan. Branco e Preto: uma história do design brasileiro nos anos 50. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi, 1994. BRAGA, Marcos da C., MOREIRA, Ricardo S. (Orgs.). História do Design no Brasil. AnnaBlume Editora. São Paulo: 2012 CAMARGO, Mário de (org.). Gráfica: Arte e Indústria no Brasil: 180 anos de história. São Paulo: Bandeirantes Gráfica/EDUSC, 2003. p. 79-119. DE MORAES, Dijon. Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem. 1. ed. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2006. WOLLNER, Alexandre. Textos recentes e escritos históricos. São Paulo, Rosari.		
Bibliografia Adicional: CARDOSO, Rafael (Org.). Impresso no Brasil: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional (1808-1930). Rio de Janeiro: Verso Brasil Editorial, 2009. MELO, Chico Homem de; RAMOS, Elaine. Linha Do Tempo Do Design Gráfico No Brasil. São Paulo: Cosac Naify, 2011. WITTER, Geraldina. (Org.). Desenho Industrial: uma perspectiva educacional. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo; Brasília: CNPq/Coordenação Editorial, 1985.		

Nome e código do componente curricular: PERCEPÇÃO VISUAL	Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória
Pré-requisito: Sem Pré-requisito	Módulo de alunos: 50 alunos	
Ementa: Os fundamentos, conceitos e concepções acerca da percepção visual. Teoria da Gestalt. Conceitos de beleza nas artes visuais. Noções de belo na arte contemporânea. A relação entre percepção, cognição e ambientes comunicacionais. O digital, a ressignificação do sensório e suas interferências na percepção visual.		
Bibliografia Básica: ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual . São Paulo. Joli, 1989. AUMONT, Jacques. A Imagem . Campinas: Editora Papyrus, 3 ^a ed., 2002. DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha . 1 ^a ed. São Paulo: Editora 34, 1998.		
Bibliografia Complementar: CARRENO, Francisca Pérez. Los placeres Del parecido : Icono y representacion. Madrid: Visor Dis., Tomás Breton, 1988. DONDIS, D. A. La Sintaxis de La imagem : Introdução AL alfabeto visual. Barcelona. Espanha. Editorial Gustavo Gili. AS. 1998. GOMES, José Filho. Gestalt do Objeto : Sistema de Leitura Visual da Forma. São Paulo. Escrituras. 2003. SANTAELLA, Lucia. A Percepção . São Paulo: Experimento, 1992. VILLAFANE, Justo. Introduccion a La teoria de La imagem . Madrid: Ediciones Pirámide, 2000.		
Bibliografia Adicional: BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In.: Magia e técnica, arte e política . São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional . São Paulo: Martins, 2009. BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção : como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins, 2009. CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea : uma introdução. São Paulo, Martins, 2005. COSTA, Cristina. Questões de arte . A natureza do belo, da percepção e do prazer estético. São Paulo: Moderna, 1999. ECO, Umberto. História da beleza . Rio de Janeiro: Record, 2010. ECO, Umberto. História da feiura . Rio de Janeiro: Record, 2007. OSTROWER, Fayga. Universos da Arte . Rio de Janeiro: Editora Campus, 1983. OSTROWER, Fayga. A Sensibilidade do Intelecto . Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998. PANOFKY, Erwin. Significado nas artes visuais . São Paulo: Perspectiva, 1999.		

Nome e código do componente curricular: DESENHO		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Profissional	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Teorias e técnicas do desenho de observação, seus distintos processos relacionados à superfície plana (bidimensional). Contexto Histórico das técnicas e processos artísticos do Desenho. Conceituação e experimentação. Análise e observação das formas através do desenho. Noções de perspectiva, proporção, composição, luz e sombras, textura e volume. Croquis. Estudos de cor e composição.			
Bibliografia Básica: EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro . Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. KANDINSKY, Wassily. Ponto e Linha sobre Plano . Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. SANMIGUEL, David. Materiais e técnicas : guia completo. Trad. Joana Angélica D'Ávila de Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.			
Bibliografia Complementar: CATÁLOGO III BIENAL MERCOSUL. Arte por toda parte . Porto Alegre, Brasil. São Paulo: Gráfica Tacano, 2002. DONDI, Donis A. Sintaxe da linguagem visual . São Paulo: Martins Fontes, 2003. MAYER, Ralph. Manual do artista . São Paulo: Martins Fontes, 1996. MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual : Contribuição para uma metodologia didática. São Paulo: Martins Fontes, 1997. PEDROSA, Ismael. Da cor à cor inexistente . São Paulo: SENAC, 2009. ROIG, Gabriel Martins. Fundamentos do desenho artístico . São Paulo: Martins Fontes, 2009. SANTOS NETO, Fernando Augusto dos. Desenho II : desenho e experiência. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2010.			
Bibliografia Adicional: MASSIRONI, Manfred. Ver pelo Desenho . Aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos. Lisboa: Edições 70, 2010. MOLINA, Juan José Gómez. Estrategias del Dibujo en el Arte Contemporáneo . Madrid: Cátedra, 1999.			

Nome e código do componente curricular: DESENHO GEOMÉTRICO	Centro: CECULT	Carga Horária 51h
Modalidade Disciplina		Função: Básica
Pré-requisito: Sem Pré-Requisito		Módulo de alunos: 50
Ementa: Processos de representação das formas geométricas básicas. O desenho geométrico plano. Fundamentos do desenho geométrico: ponto, linha, ângulos e planos; representação de concordância e representação de sólidos. Projeções ortogonais.		
Bibliografia Básica: KANDINSKY, Wassily. Ponto e Linha sobre Plano . Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. MARCHESI JR, Isaias. Curso de desenho geométrico . Vol. 2. São Paulo: Editora Ática, 2003. PRINCIPE JUNIOR, Alfredo dos Reis. Noções de Geometria Descritiva . v.1. Barueri-SP: Nobel, 1983.		
Bibliografia Adicional: ASENSI, F. I. Geometria Descritiva Superior Aplicada . Madrid: Editora Dossat, S.S., 1975. BUSTAMANTE, Léa Santos. Transformações projetivas: Sistemas projetivos . Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1989. CÂNDIDO, Suzana L. Formas num mundo de formas . 1. Ed. São Paulo: Editora Moderna, 1997. CARVALHO, Benjamim de A. Desenho Geométrico . Rio de Janeiro: Ed Livro Técnico S.A.,1992. FRENCH, T. Desenho Técnico . Rio de Janeiro: Editora Globo, 1975. GIONGO, Afonso. Desenho Geométrico . São Paulo: Ed. Nobel, 1979. KANDINSKI, Wassily. Ponto, Linha, Plano . Contribuição para a análise dos elementos picturais. Lisboa: Edições 70, 1989. MARMO, Carlos. Desenho Geométrico . São Paulo: Moderna, 1964. NORLING, Ernest R. La Perspectiva Simplificada . Buenos Aires: Ed. Jorge A. Duclout, 1958. PENTEADO, José Arruda. Curso de desenho . São Paulo: SENAC, 1996. PENTEADO, José Arruda. Curso de desenho . São Paulo: SENAC, 1996. PINHEIRO, V. A. Noções de Geometria Descritiva . V.III . ao Livro Técnico, 1970. PRÍNCIPE JR, Alfredo dos Reis. v. 1 e 2. Noções de geometria descritiva . São Paulo: Nobel, 1972. RODRIGUES, A. J. Geometria Descritiva . V.II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1969.		

Nome e código do componente curricular: ARTE E COMUNICAÇÃO VISUAL	Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória
Pré-requisito: Sem Pré-requisito	Módulo de alunos: 50	
Ementa: As artes visuais e o design. A imagem digital e o sensório. A ressignificação dos códigos e das linguagens imagéticas pelo ambiente digital. A comunicabilidade dos objetos.		
Bibliografia Básica: LATOIR, Bruno. Reagregando o social : uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: UFBA, EDUSC, 2012. LEMONS, André. A comunicação das coisas : teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo, Annablume, 2013. DONDIS, A. Sintaxe da linguagem visual . São Paulo: Martins Editora, 2007.		
Bibliografia Complementar: FRIEDBERG, Anne. The virtual window from Alberti to Microsoft . Cambridge: MIT Press, 2006. QUARANTA, Domenico. Beyond New Media Art . San Francisco-CA: Link Editions, 2013. SHANKEN, Edward. Inventar el futuro : arte, electricidad y nuevos medios. Barcelona: Departamento de Ficción, 2013. SIMONDON, Gilbert. El modo de existencia de los objetos técnicos . Buenos Aires: Prometeo, 2008. TOMAS, David. Beyond the Image Machine – a history of visual technologies. Nova Iorque: Continuum, 2004.		

Nome e código do componente curricular: DESIGN DE INTERFACE	Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória
Pré-requisito: Sem Pré-requisito	Módulo de alunos: 25	
Ementa: Características de projeto de interface para web. Princípios de usabilidade. Métodos de avaliação de interfaces. Construindo para a web (usuário, servidor): Html5, Javascript and Php.		
Bibliografia Básica: MEMÓRIA, Felipe. Design para internet : projetando a experiência perfeita. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2005. POWERS, Shelley. Aprendendo JavaScript . São Paulo: Novatec, 2010. SCHMITT, Christopher. CSS Cookbook . São Paulo: Novatec, 2010.		
Bibliografia Complementar: ANDERSEN, Christian Ulrik e POLD, Soren Brod. Interface Criticism . Aesthetics Beyond Buttons. Copenhagen: Aarhus, 2011. MORVILLE, Peter; ROSENFELD, Louis. Information Architecture for the World Wide Web . Sebastopol-CA: O'Reilly, 1998. TIDWELL, Jennifer. Designing Interfaces . Nova Iorque: O'Reilly, 2009.		
Bibliografia Adicional: BORDIM, Luiz. Práticas para uma boa UX, 4 de junho de 2013. Disponível em: < http://www.uxdesign.blog.br/design-de-interfaces/boa-user-interface/ >. Acesso em: 29 mai 2014. DE SOUZA, Clarisse S.; LEITE, Jair C.; PRATES, R.O.; Barbosa, S.D.J. Projeto de Interfaces de Usuário: perspectivas cognitivas e semióticas. Jornada de Atualização em Informática (JAI) , Congresso da SBC, 1999. versão para download do DIMAP: http://www.dimap.ufrn.br/~jair/piu/JAI_Apostila.pdf . SAMARA, Timothy. Grid : construção e desconstrução. São Paulo: Cosac Naify, 2007. Sebastopol, CA: O'Reilly, 2006.		

Nome e código do componente curricular: FOTOGRAFIA	Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória
Pré-requisito: Sem Pré-requisito	Módulo de alunos: 25	
Ementa: História e evolução da fotografia e das técnicas de registro fotográfico. Recursos técnicos das câmeras profissionais. Operações de laboratório: revelação, ampliação, cópia e edição fotográfica. A fotografia analógica e digital, diferenças e semelhanças. Gêneros e estilos fotográficos. Ferramentas de manipulação fotográfica digital (Photoshop).		
Bibliografia Básica: AUMONT, Jacques. A Imagem . Campinas: Papyrus, 1993. DUBOIS, Phillipe. O Ato Fotográfico . Campinas: Papyrus, 1994. FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta : ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Edições Relume Dumará, 2002		
Bibliografia Complementar: ADAMS, Ansel. A Câmera . São Paulo: Senac, 2003. BARTHES, Roland. A Câmera Clara . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. SOULAGES, François. Estética da Fotografia, perda e permanência . São Paulo: Senac, 2010. TRIGO, Thales. Equipamento fotográfico : teoria e prática. São Paulo: Senac, 2003.		
Bibliografia Adicional: ABREU, F.; MORAIS, F. KORYTOWSKI, I.(Tradutores). Tudo sobre fotografia . Rio de Janeiro: Sextante, 2012. FONTCUBERTA, Joan. Estética fotográfica : una selección de textos. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. KRAUSS, Rosalind. O fotográfico . Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2010. PALACIN, V. Fotografia : teoria e prática. São Paulo: Saraiva, 2012 RAMALHO, J.A.; PALACIN, V. Escola de fotografia : o guia básico, da técnica à estética. São Paulo: Campus, 2013.		

Nome e código do componente curricular: INTERATIVIDADE	Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória
Pré-requisito: Sem pré-requisito	Módulo de alunos: 25	
Ementa: Estudo da interação humano-computador. Projeto de interface. Usabilidade. O campo multidisciplinar do design de interação: relações com a psicologia, antropologia, design, ergonomia, design gráfico, ciências cognitivas, comunicação, informática. Modelos de interação. Interação máquina-máquina, internet das coisas. Desenvolvimento de projetos com Arduino, Processing, Open GL.		
Bibliografia Básica: AMADO, Pedro. Introdução à programação gráfica (usando Processing). Porto: Universidade do Porto, 2006. BANZI, Massimo. Primeiros passos com o Arduino . São Paulo: Novatec, 2011.		
Bibliografia Complementar: CAUSA, Emiliano (org). Invasión Generativa . Fronteras de la generatividad en las tres dimensiones, la robótica y la realidad aumentada. Buenos Aires: Invasores de la generatividad, 2014. FISHWICK, Paul A. (org). Aesthetic Computing (Leonardo Books). Cambridge: The MIT Press. 2006. FRY, Ben; REAS, Casey. Processing: A Programming Handbook for Visual Designers and Artists . Cambridge: The MIT Press, 2007. SCOLARI, Carlos (org). Homo Videoludens 2.0 De pacman a la gamificación . Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012 SHIFFMAN, Daniel. Learning Processing: A Beginner's Guide to Programming Images, Animation, and Interaction . San Francisco: Morgan Kaufmann. 2008.		
Bibliografia Adicional: BRADSKI, Gary; KAEHLER, Adrian. Learning OpenCV: Computer Vision with the OpenCV Library . Cambridge: O'Reilly Media. 2008. NOBLE, Joshua. Programming Interactivity . Cambridge: O'Reilly. 2009. SHREINER, Dave. OpenGL Programming Guide: The Official Guide to Learning OpenGL, Versions 3.0 and 3.1 (7th Edition) . Addison-Wesley Professional. 7th edition. 2009. TRIBE, Mark; JANA, Reena. New Media Art (em português). Londres: Taschen, 2005.		

Nome e código do componente curricular: TECNOLOGIAS AUDIOVISUAIS	Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória
Pré-requisito: Sem Pré-requisito	Módulo de alunos: 25	
<p>Ementa:</p> <p>Audiovisual, cinema e tecnologia. O texto: noções de roteiro para imagem real e animação; o roteiro no processo de realização audiovisual. Relação do instrumental digital com a área do audiovisual. Evolução dos equipamentos audiovisuais e sua utilização na realização do filme. Planos, ângulos, enquadramentos e a construção da linguagem audiovisual. O processo de montagem como síntese. Sincronização de som e imagem. O fluxo narrativo e as diversas formas de continuidade visual do cinema e suas implicações no desenvolvimento de novos produtos audiovisuais como videoclipe, videogames, machinema. Recursos, programas (Adobe Premiere, Final Cut) e equipamentos de edição. Especificidades do vídeo digital e o vídeo em suporte web.</p> <p>Bibliografia Básica: DANCYGER, Ken. Técnica de edição para cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Elsevier, Ed. Campus, 2003. EISENSTEIN, Sergey. A forma do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. EVANS, Russel. Curtas extraordinários! Como filmar e compartilhar seus curtas na internet. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.</p> <p>Bibliografia Complementar: EISENSTEIN, Sergey. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. KELLISON, Cathrine. Produção e direção para TV e vídeo. Uma abordagem prática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. MACHADO, Arlindo. Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas. São Paulo: Edusp, 1996. McKEE, Robert. STORY. Substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiros. Curitiba: Arte e Letras, 2012. METZ, Cristian. A significação no cinema. São Paulo: Perspectiva, 1972.</p> <p>Bibliografia Adicional: BAZIN, André. O que é o cinema? Lisboa: Livros Horizonte, 1997. BELLOUR, Raymond. Entre imagens: foto, cinema, vídeo. Campinas: Papyrus, 1997. EPSTEIN, Alex. Crafty TV Writing. Thinking inside the box. New York: Holt Paperbacks, 2006. JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2008. JÚNIOR, Alberto Lucena. Arte da animação. Técnica e estética através da história. São Paulo: SENAC, 2005. LEONE, Eduardo e MOURÃO, Maria Dora. Cinema e montagem. São Paulo: Ática, 1993. MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas e pós-cinemas. Campinas: Papyrus, 1997. MARX, Christy. Writing for animation, comics and games. Burlington, MA: Focal Press, 2007. MOLETTA, Alex. Criação de curta-metragem em vídeo digital. Um proposta para produções de baixo custo. São Paulo: Summus Editorial, 2009. WATTS, Harris. On camera. O curso de produção de filme e vídeo da BBC. São Paulo: Summus Editorial, 1990. WELLINS, Mike. Storytelling through animation. Hingham, Massachusetts: Charles River Media, Inc., 2005. WOLLEN, Peter. Signos e significação no cinema. Lisboa: Livros Horizonte, 1997. XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. Sao Paulo, Paz e Terra, 2005.</p>		

Nome e código do componente curricular: ATELIÊ	Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória
Pré-requisito: Sem Pré-requisito	Módulo de alunos: 25	
Ementa: Conceito e especificidades das interfaces digitais em diferentes mídias. Desenvolvimento de projetos audiovisuais em computação física e experimentação sonora com artefatos elétricos e eletrônicos a partir de projetos desenvolvidos pelos grandes nomes da área "maker" e do circuit bending: Lady Ada, Mitch Altman, Reed Ghazala e Nicolas Collins.		
Bibliografia Básica: EVANS, Martin; NOBLE, Joshua; HOCHENBAUM, Jordan. Arduíno em ação . São Paulo: Novatec, 2013. UPTON, Eben e HALFACREE, Gareth. Raspberry Pi – Guia do usuário . São Paulo: Novatec, 2013. BRAGA, Newton C. Projetos educacionais de robótica e mecatrônica . São Paulo: NCB, 2014.		
Bibliografia Adicional: ALTMAN, Mitch. The brain machine . Nova Iorque: Maker Media, 2009 COLLINS, Nicholas. Handmade electronic music: the art of hardware hacking . Boston: MIT, 2009 GHAZALA, Reed. Circuit Bending, Build your own alien instruments . Indianapolis: Wiley Publishing, 2005. Disponível em: < http://zhagun.ru/Circuit_Bending_Build_Your_Own_Alien_Instruments.pdf >. Acesso em: 25 mai. 2014. ADA, Lady. E is for electronics, Adafruit, 2010 Arduino (sintetizador para Arduino). Disponível em: < https://code.google.com/p/tinkerit/wiki/Aduino >. Acesso em: 23 jun 2014.		

ITINERÁRIOS FORMATIVOS

POLÍTICA E GESTÃO CULTURAL 1º CICLO

Nome e código do componente curricular: POLÍTICAS CULTURAIS		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Definições de políticas culturais. Políticas culturais públicas e privadas. Atores e momentos do sistema cultural. Instrumentos de políticas culturais. Planejamento estratégico das políticas culturais. Análises históricas das políticas culturais nos âmbitos internacional, nacional, estadual e municipal: tipologias e experiências. Políticas culturais no Brasil e na Bahia: organização, estruturas, projetos e ações.</p>			
<p>Bibliografia Básica: CALABRE, Lia. Políticas Culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009. COELHO, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural. 2 ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2012. RUBIM, Antonio Albino Canelas; ROCHA, Renata (Orgs.). Políticas culturais. Salvador: EDUFBA, 2012.</p>			
<p>Bibliografia Complementar: BARROS, José Márcio; KAUARK, Guiliana. Diversidade cultural e desigualdade de trocas – participação, comércio e comunicação. São Paulo: Observatório da Diversidade Cultural, Ed PUC Minas, 2011. CALABRE, Lia. (Org) Políticas culturais: reflexões e ações. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Ruy Barbosa, 2009. NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (org.) Teorias e políticas da cultura. Salvador, EDUFBA, 2007. RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). As políticas culturais no Governo Lula. Salvador: EDUFBA, 2010.</p>			
<p>Bibliografia Adicional: BOTELHO, I. As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas. Revistas São Paulo em Perspectiva. São Paulo, v.15,n.2, 2001. Disponível em : http://www.scielo.br. BOTELHO, Isaura. Romance de Formação: FUNARTE e Política Cultural 1976-1990. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2001. BRANT, Leonardo (org). Políticas Culturais. Vol. 1. Barueri: Manole, 2003. CANEDO, Daniele. Cultura, Democracia e Participação Social: um estudo da II Conferência de Cultura da Bahia. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) 190f. - Faculdade de comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. DORIA, Carlos Alberto. Os Federais da Cultura. São Paulo: Biruta, 2003. FARIA, Hamilton; SOUZA, Valmir. de (orgs.). Experiências de gestão cultural democrática. São Paulo, Pólis, 1993. FÉLIX, Paula. Políticas Culturais do Governo Lula: Análise do Sistema Nacional de Cultura e do Plano Nacional de Cultura. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) 140f. - Faculdade de comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. FERNANDES, Taiane Fernandes. Políticas Culturais: A Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia 1995-2006. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) 242f. - Faculdade de comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. LAMOUNIER, Bolivar; FIGUEIREDO, Rubens. (orgs.) A Era FHC: um balanço. São Paulo, Cultura, 2002. MACHADO, Mario Brockmann. Estado e cultura no Brasil. São Paulo, Difel, 1984. MAGALHÃES, Aloísio. E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro / Brasília: Nova Fronteira / Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. MICELI, Sérgio; GOUVEIA, Maria Alice. Política cultural comparada. Rio de Janeiro, Funarte, 1985. MOISÉS, José Álvaro; BOTELHO, Isaura. (orgs.). Modelos de financiamento da cultura. Rio de Janeiro, Minc/Funarte, 1997. PONTES, Ipojuca. Cultura e modernidade. Brasília, Secretaria de Cultura, 1991. SARNEY, José. Incentivo à cultura e sociedade industrial. In: JELÍN, Elizabeth e outros. Cultura e desenvolvimento. Rio de Janeiro, Fundo Nacional de Cultura, 2000. p. 27-44. VIEIRA, Mariella Pitombo. Política cultural na Bahia: o caso do Fazcultura. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) 240f. - Faculdade de comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.</p>			

Nome e código do componente curricular: ESTADO E SOCIEDADE		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Conceito e evolução histórica da ideia de Estado, poder e democracia. O Estado na concepção liberal, desenvolvimentista e socialista. O neo-institucionalismo, concepção de Estado e a relação entre ação e estrutura. O Estado na contemporaneidade. Estado, cultura, identidade e diversidade. Democratização da cultura e democracia cultural. A participação da sociedade civil na elaboração de políticas públicas de cultura. Relações entre Estado, Cultura e Sociedade: experiências.			
Bibliografia Básica: ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas - reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo . Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade . São Paulo: Edusp, 1998. CARNOY, Martin. Estado e teoria política . Campinas: Papyrus, 1986.			
Bibliografia Complementar: COUTINHO, Carlos Nelson. Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas . Rio de Janeiro, DP&A, 2000. FEATHERSTONE, Mike. O desmanche da cultura. Globalização, pós-modernismo e identidade . São Paulo, Studio Nobel, 1997. ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional . São Paulo, Brasiliense, 1985. OSBORNE, David; GAEBLER, Ted. Reinventando o governo . Brasília: Editora Comunicação, 1994. PRZEWORSKI, Adam. Estado e Economia no Capitalismo . Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.			
Bibliografia Adicional: BARBALHO, Alexandre. Relações entre Estado e cultura no Brasil . Ijuí, Editora UNIJUÍ, 1998. BORDIEU, P. O poder simbólico . 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. CHAUÍ, Marilena. Cidadania cultural: O direito à cultura . São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. FOUCAULT, M. Microfísica do poder . São Paulo: Graal, 2012. HALL, Peter A.; TAYLOR, Rosemary. As três versões do neo-institucionalismo. Lua Nov, n 58, 203, PP 193-224 MAAR, W.L. O que é política (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1994. OFFE, Claus. Problemas Estruturais do Estado Capitalista . Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984. SCHUMPETER, Joseph. Capitalismo, socialismo e democracia . Rio de Janeiro: Fundo De Cultura, 1961.			

Nome e código do componente curricular: INTRODUÇÃO À GESTÃO PÚBLICA		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Os fundamentos das políticas públicas no Estado Moderno e sua gestão. Burocracia. As políticas públicas no estudo do desenvolvimento. Novos conceitos de gestão pública e desenvolvimento. O lugar da cultura na gestão pública. Políticas culturais, gestão cultural e produção cultural: aproximações e distanciamentos. Estruturação institucional da gestão pública da cultura nos âmbitos municipal, estadual, nacional e internacional.			
Bibliografia Básica: FURTADO, Celso. Cultura e desenvolvimento em época de crise . 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 128p. MARTINS, Paulo E.M.; PIERANTI, Octavio P. (org.) Estado e Gestão pública: visões de um Brasil contemporâneo . Rio de Janeiro: FGV, 2006. SANTOS, Clezio S. Introdução à Gestão Pública . São Paulo: Saraiva, 2006.			
Bibliografia Complementar: BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Reforma do Estado para a Cidadania . São Paulo: Editora 34, 1998. CUNHA, Maria Helena. Gestão cultural: profissão em formação . Belo Horizonte: DUO Editorial, 2007. ESPING-ANDERSEN, G. Fundamentos sociais de las economías pos-industriales . Barcelona, Ariel, 2000. LAKATOS, Eva Maria. Sociologia da Administração . São Paulo: Atlas, 2007. RUBIM, Linda (Org.) Organização e produção da cultura . Salvador: EDUFBA, 2005.			
Bibliografia Adicional: CUNHA FILHO, Francisco Humberto. Teoria e prática da gestão cultural . Fortaleza: UNIFOR, 2002. DURAND, José Carlos. Política e gestão cultural: Brasil, EUA, Europa . São Paulo, Núcleo de Pesquisas e Publicações da Escola de Administração de Empresas de São Paulo/FGV. Relatório de Pesquisa n.13, 2000. FURTADO, Celso. Pequena Introdução ao Desenvolvimento: um enfoque interdisciplinar . 2. Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1981. LEITÃO, Cláudia Sousa (org.). Gestão cultural: significados e dilemas na contemporaneidade . Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003. MICELI, Sérgio (org.). Estado e Cultura no Brasil . São Paulo: Difel, 1984. TORRES, M. D. de F. Estado, democracia e administração pública no Brasil . Rio de Janeiro: FGV, 2004.			

Nome e código do componente curricular: MERCADO CULTURAL, PÚBLICO E CONSUMO		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Os mercados culturais e a produção cultural. Os públicos da cultura. Consumo cultural. Estratégias de mercado para produtos e ações culturais. Instrumentos de análise de público. Formação de público. Práticas alternativas de produção e consumo cultural.			
Bibliografia Básica: BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas . 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. MACHADO NETO, Manoel Marcondes. Marketing cultural: das práticas à teoria . Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005. NUSSBAUMER, Gisela Marchiori. O mercado da cultura em tempos (pós) modernos . Santa Maria: Editora da UFSM, 2000.			
Bibliografia Complementar: CANCLINI, Néstor García. A globalização imaginada . São Paulo: Iluminuras, 2003. CANCLINI, Néstor García. Leitores, espectadores e internautas . Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008. GOMES, Rui Telmo. In: SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (org). Públicos da cultura . Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 2003. MOREIRA, Elena. Gestión cultural: herramienta para la democratización de los consumos culturales . Buenos Aires: Longseller, 2003.			
Bibliografia Adicional: BOTELHO, Isaura. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública. Revista Espaço e Debates . São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos. v.23. n.43-44. jan/dez, 2003. BOTELHO; Isaura; FIORE, Maurício. O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo. Relatório da Primeira Etapa da Pesquisa. Centro de Estudos da Metrópole – CEBRAP . Abril de 2005. CARVALHO, Márcia M. Perfil dos Visitantes do Museu Nacional de Belas Artes. Estatística Aplicada. Relatório de final de curso . Escola Nacional de Ciências Estatísticas/IBGE. Rio de Janeiro. 1994. NUSSBAUMER, Gisele; RATTES, Plínio. Equipamentos Culturais de Salvador: Públicos, Políticas e Mercados . Trabalho apresentado no V ENLEPICC. Salvador: Faculdade Social da Bahia, 11 de novembro de 2005 (cd-rom). SILVA, Maria Cristina de Souza e. Pesquisa de público em museus e instituições abertas à visitação: fundamentos e metodologia . Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. SOBREIRA, Sérgio. Públicos e Mercados Culturais para o Teatro Baiano. In: Revista da Bahia . Salvador, 32(37):74-81, primeiro semestre de 2003. TATSCH, Flavia Galli. Gestores e mediadores: profissionais da cultura, agentes de transformação . Dissertação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2001.			

Nome e código do componente curricular: TEORIAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Estado, sociedade e políticas públicas. Processos de formulação e desenvolvimento de políticas públicas. Teorias e modelos de análise de políticas públicas. Debates sobre políticas públicas no Brasil contemporâneo: direitos, governança democrática, participação social, equilíbrio federativo. Política cultural como política pública. Monitoramento e avaliação de políticas públicas de cultura. A construção de indicadores e informações culturais.			
Bibliografia Básica: BORDIEU, Pierre. O poder simbólico . 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. DELGADO, M.; PORTO, L. (Org.). O Estado de Bem-Estar Social no século XX . São Paulo: LTR, 2007. HOCHMAN, G; FARIA, C. (Orgs.) Federalismo e Políticas Públicas no Brasil . Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2013.			
Bibliografia complementar: BRASIL. Constituição da República Federal do Brasil . São Paulo: Saraiva, 2013. FOUCAULT, M. Microfísica do poder . São Paulo: Graal, 2012.			
Bibliografia Adicional: BARCELOS, Marcio. A formação da área de análise de políticas públicas: do modelo “racional compreensivo” às abordagens “sintéticas” do processo da política pública. Revista Sociais e Humanas , Santa Maria, v. 26, n. 01, jan/abr 2013, p. 145-162. BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, vol. I: Magia e técnica, arte e política . São Paulo: Brasiliense, 2012. CUNHA FILHO, F. H. Direitos Culturais como Direitos Fundamentais no Ordenamento Jurídico Brasileiro . Brasília: Brasília Jurídica, 2000. FARIA, C. A. Pimenta. Ideias, conhecimento e políticas públicas: um inventário sucinto das principais vertentes analíticas recentes. Revista Brasileira de Ciências Sociais , São Paulo, v. 18, n. 51, p. 21-30, 2003. FORNAZARI, Fábio Kobol. Instituições do Estado e políticas de regulação e incentivo ao cinema no Brasil: o caso Ancine e Ancinav, RAP , Rio de Janeiro, n. 40, p. 647-77, jul. /ago. 2006. FREY, Klaus. Políticas Públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática das políticas públicas no Brasil. IPEA. Planejamento e políticas públicas - PPP , n. 21, p. 211-259, 2000. Disponível em: < http://desafios2.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/viewFile/89/158 >. POLANYI, K. A grande transformação . As origens da nossa época. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1980. RUA, Maria das Graças; CARVALHO, Maria (Orgs.). O estudo da política: tópicos selecionados . Brasília: Paralelo 15, 1998. Disponível em: < http://vsites.unb.br/ceam/webceam/nucleos/omni/observa/downloads/pol_publicas.PDF >. Acesso em: 20 out. 2013. SIMIS, Anita. A política cultural como política pública. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). Políticas Culturais no Brasil . Salvador: Edufba, 2007, p. 133-155. SISTEMA de Informações e Indicadores Culturais 2007-2010,. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. 1179 p. (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, n. 31). Disponível em: < ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sistema_de_Informacoes_e_Indicadores_Culturais/2010/indic_culturais_2007_2010.pdf >. Acesso em: 15 nov. 2013. SOUZA, C.. Estado do campo da pesquisa em políticas públicas. Revista Brasileira de Ciências Sociais , São Paulo: v. 18, n. 51, p. 15-20, 2003. SOUZA, Celina. Dossiê: Políticas Públicas. Caderno CRH , Salvador, n. 39, p. 11-24, jul./dez. 2003. UNESCO. Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura . Brasília: Unesco Brasil, 2003.			

Nome e código do componente curricular: TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: A problemática do desenvolvimento. O processo histórico de acumulação do capital e o desenvolvimento econômico. Características do subdesenvolvimento. A experiência histórica de desenvolvimento. Diferenças entre crescimento de desenvolvimento econômico. Reconstrução do pós-guerra e desenvolvimento. A natureza do desenvolvimento capitalista e as experiências socialistas de desenvolvimento. A questão do desenvolvimento no mundo pós queda do Muro de Berlim. Os países emergentes, o surgimento dos BRICS e novas perspectivas de desenvolvimento fora dos países centrais capitalistas.			
Bibliografia Básica: DE MASI, Domenico. O Futuro Chegou . Trad. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014. HOBSBAUN, Eric. A Era dos Extremos . Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. SMITH, Adam. A riqueza das nações . São Paulo: Abril Cultural, 1983.			
Bibliografia Complementar: CANCLINI, Néstor García. A globalização imaginada . Trad. Sergio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003. COUTINHO M. C. Lições de Economia Política Clássica . São Paulo: Hucitec, 1998. MÉSZÁROS, I. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição . Campinas-SP: Bomtempo Editorial / Editora da UNICAMP, 2002. SOUZA, N. J. Desenvolvimento Econômico . São Paulo: Ed Atlas, 1993.			
Bibliografia Adicional: LUXEMBURGO, R. A acumulação de capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo . 3. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. RICARDO, D. Princípios de economia política e tributação . São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Economistas, 1982.			

Nome e código do componente curricular: ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO PÚBLICA		Centro: CECULT	Carga horária: 68h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Principais modelos de administração: patrimonialista, burocrático, nova gestão pública e papéis do Estado. Evolução e características da administração pública no Brasil; as singularidades brasileiras; novos cenários e novos desafios. As tendências internacionais de mudança da gestão pública. Instrumentos gerenciais contemporâneos no cenário de mudanças mundiais. Globalização; desenvolvimento tecnológico, desigualdades e seu impacto sobre o Estado e a sociedade. O sistema político brasileiro e suas consequências sobre o Estado e a gestão. Participação cidadã e sua influência na Gestão Pública e no controle social das ações governamentais.			
Bibliografia Básica: COSTIN, Claudia. Administração Pública . Rio de Janeiro: Campus Editora, 2010. FIEL FILHO Alécio; KANAANE, Roberto; FERREIRA, Maria das Graças (Orgs.). Gestão Pública: Planejamento, Processos, Sistemas de Informação e Pessoas . São Paulo: Atlas, 2010. MATIAS-PEREIRA, José. Manual de Gestão Pública Contemporânea . São Paulo: Atlas, 2012.			
Bibliografia Complementar: BERGUE, Sandro Trescastro. Modelos de gestão em organizações públicas: teorias e tecnologias para análise e transformação . Caxias do Sul-RS: EDUCS, 2011. CARNEIRO, Margareth Fabiola dos Santos. Gestão Pública . Rio de Janeiro: Brasport, 2010. KUNSCH, Margarida M.K.(Org.). Gestão estratégica em comunicação organizacional e relações públicas . São Caetano do Sul-SP: Difusão editora, 2009. TORQUATO, Gaudêncio. Tratado de comunicação organizacional e política . São Paulo: Cengage Learning, 2010.			
Bibliografia Adicional: ABRUCIO, F. L. O Impacto do Modelo Gerencial na Administração Pública: Um Breve Estudo sobre a Experiência Internacional Recente . Brasília: Escola Nacional de Administração Pública, Cadernos ENAP n. 10, 1996. BORGES, A. Ética burocrática, mercado e ideologia administrativa: contradições da resposta conservadora à crise de caráter do Estado . DADOS- Revista de Ciências Sociais, vol 43, n.1, p. 119-151. BRESSER-PEREIRA, L C.; SPINK , P: A reforma do Estado e a Administração Pública Gerencial . São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1998. DINIZ, E. AZEVEDO, S. Reforma do Estado e democracia no Brasil . Brasília: Editora Universidade de Brasília- ENAP, 1997. FARAH, Maria. F. S. E BARBOZA, Helio B. Novas Experiências de Gestão Pública e Cidadania . Rio de Janeiro : Ed. FGV, 2000. FOUCHER, D. Guia de Gerenciamento no Setor Público . Brasília: ENAP, 2001.			

Nome e código do componente curricular: PARTICIPAÇÃO E SOCIEDADE CIVIL		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: Democracia e instrumentos de participação social. A emergência de novos espaços de poder na sociedade civil organizada. A Constituição Federal de 1988 como balizador das políticas culturais. Direitos culturais, governança democrática, participação e controle social da cultura. Conselhos de cultura no Brasil: histórico, tipologia, desafios e possibilidades. Marcos regulatórios da participação social na cultura. O Sistema Nacional de Cultura. A Lei Orgânica da Cultura da Bahia. Redes de cultura como novos espaços de participação e controle.</p>			
<p>Bibliografia Básica: BOBBIO, Norberto. A Era dos Direitos. Rio de Janeiro: Campus, 1992. NOBRE, Marcos. e COELHO, V. (Orgs.). Participação e deliberação: teoria democrática e experiências institucionais no Brasil contemporâneo. São Paulo: Editora 34, 2004. RUBIM, Albino; TAIANE, Fernandes e RUBIM, Iuri (Orgs.) Políticas culturais, democracia e conselhos de cultura. Salvador: EDUFBA, 2010.</p>			
<p>Bibliografia complementar: BORDIEU, Pierre. O poder simbólico. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. BRASIL. Constituição da República Federal do Brasil. São Paulo: Saraiva, 2013. FOUCAULT, M. Microfísica do poder. São Paulo: Graal, 2012. ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira. Cultura brasileira e indústria cultural. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. ORTIZ, Renato. Cultura e modernidade. São Paulo: Brasiliense, 1987.</p>			
<p>Bibliografia Adicional: BARCELLOS, Ana Paula de. Neoconstitucionalismo, Direitos Fundamentais e Controle das Políticas Públicas. In: NOVELINO, Marcelo. (Org.). Leituras Complementares de Direito Constitucional. Direitos Humanos e Direitos Fundamentais. 3ª ed. Salvador: Editora JusPodium, 2008. CALABRE, Lia. O conselho Federal de Cultura, 1971-1974. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 37, janeiro-junho de 2006, p.81-98. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2254>. Acesso em: 13 jul. de 2013. CALABRE, Lia. (Org.). Políticas Culturais: reflexões sobre gestão, processos participativos e desenvolvimento. 1 ed. São Paulo: Itaú Cultural, 2010, p. 80-93. CALABRE, Lia. A ação federal na cultura: o caso dos conselhos. In: CALABRE, Lia. Políticas Culturais no Brasil: história e contemporaneidade. Fortaleza: BNB, 2010. CALABRE, Lia. CALABRE, Lia. (Org.). Políticas Culturais: reflexões sobre gestão, processos participativos e desenvolvimento. 1ed. São Paulo: Itaú Cultural, 2010. CHAUÍ, Marilena. Cidadania Cultural. O Direito à Cultura. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006. DAGNINO, Evelina. Sociedade civil e espaços públicos. São Paulo: Paz e Terra, 2002. GOHN, Maria da Glória. O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, Ongs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005. GONÇALVES, Alcindo. O conceito de governança. In: Congresso Nacional do Conselho nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito, XIV Anais, Fortaleza, 2005. Disponível em: <http://conpedi.org.br/anais_fortaleza2005.html>. Acesso em: 12 jul. de 2013 INFORMATIVO CEPAM. Conselhos municipais das áreas sociais. 2ed. São Paulo: Fundação Prefeito Faria Lima – Cepam. Unidade de Políticas Públicas, vol. 1, n. 3, 2001. Disponível em: <http://www.cepam.sp.gov.br/arquivos/conhecimento/Informativo_Cepam-conselhos_Municipais_das_Areas_Sociais.pdf>. Acesso em: 13 jul. de 2013. Ministério da Cultura. Estruturação, Institucionalização e Implementação do Sistema Nacional de Cultura. Brasília: MinC, 2011. Ministério da EDUCAÇÃO E Cultura. Legislação do Conselho Federal de Cultura. Brasília: MEC, 1968.</p>			

PÓLIS/INESC. **Relatório final da pesquisa:** Governança Democrática no Brasil contemporâneo: Estado e Sociedade na Construção de Políticas Públicas. Arquitetura da Participação no Brasil: avanços e desafios. Disponível em <<http://www.inesc.org.br/biblioteca/noticias/biblioteca/textos/relatorio-arquitetura-da-participacao-social-no-brasil>>. Acesso em: 11 jul. de 2013

PONTE, Elisabeth. **Por uma cultura pública: organizações sociais, OSCIPs e a gestão pública não estatal na área da cultura.** São Paulo : Itaú Cultural : Iluminuras, 2012. 208 p.

SOUTO, Anna; PAZ, Rosangela (Orgs.) **Novas lentes sobre a participação:** utopias, agendas e desafios. São Paulo: Instituto Polis, 2012.

TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves, SOUZA Clóvis Henrique Leite de, LIMA, Paula Pompeu Fiuza de. **Conselhos e Conferências Nacionais: o que são, quantos existem e para que servem.** Disponível em <<http://www.reformapolitica.org.br/artigos-e-colunas/44-artigos/672-conselhos-e-conferencias-nacionais-o-que-sao-quantos-existem-e-para-que-servem.html>>. Acesso em: 13 jul. de 2013.

Nome e código do componente curricular: CULTURA E DESENVOLVIMENTO	Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória
Pré-requisito: Sem Pré-requisito	Módulo de alunos: 50	
Ementa: A ampliação do conceito de desenvolvimento. A cultura como vetor para o desenvolvimento no mundo contemporâneo. A relação entre cultura e desenvolvimento na agenda das organizações nacionais e internacionais. Diversidade Cultural e novas práticas.		
Bibliografia Básica: HERMET, Guy. Cultura e desenvolvimento . Rio de Janeiro: Vozes, 2002. LOPES, Carlos. Cooperação e desenvolvimento humano : agenda emergente para o novo milênio. São Paulo: Unesp, 2005. SEN, Amartya. Desenvolvimento como liberdade . São Paulo: Cia das Letras, 2010.		
Bibliografia Adicional: ALMEIDA, Paulo Henrique de. A cultura e a economia . Setorial de Cultura PT Bahia, 14 ago. 2008. Disponível em: < http://culturaptbahia.blogspot.com/ >. Acesso em: 18 ago. 2008. ALMEIDA, Paulo Henrique de. Cultura e desenvolvimento local . Salvador, Secretaria de Cultura da Bahia, 07 maio. 2007. CUÉLLAR, Javier Pérez. Nossa diversidade criadora . Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. Campinas-SP: Papirus, Brasília: UNESCO, 1997. FURTADO, Celso. Cultura e Desenvolvimento em época de crise . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Cultura, recurso para o desenvolvimento . Disponível em: < http://www.democratizacaocultural.com.br/Conhecimento/Artigos/Paginas/081023_heloisa_hollanda.aspx > Acesso em: 24.10.08. LOIOLA, Elizabeth, MIGUEZ, Paulo. Sobre cultura e desenvolvimento. In: ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 3., 2007, Salvador. Anais... Salvador: CULT - Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Facom –UFBA), 2007. CD-Rom. REIS, Ana Carla Fonseca. Economia da cultura e desenvolvimento sustentável . São Paulo: Manole, 2007. SACHS, Ignacy. Desenvolvimento e cultura. Desenvolvimento da cultura. Cultura do desenvolvimento. Organizações & Sociedade , Salvador, v.12, n.33, p.151-165, abr./jun. 2005. YÚDICE, George. A conveniência da cultura – usos da cultura na era global. Belo Horizonte: UFMG, 2004.		

Nome e código do componente curricular: RELAÇÕES INTERNACIONAIS E COOPERAÇÃO CULTURAL		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
<p>Ementa: A arena política internacional: atores, espaços e instituições. A conformação do espaço latino-americano: histórico e processos políticos. Política cultural como política pública entre o global e o local. Cooperação cultural. Políticas culturais nacionais e regionais na América Latina.</p>			
<p>Bibliografia básica: MARTINS, Estevão Rezende. Cultura e Poder. São Paulo: Saraiva, 2007. RUBIM, Albino; BAYARDO, Rubens. Políticas culturais na Ibero-América. Salvador: Edufba, 2008. SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.</p>			
<p>Bibliografia complementar: CANCLINI, Néstor García. A globalização imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003.</p>			
<p>Bibliografia Adicional: APPADURAI, Arjun. Dimensões culturais da Globalização - a modernidade sem peias. Tradução Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 2004. BAYARDO, Rubens. Regionalización e integración cultural en el Mercosur. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/articulos/global02.htm>. Acesso em: 20 out. 2010. CANAL, Carlos Yánez. La identidad del gestor cultural en América Latina. Un camino en construcción. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2013. CANCLINI, Néstor García. Culturas da Ibero-América: diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento. São Paulo: Moderna, 2003. CARTA CULTURAL IBEROAMERICANA. IX Conferencia Iberoamericana de Cultura, Montevideo, 13 e 14 de jul. de 2006. DAGNINO, Evelina; OLIVEIRA, Alberto; PANFICHI, Aldo. A disputa pela construção democrática na América Latina. São Paulo, Paz e Terra, 2006. HARVEY, Edwin. Legislación Cultural de los países americanos: bases para um relevamiento continental. Buenos Aires: Depalma, 1980. HARVEY, Edwin. Relaciones Culturales internacionales em Iberoamérica y el mundo. Buenos Aires: Tecnos, 1991. JIMÉNEZ, Raul de Móra. Cooperación e integración audiovisual en Iberoamérica. 2009. 623 f. Tese (Doutorado Comunicação Audiovisual e Publicidade) - Facultad de Ciencias de la información, Universidad Complutense de Madrid, 2009. MATO, Daniel. Cultura, política y sociedad. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. MATO, Daniel. Las políticas públicas de cultura frente a los desafíos políticos y enseñanzas comunicacionales de las redes transnacionales de producción de sentido común (neo) liberal. Revista Rio de Janeiro, nº 15, pp. 9-29, jan-abr 2005. MATO, Daniel. Políticas Culturales en América Latina. México: Editora Grijalbo, 1987. MILANI, Carlos. Discursos y Mitos de La Participación Social em La Cooperación Internacional para el Desarrollo: una mirada a partir de Brasil. Revista Española de Desarrollo y Cooperación, Nº 22. Instituto Universitario de Desarrollo y Cooperación, Universidad Complutense de Madrid. Madrid: 2008. MONETA, J. Carlos (Ed.). El jardín de los senderos que se encuentran: Políticas públicas y diversidad cultural en el MERCOSUR. Montevideo: Oficina de Representación de la UNESCO, 2006 MONETA, J. Carlos. Identidad y políticas culturales en procesos de globalización e integración regional. In: LÓPEZ SEGRERA, Francisco; FILMUS, Daniel (coord.). América Latina 2020: escenarios, alternativas, estrategias. Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 2000. NOGUEIRA, João Pontes; MISSARI, Nizar. Teorias das relações internacionais: correntes e debates. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. ORTIZ, Renato. Mundialização e Cultura. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. PECEQUILO, Cristina Soreanu. Manual do Candidato: Política Internacional. Brasília: FUNAG, 2012. RUBIM, Albino; VIEIRA, Mariella; RUBIM, Iuri. Políticas e Redes de Intercâmbio e Cooperação em Cultura no Âmbito</p>			



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Coordenadoria de Ensino e Integração Acadêmica

Iberoamericano . In: **Convênio Andrés Bello. Siete Cátedras para la Integración.** Bogotá, CAB, 2005, p. 129-170.
RUBIM, Linda.; Nadja Miranda (Orgs.). **Transversalidades da cultura.** Salvador: Eufba, 2008.

Nome e código do componente curricular: ORÇAMENTO E FINANCIAMENTO DA CULTURA		Centro: CECULT	Carga horária: 51h
Modalidade: Disciplina	Função: Básica	Natureza: Obrigatória	
Pré-requisito: Sem Pré-requisito		Módulo de alunos: 50	
Ementa: Finanças e orçamento público. Fontes de financiamento da cultura: Estado, iniciativa privada, mercado. O orçamento público para cultura. As leis de incentivo à cultura. Programas federais, estaduais e municipais de fomento à cultura. Mecenato, marketing cultural e investimento cultural privado. Modelos internacionais de financiamento à cultura: estudos comparativos.			
Bibliografia Básica: CESNIK, Fábio de Sá. Guia do Incentivo à cultura . 2ª. ed (revisada e ampliada). São Paulo: Manole, 2007. DÓRIA, Carlos Alberto. Os federais da cultura . São Paulo: Biruta, 2003. MACHADO NETO, Manoel Marcondes. Marketing cultural - das práticas à teoria . Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005.			
Bibliografia Adicional: ALMEIDA, José Mendes de. A arte é capital : visão aplicada do marketing cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1994 BOTELHO, Isaura, MOISÉS, José Álvaro (Org.). Modelos de financiamento da cultura : os casos do Brasil, França, Inglaterra, Estados Unidos e Portugal. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997. BRANT, Leonardo. Mercado cultural : panorama crítico e guia prático para gestão e captação de recursos. São Paulo: Escrituras/Instituto Pensarte, 2004. FRANCESCHI, Antonio de et alli. Marketing cultural : um investimento com qualidade. São Paulo: Informações Culturais, 1998. MUYLEAERT, Roberto. Marketing cultural e comunicação dirigida . 5. ed. São Paulo: Globo, 2000 OLIVIERI, Cristiane. Cultura Neoliberal : leis de incentivo como política pública de cultura. São Paulo: Escrituras/Instituto Pensarte, 2004. REIS, Ana Carla F. Marketing cultural e financiamento da cultura : teoria e prática em um estudo internacional comparado. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. REIS, Ana Carla Fonseca. O financiamento da cultura : teoria e prática em um estudo internacional comparado. São Paulo: Thomson, 2006. RUBIM, Antonio Albino Canelas. Marketing Cultural. In: RUBIM, Linda. (Org.). Organização e produção da cultura . Salvador: Edufba, 2005, p. 53-77.			

RECURSOS HUMANOS**Formulário
Nº16****1. Servidores Docentes****Perfil Docente Atual**

DOCENTE	TITULAÇÃO
Armando Alexandre Costa de Castro	Doutor
Cláudio Orlando Costa do Nascimento	Doutor
Daniele Pereira Canedo	Doutora
Danillo Silva Barata	Doutor
Francisca Helena Marques	Doutora
Iara Regina Demetrio Sydenstricker	Doutora
Jorge Luiz Ribeiro Vasconcelos	Doutor
José Marcelo Dantas dos Reis	Doutor
Juvino Alves dos Santos Filho	Doutor
Lia da Rocha Lordelo	Doutora
Macello Santos de Medeiros	Doutor
Maria Laura Souza Alves Bezerra Lindner	Doutora
Mariella Pitombo Vieira	Doutora
Nadja Vladi Cardoso Gumes	Doutora
Marivaldo Cruz do Amaral	Mestre
Paula Félix dos Reis	Doutora
Raquel Rennó Nunes	Doutora
Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa	Doutora
Rita de Cácia Santos Chagas	Mestre (em Doutorado)
Rita de Cássia Dias Pereira Alves	Doutora
Roney Gusmão do Carmo	Doutor
Tatiana Rodrigues Lima	Doutora
Thaís Fernanda Salves de Brito	Doutora

Projeção Futura

Composição de um quadro com 100 docentes distribuídos entre as áreas de conhecimento de abrangência do Centro. Em seis anos o CECULT terá cerca de 1.800 matrículas, considerando-se a retenção e evasão observadas no ensino superior. Somam-se a isso as matrículas da pós-graduação.

Obs.: Uma possibilidade veiculada pela Administração Central da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia aponta para o compartilhamento do quantitativo de docentes para um Instituto de Pesquisa, já autorizado pelo CONSUNI, voltado para a questão da (des)contaminação ambiental no município.

2. Servidores Técnico-Administrativos

Estima-se em 50 o número de servidores técnico-administrativos que atuarão nos núcleos de apoio acadêmico, administrativos, de pós-graduação, de pesquisa, de extensão e técnicos de laboratórios.

3. Cargos Comissionados

Entre os cargos em comissão estima-se a necessidade de dois cargos de direção (um CD3 e um CD4) destinados ao diretor e assessor da diretoria e 12 FG1 sendo 7 para os coordenadores de cursos e 5 para os coordenadores de núcleos.

CATEGORIA	Nº
Docentes Efetivos CECULT (BICULT)	100/80
Docentes para BIS (1º ciclo)	100/80
Primeiro Ano	----
Docentes para cursos Terminalidades (2º Ciclo)	----
Música Popular – Produção Musical - Design Digital – Tecnologias do Espetáculo – Política e Gestão Cultural	
Primeiro Ano	----
Segundo Ano	----
Terceiro/Quarto Ano	----
Total de docentes	100/80
Técnico administrativo	10
Assistente de administração	10
Técnicos de laboratório	30
Total de técnico administrativo	50

Infra-estrutura físico-material

Para a implantação desse centro faz-se necessário a construção de algumas unidades acadêmico-administrativas, tendo em vista o acesso semestral de alunos para a graduação, a saber:

I - Pavilhão de Aulas concebido sob o paradigma da acessibilidade que contenha:

1. 24 salas de aulas de tamanho variável entre 30 e 150 alunos;
2. 2 Laboratórios de Informática contendo 25 unidades de trabalho;
3. 1 Laboratório de Conservação com capacidade para 25 alunos;
4. 1 Laboratório de Restauro com capacidade para 25 alunos
5. 2 Laboratórios de Desenho Técnico contendo 25 unidades trabalho;
6. 2 salas para administração do prédio contendo cerca de 30 m²;

II - Unidade Administrativa do centro contendo:

7. 100 Gabinetes individuais contendo 10 m² para professores;
8. 10 Salas de 10 m² para coordenações de curso;
9. 4 Salas de 20 m² para núcleos de apoio;
10. 5 Salas de 10 m² para Gestores (técnico, políticas afirmativas, de ensino, de pesquisa e de extensão);
11. Área para atendimento externo com 15 m²;
12. 2 Salas de reunião contendo 25 m²;
13. 2 Salas de 15 m² para o diretoria e assessor da direção;
14. 4 Salas de 20 m² para coordenação e funcionamento das atividades de pesquisa e extensão.

III - Biblioteca Temática contendo:

15. Área construída de 2000 m²;
16. Sala para Acervo Bibliográfico;
17. Sala para periódicos;
18. Sala para Multimeios;
19. Sala para Referência;
20. Sala para recuperação de exemplares;
21. Laboratório para Acesso à internet;
22. Sala da Administração;
23. Sala de Apoio - Tecnologia da Informação;
24. Sala com pequenos gabinetes de estudos com capacidade para 100 alunos.

IV - Dois auditórios centrais com capacidade para 500 e 1000 espectadores, respectivamente;

V - Unidades Acadêmicas contendo:

VI - Espaço de convivência contendo:

25. 8 Quiosques para estimular o trabalho/estudo em equipe;
26. 1 Quadra poliesportiva;
27. Área arborizada contendo gramíneas visando ventilação e urbanização do centro com cobertura wi-fi;

VII - Residência Universitária contendo 80 vagas;

VIII - Restaurante Universitário com capacidade para 1000 refeições/turno.

IX - Galpão contendo:

28. Área para estacionamento do centro;
29. Almoxarifado.

Concepção dos Laboratórios

Os laboratórios deverão ser adequados ao tamanho das turmas alocadas e ter plena condição de iluminação, ventilação e limpeza. O CECULT ocupará 08 laboratórios específicos, 01 com ilhas de Edição (20 estações), 01 com ilhas de Áudio e Vídeo (5 estações), 01 Estúdio – Cinema, 01 Estúdio de TV, e 03 ATC/Macintosh, além de 01 Laboratório de Impressão e Pesquisa. Os laboratórios disporão de equipamentos adequados às disciplinas do curso e suficientes para o número de alunos. Estas instalações e laboratórios serão imprescindíveis para o funcionamento regular dos cursos e nestes 4 anos deverão atender as demandas e garantirão a execução dos nossos produtos laboratoriais.

A UFRB possuirá equipamentos em quantidade adequada ao número de usuários, máquinas adequadas às atividades propostas, softwares adequados às atividades propostas, sistemática de manutenção, atualização e reposição de materiais, materiais de consumo em quantidade suficiente para atender aos usuários e adequado às atividades propostas.

A instituição deverá possuir uma gama de computadores distribuídos em laboratórios de informática conectados à internet, salas de pesquisas e sala dos professores, ilhas de edição de áudio e vídeo, laboratório de computação, laboratório de redes, laboratório de hipermídia, laboratório de automação e laboratório de hipermídia.

Além disso, deverá dispor de recursos audiovisuais, incluindo kits multimídia disponíveis para os professores e alunos mediante agendamento no Núcleo Técnico.

01 estúdio de cinema

01 estúdio de TV

03 laboratórios de macs com 26 computadores de 27 polegadas

01 estúdio de áudio com 05 estações

01 Depósito

01 sala do patrimônio – empréstimo de equipamento

01 sala para recepção de áudio 5.1

01 cinemateca

01 Sala de projeção 50 lugares

Fotografia

O CECULT contará um laboratório fotográfico, instalado numa área aproximada 65 m², utilizado nas práticas, nas disciplinas do curso e também como reforço de conteúdo complementar. O Laboratório de Fotografia apresentará boas condições de iluminação e acústica, criando condições perfeitas para o bom andamento didático-pedagógico. Deve possuir sistema de iluminação artificial específico para revelação e ampliação de filmes. O Laboratório deverá ser climatizado, serve-se de mobiliário adequado e aparelhagem específica, contando ainda com eficiente serviço de limpeza (uma vez em cada turno).

O Estúdio de fotografia deverá ter uma área aproximada de 70 m². Neste espaço há uma perfeita adequação entre o número de usuários e os equipamentos; contará com luminosidade artificial, cumprirá perfeitamente as necessidades do espaço. O mobiliário e a aparelhagem também serão em número suficiente, adequados e ergonômicos. A ventilação e a climatização devem ser adaptadas às necessidades dos locais. É importante também ressaltar que a limpeza e a higienização destas áreas serão efetuadas uma vez a cada turno. Quanto ao isolamento acústico, os laboratórios apresentarão as melhores condições de funcionamento, apresentando também instalações seguras de forma a não colocar em risco os seus usuários. Haverá uma porta giratória que veda a entrada de luz externa no laboratório, que possibilitará a realização das atividades previstas.

O mobiliário será adequado a seu fim, uma bancada central de madeira revestida em fórmica com tampo em granito e bancadas para ampliação. Aparelhagem específica utilizada pelos docentes e discentes.

Os equipamentos deste laboratório serão destinados para uso em disciplinas profissionalizantes. Haverá um parque de iluminação e equipamentos que sustentará toda a produção audiovisual produzida nos estúdios.

Estúdio

O estúdio ocupará uma área de 90 m². Este espaço será adequado para o seu número de usuários. O parque de luz será próprio para as atividades ali desenvolvidas. A sua estrutura física deve ser organizada para receber os cenários, equipamentos e materiais inerentes às atividades desempenhadas. Conterá com climatização adequada. É importante também ressaltar que a limpeza e a higienização destas áreas serão efetuadas uma vez a cada turno. Quanto ao isolamento acústico, os estúdios devem apresentar as melhores condições de funcionamento, apresentando também instalações seguras de forma a não colocar em risco os seus usuários. No estúdio, a porta de entrada tem vedação específica evitando a penetração de luz e som externos no laboratório, possibilitando a realização das atividades previstas. O projeto do Estúdio contempla ainda uma porta própria à entrada de grandes volumes (para cenografia). O estúdio estará estrategicamente situado no andar térreo para facilitar o transporte de objetos e o trânsito de pessoas.

Laboratório de Edição

Este laboratório ocupará uma área de 160 m², comportando 20 cabines de edição. Haverá uma perfeita adequação entre o número de usuários e os equipamentos; a luminosidade artificial cumprirá adequadamente as necessidades do espaço. O mobiliário e a aparelhagem também serão em número suficiente, adequados e ergonômicos. A ventilação e a climatização serão adequadas às necessidades no local. É importante também ressaltar que a limpeza e a higienização destas áreas serão efetuadas uma vez a cada turno. Quanto ao isolamento acústico, o laboratório apresentará as melhores condições de

funcionamento, apresentando também instalações seguras de forma a não colocar em risco os seus usuários.

ESTÚDIO DE SOM
Produção Musical
Santo Amaro – BA
UFRB

1. Laboratório de som (gravação, edição e audição)

Espaço destinado para um estúdio para gravação de som, musica e mixagem. Se for necessário que o espaço também atenda a demanda de ensaios musicais, será necessária a inclusão de mais itens, como caixas multiuso do tipo JBL EON 515xt, sistema de retorno como power click, guitarras, violões, baixos, amplificadores de guitarra, teclado e baixo.

Na lista a seguir, não incluo cabos, por conta da quantidade e especificidade, esta deverá ser um lista a parte.

- 1 Mac Pro com no mínimo 16 Gb de memória conexão thunderbolt e 1 Tb de HD. Saída para dois monitores
- 1 software Logic 9 completo
- 1 software Pro tools – Versão mais nova
- 1 Software pacote plug-ins Waves
- 1 software instrumentos virtuais Kontakt – Versão completa e mais recente
- 2 monitores Apple Led Cinema
- 2 interfaces Apollo Quad Core com Thunderbolt
- 1 par de monitores Genelec 8050A
- 2 OctoPre Dynamic MKII
- 2 Pré-amp Avalon Vt737sp
- 1 Preamp Universal Audio 4 – 710d
- 1 Pré amp SSL 4 canais
- 2 Kits Akg Drum Set King
- 1 Par Casado AKG C414 XLII
- 1 TLM 103
- 2 Neumann U87
- 4 Sennheiser MD421
- 4 Shure SM 57
- 5 Shures Beta 58
- 2 Shure Sm81
- 2 AKG 430
- 8 Fones de ouvido AKG K141
- 1 Power Play HA 8000
- 16 pedestais RMV
- 1 controlador Axiom 61
- 1 Teclado Nord Stage 88 teclas
- 1 estante dupla para teclado - Ultimate
- 10 estantes de partitura
- 1 Rack para periféricos 12 Unidades
- 2 Power Suply Furman 110V

<p>2 No break SMS 2 Patch Bay Behringer 1 Mesa Yamaha 01v i (nova geração) 1 placa de expansão Yamaha MY 16 – AT 1 bateria V drums TD 20K - Kit completo - Roland</p>

**ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DO PROJETO
PEDAGÓGICO E DA APRENDIZAGEM****Formulário
Nº 18****SISTEMA DE AVALIAÇÃO**

A concepção de avaliação assumida pelo BICULT considera uma avaliação sistêmica e de conjunto que engloba:

- AVALIAÇÃO DO PROJETO BICULT

A avaliação sistêmica do projeto BICULT enfocará aspectos relativos à sua concepção e implantação, no que se refere às políticas públicas e institucionais de ensino, pesquisa e extensão, em suas relações com as práticas de inclusão e equidade na educação superior.

Baseia-se nos seguintes referenciais:

- a) Legais e normativos relativos às políticas educacionais, das políticas e projetos institucionais.
- b) Aspectos conceituais, teóricos e epistemológicos.
- c) Aspectos da gestão administrativa e acadêmica de pessoas, de infra-estrutura, e de logística.
- d) Metodologia de acompanhamento, monitoramento e avaliação dos processos, dos objetivos e metas.
- e) Responsabilização da Universidade da função sócio-educativa e da relação com o projeto pedagógico do curso.

A avaliação será processual, e contará com ações específicas (projetos de pesquisa institucional), publicações e elaboração de relatórios anuais, sob a responsabilidade de órgãos da gestão e pesquisadores.

- AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação da aprendizagem se articula de forma interdependente e complementar com as práticas de avaliação do ensino. Esta interrelação expressa uma visão complexa das interfaces entre ensino-aprendizagem.

Para realizar a referida avaliação da aprendizagem serão considerados referenciais curriculares, didáticos, metodológicos, epistemológicos e formativos, postos nas políticas e nas práticas de ensino e formação para os discentes.

O sistema de avaliação se efetiva mediante as orientações da política institucional (PROGRAD, CONAC, CPA-UFRB), e os princípios e os referenciais do Projeto CECULT.

Nesse sistema de avaliação serão considerados:

- a aprendizagem dos estudantes no que se refere aos conteúdos, procedimentos e atitudes formativas.
- avaliação do ensino-aprendizagem como política e prática do currículo.
- avaliação do ensino-aprendizagem com base em enfoque interdisciplinar.
- avaliação da mediação docente, considerados os aspectos metodológicos e epistemológicos com base

interdisciplinar.

- avaliação das práticas de ensino e de aprendizagem que integrem e promovam ações de autoformação, heteroformação, eco-formação e emancipação.

A avaliação da aprendizagem considerará aspectos qualitativos e quantitativos, em cumprimento às normas institucionais, resguardada a flexibilidade de métodos e procedimentos para as dinâmicas específicas dos componentes curriculares, dos tempos curriculares, das etapas de formação e das condições objetivas de ensino e aprendizagem, em suas especificidades.

A avaliação deve subsidiar todo o processo de formação, e implementação do BICULT, fundamentando novas decisões, direcionando os destinos do planejamento e reorientando-o, caso necessário. Dentro da visão de que aprender é construir o conhecimento, a avaliação assume dimensões mais abrangentes, servindo como mecanismo constante de retroalimentação, visando à melhoria do processo de construção ativa do conhecimento por parte de gestores, educadores, educandos e servidores técnico-administrativos.

A avaliação da aprendizagem será realizada processualmente, considerando aspectos qualitativos e também quantitativos, relativos ao desempenho acadêmico do discente. Serão atribuídas notas de acordo com Regulamento de Ensino de Graduação – UFRB. As avaliações terão caráter formativo, poderão incluir pareceres de acompanhamento, em comum acordo com o educando, e indicativos ao educador das UPP subsequentes. O sistema de avaliação de aprendizagem será definido a partir das deliberações pedagógicas atinentes ao Curso (instrumentos, objetivos, resultados).

A aprovação está vinculada ao desempenho satisfatório em todas as atividades curriculares, o que significa o alcance de média sete (7,0), em uma escala de zero a 10, e ao cumprimento de 75% de presença em cada atividade curricular por UPP. A aprovação no curso dará por aprovação em todas as UPP, respeitado o prazo máximo de integralização.

É importante ter como referência que a avaliação dos educandos deve estar pautada tanto no processo de aprendizagem (avaliação formativa), como no seu produto (avaliação somatória). Na avaliação do processo, tem-se como meta identificar as potencialidades dos educandos, as falhas da aprendizagem, bem como buscar novas estratégias para superar as dificuldades identificadas. Para acompanhar a aprendizagem no processo, o educador pode lançar mão de atividades e ações que envolvam os educandos ativamente, a exemplo de seminários, relatos de experiências, entrevistas, coordenação de debates, produção de textos, práticas de laboratório, elaboração de projetos, relatórios, memoriais, portfólios, dentre outros.

Já na avaliação dos produtos, devem-se reunir as provas de verificação da aprendizagem ou comprovações do desenvolvimento das competências. O objetivo dessas provas é fornecer elementos para que o educador elabore os argumentos consistentes acerca do desempenho e da evolução dos educandos. Esses instrumentos de avaliação podem ser questionários, exames escritos com ou sem consulta a materiais bibliográficos, argüições orais, experimentações monitoradas em laboratórios, relatórios e descrições de processos produtivos, visitas, elaboração de pôsteres ou outros materiais para apresentação, fichas de aula, instrumento de auto-avaliação, relatórios de estágio e monografias, além de avaliações integrativas que envolvam os saberes trabalhados por Eixo. Ao pontuar o produto, o docente deve explicitar com clareza os critérios adotados quanto aos objetivos esperados.

PERFIL DO EDUCANDO

A aprendizagem implica redes de saberes e experiências que são apropriadas e ampliadas pelos educandos em suas relações com os diferentes tipos de informações. Nesse sentido, o educando deve ser mobilizado para sair do papel de receptor passivo, mediante o desenvolvimento de pesquisa e mudança de atitude em relação ao consumo da informação, para que, assim, possa se tornar um sujeito da aprendizagem. Para que isso ocorra é fundamental a disseminação de uma cultura investigativa, a possibilidade de estabelecer trocas e o diálogo entre várias áreas do conhecimento e os vários recursos de informação.

Como sujeito ativo do processo de aprendizagem, o educando deve ser acompanhado e motivado a desenvolver a autonomia nas suas escolhas e direcionamentos durante o curso, visto que essa é uma condição básica para a consolidação da sua competência para aprender a aprender. A conquista de tal competência é absolutamente necessária a sujeitos que atuarão em uma realidade complexa em permanente transformação, como é o campo da saúde, e que terão de enfrentar as novas situações e problemas que estarão sempre emergindo nas experiências de trabalho. Assim, será possível para o educando se posicionar mediante a escolha de componentes curriculares, dentre uma proporção significativa de conteúdos de natureza optativa durante o curso, possibilitando-lhe definir, em parte, o seu percurso de aprendizagem, bem como reduzir ao indispensável a exigência de pré-requisitos.

Na relação com colegas, assim como docentes e servidores técnico-administrativos, é fundamental que o discente esteja aberto à interação, ao compartilhar, ao respeito, à diferença, ao desenvolvimento da habilidade de lidar com o outro em sua totalidade, incluindo suas emoções. Entende-se que a vivência de ser universitário deve ser experienciada em sua plenitude, envolvendo a participação em entidades de categoria, instâncias decisórias, grupos de pesquisa, projetos de extensão, eventos sócio-culturais e artísticos, entre outros fóruns de discussão e diferentes atividades.

ATRIBUTOS DO EDUCADOR

Será essencial que a Universidade dedique especial atenção ao processo de seleção, capacitação e avaliação dos docentes. O perfil almejado é de um profissional com boa formação político-pedagógica e visão epidemiológica, consciente de seu papel sócio-cultural. Deve demonstrar experiência e interesse na atuação como docente na graduação, proficiente nas competências humanas e interpessoais, que irão se refletir em suas interações com discentes, colegas docentes, profissionais de outras áreas, bem como no intenso trabalho em equipe que um curso recém-implantado requer. Seu papel será muito mais de facilitador, mentor e referência ética de que transmissor de conteúdos.

Além das competências, habilidades e experiências específicas ao papel docente, é de fundamental importância que sejam educadores que se percebem como aprendizes e estão em permanente processo de aprimoramento pessoal e aprendizado científico, inclusive testando e aperfeiçoando seus métodos de ensino. Sejam pessoas abertas à inovação e à atualização pedagógica.

Nessa perspectiva, o docente deve desenvolver ações de ensino que impliquem os alunos como sujeitos ativos e interativos no processo formativo, orientando-os acerca de diferentes caminhos de busca, comparação, escolha e análise das informações. Essa postura mediadora visa construir uma nova

relação com o conteúdo abordado, reconhecendo que o contexto da informação, a proximidade com o cotidiano, a aplicação prática, a valorização do saber do aluno e as conexões entre as diversas disciplinas ampliam as potencialidades da formação superior, em uma perspectiva de construção do conhecimento.

Todo esse processo deve ser baseado no diálogo e no respeito entre educador e educandos, estruturando relações justas, sérias, generosas, em que a autoridade dos educadores e a liberdade dos educandos se assumem eticamente. Nessa perspectiva, o ensino dos conteúdos não deve se dar alheio à formação ético-política, o que implica testemunho ético e posicionamento político do docente, enquanto sujeito de opções.

Diante dessa proposta, faz-se necessário pontuar que, para o adequado desenvolvimento dessas novas atribuições, o educador deve ser inserido em processos formativos, norteados pela valorização da prática cotidiana, privilegiando saberes já construídos e desenvolvendo possibilidades de refletir sobre a própria prática. Assim, será possível identificar avanços, zonas de dificuldades e nós críticos na relação ensino-aprendizagem, bem como formular caminhos de transformação da docência universitária. Tomar a própria prática como ponto de partida para empreender transformações no cotidiano do ensinar e aprender na Universidade se coloca como eixo estruturante para o processo formativo e de desenvolvimento docente.

O educador deve buscar desenvolver uma prática educativo-crítica, visto que ensinar é criar possibilidades para a produção/construção do conhecimento e não, apenas, transferir conhecimento. Para alcançar tal intento, é importante aguçar a curiosidade do educando, reforçando sua capacidade crítica e estimulando-o a arriscar-se e aventurar-se. Dessa forma, estar-se-á contribuindo para o desenvolvimento de estilos e estratégias de estudo, pesquisa e socialização do que foi apreendido. Acrescenta-se, também, o esforço em propiciar situações de aprendizagem que sejam mobilizadoras da produção coletiva do conhecimento. Isso implica na escolha de estratégias metodológicas que priorizem a participação, interação e construção compartilhada de conhecimentos.

Quanto à carga horária dos educadores, é importante destacar que duas horas semanais serão dedicadas à avaliação e planejamento coletivo dos processos, com vistas a garantir a articulação curricular e dos Programas de Aprendizagem. Quando necessário esta carga horária poderá ser utilizada para realizar atendimento individual ou em grupo aos educandos.

AValiação DO CURSO

Perfil socioeconômico dos ingressantes

Para cada turma ingressante no BICULT será aplicado um questionário socioeconômico, mediante o qual se reunirá as informações sobre os educandos, possibilitando identificar: a sua origem social, a renda média de sua família, a escolaridade de seus pais, a sua cor/raça, os seus hábitos de leitura e de estudo, as suas necessidades de trabalhar ou não para sustentar a sua permanência no curso, os seus interesses culturais, as motivações que os trouxeram a universidade e ao BICULT, suas expectativas em relação ao curso, sua concepção de universidade, os seus espaços preferidos de convívio, as suas imagens de futuro. Com isso teremos um importante perfil dos ingressantes, que será uma importante ferramenta para planejamento das atividades acadêmicas.

Avaliação de processos

Avaliação dos cursos e dos educadores, assim como identificação das contribuições dos educandos no que concerne ao curso e aos seus educadores, suas atitudes, comportamentos em relação aos Planos de Curso e Programas e de Aprendizagem. Avaliação do processo compreende também as instalações físicas, as qualidades das salas de aula, o funcionamento dos laboratórios didáticos e de pesquisa, a atualidade e a disponibilidade do acervo bibliográfico, a articulação entre os módulos do curso, o currículo, o projeto pedagógico para as suas pretensões de formação.

Avaliação do desempenho dos educandos

As notas, que refletem o desempenho dos educandos nas avaliações realizadas, irão permitir que o colegiado do curso realize estudos no sentido de verificar o grau de domínio que esses adquiriram acerca dos diversos saberes e conteúdos previstos em cada Eixo Integrativo do curso. Com essa análise, será possível identificar lacunas e dificuldades no processo ensino-aprendizagem, avaliar e planejar coletivamente estratégias de superação. Outra forma de avaliação do curso será a aplicação de uma prova anual que visa obter informações acerca do alcance dos objetivos e competências estabelecidos nesse projeto.

Avaliação dos concluintes

Para os concluintes, será aplicado um questionário eletrônico disponibilizado no portal do egresso (www.ufrb.edu.br/egresso), com a finalidade de identificar a opinião dos educandos em relação a itens que foram investigados no seu ingresso na universidade (os seus interesses culturais, satisfação em relação ao curso e à Universidade, sua concepção de Universidade, os seus espaços preferidos de convívio, suas imagens de futuro etc.).